

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO do n. 54 — Junho, 1920

O Momento	ALBERTO RANGEL	97
Arte religiosa no Brasil	M. MORAES DE ANDRADE	102
Mão Paterna	MARIO SETTE	112
Terra Cahida	WALTER BATES	115
Oliveira Lima intimo	MARIO MELO	116
O "Croiséé"	GODOFREDO RANGEL	122
—	HENRIQUE CASTRICIANO	127
—	FRANCISCO GASPAR	132
Versos	ATHAYDE PARREIRAS	133
—	ODILON NESTOR	133
—	ARAUJO FILHO	134
Paiz de ouro e esmeralda	J. A. NOGUEIRA	135
Tradição e progresso	LUIZ ARAUJO CORRÊA DE BRITO	142
Um e outro	FIRMINO COSTA	147
A hygiene no Rio Grande do Sul	ALCINO SODRÉ	152
Academia Brasileira de Letras	REDACÇÃO	157
Bibliographia	REDACÇÃO	167
RESENHA DO MEZ: — Vasos de... ignominia (<i>J. A. Nogueira</i>) — Recenseamento — Emilio de Menezes (<i>Humberto de Campos</i>) — A Pyramide do Piques (<i>Vicente de Paulo Vicente de Azevedo</i>) — Frei allemão (<i>Escragnole Doria</i>) — O casamento entre carajas (<i>Coronel Rondon</i>) — A Reclame		173

CARICATURAS E ILLUSTRACÕES.



S Paulo

1920

Rio



REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO MENSAL

Director: MONTEIRO LOBATO

Secretario: ALARICO F. CAIUBY

ASSIGNATURAS

Anno	20\$000
Semestre	12\$000
Para o exterior, anno	25\$000
NUMERO AVULSO	1\$800

Assignaturas sob registro postal, mais 2\$400 por anno.

As assignaturas começam em qualquer tempo e terminam
em junho ou dezembro.

Não se devolvem os originaes.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52 (sobr.) — CAIXA POSTAL 2-B

SÃO PAULO



BYINGTON & CIA.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERRO DE ENGOMMAR

LAMPADAS

ELECTRICAS 1/2 WATT

ISOLADORES

TELEPHONES

Estamos habilitados para a construcção de Instalações Hydro-Electricas completas, Bondes, Electricos, Linhas de Transmissão, Montagem de Turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

Westinghouse Electric & Mftg. C.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & CO.

Telephone, 745-Central — S. PAULO
LARGO DA MISERICORDIA, 4



ETABLISSEMENTS

:: Societé
Anonyme

Bloch

au Capital de 4.500.000 fracs. ———

**FAZENDAS
E TECIDOS**

RIO DE JANEIRO

116, Rua da Alfandega

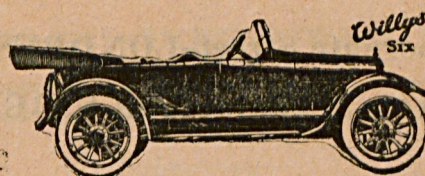
S. PAULO - Rua Libero Badaró N. 14

—— PARIS - 26, Cité de Trévise ——



Officinas e Garage Modelo

DIAS CARNEIRO & C.



UNICOS IMPORTADORES DOS

**Automoveis OVERLAND e
WILLYS KNIGHT**

Grande stock de accessorios para
automoveis.

**DEPOSITO PERMANENTE DOS
PNEUMATICOS "FISK"**

**Mechanica — Pintura — Sellaria
Carrosserie — Vulcanisação —
Electricidade.**

**Executa-se qualquer encommenda com
rapidez**

TELEPHONES:

ESCRITORIO Ct. N. 3479

GARAGE Cd. 5411

CAIXA POSTAL N. 534

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: "ALDICAR"

RUA 7 DE ABRIL N. 38

AV. SÃO JOÃO Ns. 18 e 20

São Paulo

CANTO LIBERO BADARO'

The British Bank of South America Ltd.

FUNDADO EM 1863

Casa Matriz:

4, Moorgate Street-LONDRES.

Filial em S. Paulo: RUA S. BENTO, 44.

Capital Subscrito £ 2.000.000	SUCCESSAES : - Manchester,
Capital Realizado £ 1.000.000	Bahia, Rio de Janeiro, Porto
Fundo de Reserva £ 1.000.000	Alegre, Montevidéo, Rosario
	de Santa Fé e Buenos Aires.

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul, Egypto, Syria e Japão. Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se de compra e venda de fundos como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação de cobrança de letras de cambio. coupons e obrigações sorteados e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

RECEBE-SE DINHEIRO, EM CONTA CORRENTE E A PRAZO FIXO, ABO-
NANDO JUROS CUJAS TAXAS PODEM
SER COMBINADAS NA OCCASIÃO.



WILSON SONS & CO., LTD.

Rua B. Paranapiacaba, 10
S. PAULO

CAIXA POSTAL, 523 — ENDEREÇO TELEGR.: "ANGLICUS"

Armazens de mercadorias e depósitos de carvão
com desvios particulares no Braz e na Moóca.

AGENTES DE

Alliance Assurance Co. Ltd., Londres Seguros contra fogo
J. B. White & Bros. Ltd., Londres . . Cimento
Wm. Pearson Ltd., Hull Creolina
T. B. Ford Ltd., Loudwater Mataborrão
Brocke, Bond & Co. Ltd., Londres . . Chá da India
Read Bros. Ltd., Londres Cerveja Guinness
Andrew Usher & Co., Edinburg . . . Whisky
J. Bollinger, Ay Champagne . . . Champagne
Holzapfels, Ltd., Newcastle-on-Tyne. Tintas preparadas
Major & Co. Ltd., Hull Preservativo de Madeiras
Curtis's & Harvey, Ltd., Londres . . Dynamite
Gotham Co. Ltd., Nottingham . . . Gesso estuque
P. Virabian & Cie., Marselha Ladrilhos
Platt & Washburn, Nova York . . . Oleos lubrificantes
Horace T. Potts & Co., Philadelphia . Ferro em barra e em chapas

UNICOS DEPOSITARIOS DE

SAL LEGITIMO EXTRANGEIRO PARA GADO MARCA
"LUZENTE". SUPERIOR POLVORA PARA CAÇA MARCA
"VEADO", EM CARTUCHOS E EM LATAS. ANIL "AZU-
LALVO", O MELHOR ANIL DA PRAÇA.

IMPORTADORES DE

FERRAGENS EM GERAL, TINTAS E OLEOS, MATERIAES
PARA FUNDIÇÕES E FABRICAS, DROGAS E PRODUCTOS
CHIMICOS PARA INDUSTRIAS, LOUÇA SANITARIA, ETC.



The British Bank of South America Ltd.

FUNDADO EM 1863

Casa Matriz:

4, Moorgate Street-LONDRES.

Filial em S. Paulo: RUA S. BENTO, 44.

Capital Subscrito £ 2.000.000	SUCCESSAES : - Manchester,
Capital Realizado £ 1.000.000	Bahia, Rio de Janeiro, Porto
Fundo de Reserva £ 1.000.000	Alegre, Montevidéo, Rosario
	de Santa Fé e Buenos Aires.

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul, Egypto, Syria e Japão. Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se de compra e venda de fundos como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação de cobrança de letras de cambio. coupons e obrigações sorteados e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

RECEBE-SE DINHEIRO, EM CONTA CORRENTE E A PRAZO FIXO, ABO-NANDO JUROS CUJAS TAXAS PODEM SER COMBINADAS NA OCCASIÃO.



WILSON SONS & CO., LTD.

Rua B. Paranapiacaba, 10
S. PAULO

CAIXA POSTAL, 523 — ENDEREÇO TELEGR.: "ANGLICUS"

Armazens de mercadorias e depósitos de carvão
com desvios particulares no Braz e na Moóca.

AGENTES DE

Alliance Assurance Co. Ltd., Londres	Seguros contra fogo
J. B. White & Bros. Ltd., Londres	Cimento
Wm. Pearson Ltd., Hull	Creolina
T. B. Ford Ltd., Loudwater	Mataborrão
Brocke, Bond & Co. Ltd., Londres	Chá da India
Read Bros. Ltd., Londres	Cerveja Guinness
Andrew Usher & Co., Edinburg	Whisky
J. Bollinger, Ay Champagne	Champagne
Holzapfels, Ltd., Newcastle-on-Tyne	Tintas preparadas
Major & Co. Ltd., Hull	Preservativo de Madeiras
Curtis's & Harvey, Ltd., Londres	Dynamite
Gotham Co. Ltd., Nottingham	Gesso estuque
P. Virabian & Cie., Marselha	Ladrilhos
Platt & Washburn, Nova York	Oleos lubrificantes
Horace T. Potts & Co., Philadelphia	Ferro em barra e em chapas

UNICOS DEPOSITARIOS DE

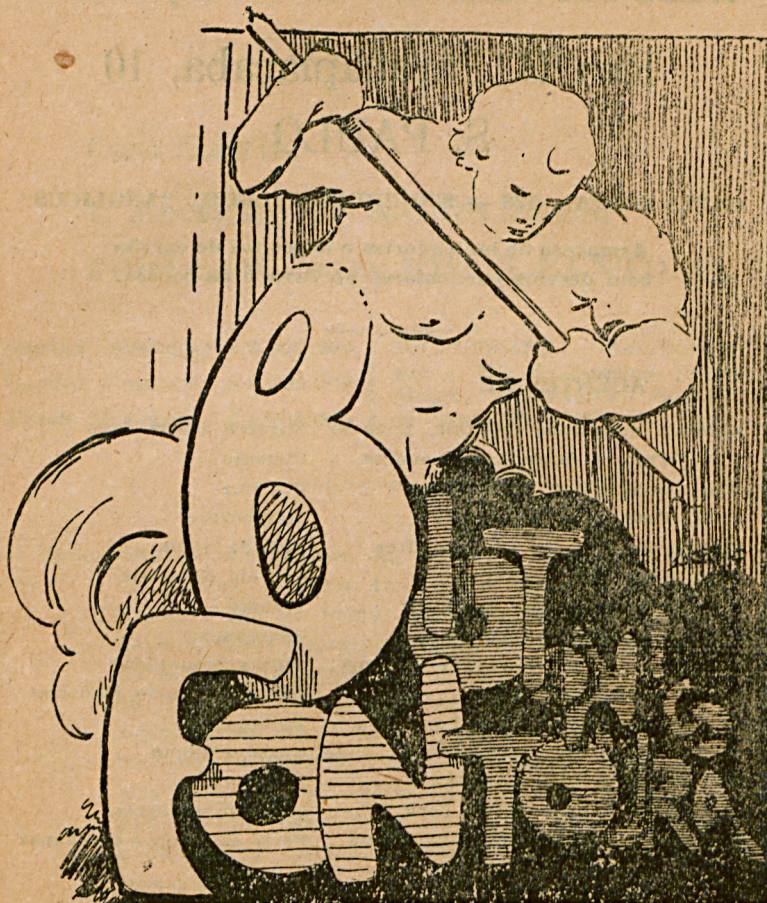
SAL LEGITIMO EXTRANGEIRO PARA GADO MARCA
"LUZENTE". SUPERIOR POLVORA PARA CAÇA MARCA
"VEADO", EM CARTUCHOS E EM LATAS. ANIL "AZU-
LALVO", O MELHOR ANIL DA PRAÇA.

IMPORTADORES DE

FERRAGENS EM GERAL, TINTAS E OLEOS, MATERIAES
PARA FUNDIÇÕES E FABRICAS, DROGAS E PRODUCTOS
CHIMICOS PARA INDUSTRIAS, LOUÇA SANITARIA, ETC.



COMO VENUS SAHIU DAS ONDAS,
O VIGOR SAHE DO "BIOTONICO"



Eminentes medicos affirmam que o **BIOTONICO** é o mais completo fortificante. Exerce acção benéfica sobre todos os órgãos, produzindo sensação de bem estar, de vida, de saúde.

O BIONTONICO cura todas as fórmulas de anemia. Cura a fraqueza muscular. Cura fraqueza nervosa. Augmenta a força e a resistencia. Torna as mulheres bellas e os homens viris. Infunde novo vigor aos organismos gastos ou enfraquecidos por molestias, por excesso ou por qualquer outra cousa.

E' notavel' sua accção nos organismos ameaçados pela tuberculose.

MACHINAS E ACCESSORIOS

Fabricação e Importação

FABRICAMOS MACHINAS

PARA A LAVOURA E AS INDUSTRIAS, COMO SEJAM :

Machina "Amaral" de beneficiar café, o maior sucesso da industria mechanica nacional; machinas completas para o beneficio de arroz e de algodão; idem para a fabricação de farinha de mandioca; idem para a fabricação de oleos de mamona; machinas completas para serrarias; ditas para cylindrar sola.

Importamos todas as classes de machinas. Temos sempre em deposito todos os artigos consumidos na lavoura. Os nossos oleos lubrificantes e as nossas corrêas para machinas são os mais praticos e efficientes. Quando o sr. lavrador ou sr. industrial precisarem de alguma cousa, peçam-nos preços e informações, sem compromisso.

Martins Barros & Co. Limitada

CAIXA POSTAL, 6

END. TELEGRAPHICO: "PROGREDIOR"

Rua Lopes de Oliveira N.º 2 a 10
Rua Boa Vista, 46
SÃO PAULO



PORCELLANAS

CRISTAES

ARTIGOS DE CHRISTOFLE

OBJECTOS DE ARTE

PERFUMARIAS

O melhor sortimento

—◆—
Casa franceza de

L. GRUMBACH & CIA.

—◆—
Rua de São Bento N.º 89 e 91

SÃO PAULO



REVISTA DO BRASIL

O MOMENTO

Si a acção conjugada de Epitacio Pessoa e Washington Luis, dois homens honestos, conseguirem pôr termo á horrorosa chaga do suborno da imprensa, esses dois presidentes terão prestado ao Brasil o mais assignalado de todos os serviços. Porque não ha maior crime do que suffocar o pensamento humano, e subornar a imprensa é suffocar, matar o pensamento humano.

E' a obra lethal por excellencia, a que conduz um paiz á mais completa degradação moral.

O povo tinha como garantia suprema dos seus direitos a voz dos jornalistas. Sempre na estacada, erão elles os gansos do Capitolio, os guardiães da liberdade, a propria voz do povo articulada de fórma habil. Compral-a, subornal-a, vale tanto como asphyxial-a, e outra cousa não tem feito a serie escandalosa dos governos republicanos. Com o dinheiro do povo, arrancado sob fórma de pesados tributos, elles envenenam, adulteram, amordaçam a voz do povo. E este, desnorteado, perde o unico meio até aqui inventado de escapar ao despotismo, meio que revolucionou o mundo e constitue a característica mais accentuada dos tempos modernos.

Além disso, o suborno á imprensa significa a apothese duma inversão de valores moraes. Significa o castigo do homem honesto e o premio generoso da pirataria.

Quanto mais venal fôr o jornalista, mais infame sua alma, mais de sevandija seu character, mais proventos colherá. E' a prostituição masculina, o aluguel ascoroso do cerebro para a manipulação do alcaloide da mentira com que se envenena o povo ingenuo.

E' o bordel mental vestido com apparatus de casa de virtude. E' a sociedade entregue ao governo dos piratas. E' o Pactolo do erario publico ao pé das Sanches de calças.

E é também o reverso disso, o esmagamento dos honestos, dos sinceros, dos verdadeiros amigos do paiz, dos bem intencionados, dos patriotas puros, das almas abnegadas que põem o bem publico acima de todas as cousas. Nossos governos não protegem as artes, não estimulam as sciencias—nunca ha verba para isso. Mas gastam contos de reis, aos milheiros, na engorda, té á obesidade, de quanto escrevedor crapuloso consegue extirpar-se da consciencia, do brio, da vergonha, para abrir prostibulario de idéas.

Nesta veniaga o prejuizo menor da nação é o dinheiro esbanjado nella, ascendam, embora, as sommas, a algarismos phantasticos — porque muito maior prejuizo representa o effeito moral do acto na consciencia do paiz. Os paes já não sabem em que principios ethicos educar os filhos. Ensinar-lhes as virtudes antigas, a honestidade sobretudo, é conduzil-os a um naufragio certo. Educad-os de accordo com a “moral” nova, é criar deliberadamente bandidos. Nesta angustiosa abertura os paes sensatos illudem a questão não lhes ensinando coisa nenhuma: lá se avenha a prole com a vida, e conduza-se com o opportunismo que lhe indicar o temperamento. Ora, isto é mortal. Não pode uma nacionalidade subsistir alijando na formação da mocidade todas as velhas bases da moral. Proseguir na senda é caminhar para um apachismo colectivo que nos levará á ruina.

No emtanto, a attitude dos governos para com a imprensa, não conduz a outro objectivo. Ou vendes a consciencia e terás tudo, ou permaneces honesto e serás esmagado. E’ este o dilemma...

E para metter o Brasil neste dilemma saqueia-se, criminosa-mente, o thesouro publico!

EXILIO E PROFANAÇÃO

Visitei São Vicente de Fóra, em Lisboa, verificando a exhibição que por alguns centavos, as autoridades portuguezas continuam a permittir, na sala macabra onde, em companhia de alguns principes de Bragança, se encontra o nosso D. Pedro II.

Não pretendo renovar a descripção d’esses ataudes enfileirados pelo solo ou pelo alto, numa desrespeitosa promiscuidade de defuntos esquecidos successivamente á autopsia por tempo de peste. Fel-o Gastão Doria com os carinhos de sua tocante veneração.

Nos arredores de São Gabriel, no Rio Grande do Sul, surprehendi-me certa vez perante um monte de ossadas humanas alvejadas no pampa pelas soalheiras e minuanos, que as desgastavam. Achavam-se confundidos no ultimo entrevero os cavallerianos e peleadores nos galopes de alguma insurreição gaucha.



Na mesma rajada, que ali os houvesse ajuntado, dissolviam-se em poeira sem guardar a lembrança de um nome sequer. Era funebre, mas o vento, os sarandys, a agua da sanga, tudo o que bafejava ou rodeava esses despojos como que os consagrava numa especie de communhão latente da terra com os seus agitadores ferozes e esquecidos.

Os ossos innumeraveis arrojados aos subterraneos das antigas pedreiras de Paris contristam. Mas, se tratam dos vestigios de populações que, embora dispostos impropriamente no seu jazigo de cambulhada e refugio repousam em immensas galerias onde ha, pelo menos, a conveniencia de longos silencios por uma treva adequada.

Na catacumba siciliana o frio horror dos exhumados que a terra esturricou, e lá se vêem pendurados a um muro, é uma lição tremenda em que parece confirmar-se o tredo programma de uma expiação prolongada para além da campa.

Nada, porém, d'essas impressões no antigo convento lisboeta. Ali a morte é rebaixada a uma marmota barata, repulsiva e sacrilega. Trepando a uma escada o visitante mais irrespeitoso e malandro tem o direito de metter os olhos dentro do feretro imperial e regalar-se de vêr como apodrece um ancião inanime, na sua majestade coroado de limos e tortulhos...

Com que sentimentos discordantes e varios, da piedade á repugnancia, contemplará esse morto solenne a galeria dos que se inclinam sobre o seu rosto em que já não se mascara a putrefacção !

De que maneira vibrarão ante o esquife do monarcha, decahido até da commiseração que leva a dar-se sepultura a gatos e a cães, o labrego portuguez que o encara por uma senha de tostão, ou o inglez duro, formalista e furão, que todos pelo mesmo preço, compram esse direito? O coração dos brasileiros, sei-o por mim, ha de pulsar em sobresaltos de pejo e de revolta, considerando esse velho patricio maltratado em publico pelos elementos de uma decomposição incoercível, talvez por não poder mais assignar uma promoção ou crear um emprego...

E' então assim que se hospeda o cadaver de um augusto exilado, tornando-o objecto de uma exploração a tintens para repasto da curiosidade publica? Na torre indiana do Silencio davam-se os mortos ao pasto dos abutres, não se os deixava insepultos para attrahir gorgetas ou engordar o erario com propinas a gatos pingados. Desvelada no museu do Cairo a face de Raméses II tem a desculpa de ser quasi prehistorica. A de D. Pedro II, que ainda se não petrificou nessa massa de que são



oleiro os longos seculos imprecisos, corrompe-se na passividade hodierna de dous pobres povos...

Arrepelo-me contra a exposiçãõ do corpo apodrentado do principe no desterro, porque d'aquelles todos reunidos na sala funeraria é elle o unico castigado e extranho. E não é curial que se abram excepções de indiscrĩaõ ao hospede da casa em pleno sacrificio...

Não deve durar mais a degradação d'esse spectaculo de S. Vicente de Fóra. Se é impotente o meu paiz para recolher á patria o filho que tanto a beneficiou e honrou, e se não póde a Republica portugueza mandar vedar a transparencia do vidro por onde é dado a toda gente contemplar, n'aquelle estado de mumia que falhou, o nobre, o grande Imperador do Brasil, e nem tão pouco o governo lusitano deixar de cobrar um obulo á afronta profanadora d'essa inspecção vulgar e quotidiana, que aliás já soube prohibir sobre o esquife de D. Carlos, então que a filha e netos de D Pedro recorram aos sete palmos de terra de uma valla caridosa, emquanto não ha remedio ao Esquecimento e á birra do Pouco Caso do Brasil para com o seu grande amigo e antigo soberano.

Não merecia, com effeito, a alma d'esse magnifico vulto, que nos governou limpidamente por mais de quatro decennios, e foi comparado (sem subvenção do Thesouro Publico) á flôr dos Antoninos, a irreverencia da situação de abandono entre extranhos, aos vexames da materia que se transforma sem o recato ao menos de uma cova rasa. Demais não se proscrevem mortos. A Razão d'Estado que a isso obrigasse seria bem desarrazoada...

Mas, sejam quaes forem os motivos pelos quaes o poder publico brasileiro ainda não decidiu remover o corpo de D. Pedro, sua responsabilidade é grande. Não ha lugar á Politica quando se presuppõe a questão do decoro a um cadaver...

Se isso fosse um motivo para a consulta ao Suffragio popular, estou certo de que os brasileiros sensiveis ao remorso de um dever postergado, e pelo menos superiormente misericordioso e christianissimo, não deixariam de dar o seu voto a essa transladação com a qual não só arrancaríamos o grande morto ao mais incomprehensivel dos superbanimentos, mas tambem se extinguiria uma réles exposiçãõ de varejo na qual se rebaixa a cultura elementar de duas nações irmans.

Um projecto de lei recente marcou para solemnizar o centenario da Independencia Nacional a transferencia dos restos imperiaes.

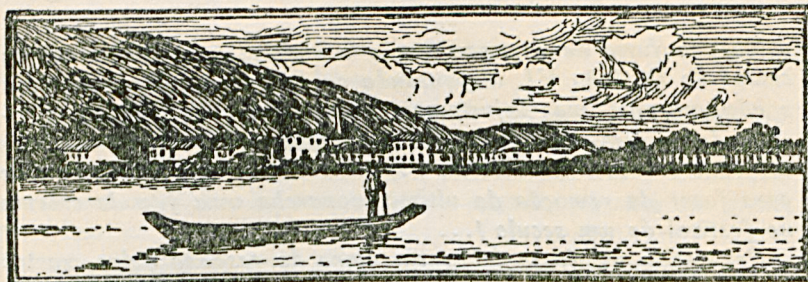


Na sua furia de commemoração o legislador reclamou até as cinzas de D. João VI, dispensando as de sua mulher, a megera e adúltera real, mas injustamente glosando as do filho, o Proclamador d'essa Independencia que se intenta celebrar mexendo até com os ossos do Rei da Primeira Palmeira... Dous annos para fazer da remoção do ultimo monarcha uma fita de cinema no festival de um seculo !...

Permittido me fosse fallar em nome do respeito pelos mortos e da commoção d'esses transeuntes e compatricios que testemunham aquelle abuso e impiedade de Lisboa, exclamaria: Basta de exilio e cesse a profanação! Sejam os restos do brasileiro D. Pedro de Alcantara devolvidos sem mais tardança á sua terra, e haja enfim no Brasil uma pedra de sarcophago para seu leito de paz e immortalidade !

ALBERTO RANGEL





ARTE RELIGIOSA NO BRASIL

POR

M. MORAES DE ANDRADE

EM MINAS GERAES

Vibravam os ultimos accordes do seculo 17 quando os nossos centros de progresso sofreram o grande abalo do desenvolvimento da mineração. Os bandeirantes paulistas voltavam — quando voltavam! — dum sertão misterioso, humedecidos ainda da cabeça aos pés no ouro liquido dos ribeirões, tendo descoberto só por detraz das brancas serranias, na cerrada região das florestas sombrias o mirifico Eldorado de Pizarro. Logo se partia toda uma multidão variegada de brasileiros e reinois em busca dessas paragens de ouro massisso; e sobre o ouro massisso dessas paragens eugastavam a pouco e pouco os brilhantes das povoações. Rapidamente cresceram, explodiram, em faiscas de civilização ficticia, para decairem, um século mais tarde, marasmadas no cansaço, mórbidas na desilusão, exauridas no esforço sem lazer. Suportando as aventuras dessa malta flutuante algumas cidades conseguiram sobreviver, depauperadas embora pelo ciume brusco da terra, a qual recolheu os seus ouros, que a gente ignara em vez de aproveitar para a grandeza de trabalhos seculares, desperdiçava no quarto-de-hora dum orgulho, dum ágape, dum amor. Castigo! Villa Rica, — centro de fausto, Marianna — centro de instrucção, S. João d'El Rei — centro de heroicidade, perfilaram-se num mutismo sem desdem, numa inércia triste, apenas amostrando ao escasso viajor que corre as

aventuras de estradas de ferro innomináveis, levantando a medo o pesado manto de destêro em que se embuçaram um coruscar de glórias mortas. Foi nesse meio oscillante de inconstancias que se desenvolveu a mais caracteristica arte religiosa do Brasil. A Igreja poude ahi, mais liberta das influencias de Portugal, proteger um estylo mais uniforme, mais original, que os que abrolhavam podados, áulicos, sem opinião propria nos dois outros centros. Estes viviam de observar o fardim luso que a miragem do Atlantico lhes apresentava continuamente aos olhos; em Minas, si me permittirdes o arrojo da expressão, o estylo barroco estilizou-se. As igrejas construidas quer por portugueses mais aclimados ou por autoctonos algumas, provavelmente, como o Aleijadinho, desconhecendo até o Rio e a Bahia, tomaram um character mais bem determinado e, poderiamos dizer, muito mais nacional.

A propria matriz de Caeté, famosissima, cujo traço foi trazido do reino, não tem a importancia artistica do Carmo de S. João d'El-Rei ou da inacabada S. Pedro de Marianna. O grande mal do barroco é ter o mesmo defeito do estylo dos romanos: ao passo que por uma nobre unidade estética, no estylo grego ou no gótico, o elemento decorativo reside na parte intrinseca da construcção, o romano costumava de elevar os seus monumentos para depois recobrir-lhes por completo a estructura como os brocateis de abundante decoração. Como o artista heleno fallando ao alumno que esculpira uma Venus arreiada de enfeites e de túnicas, pôde-se dizer do estylo romano que elle fez construcções ricas por não poder faze-las bellas. O barroco tambem procede assim, com a circumstancia pejorativa de ser nelle a propria decoração que determina o estylo. Ora, na architectura religiosa de Minas a orientação barroca — que é o amor da linha curva, dos elementos contorcidos e inesperados — passa da decoração para o proprio plano do edificio. Ahi os elementos decorativos não residem só na decoração posterior, mas tambem no risco e na projecção das fachadas, no perfil das columnas, na forma das naves.

Com esse character assume a proporção dum verdadeiro estylo, equiparando-se, sob o ponto de vista histórico, ao egipcio, ao grego, ao gótico. E é para nos um motivo de orgulho bem fundado que isso se tenha dado no Brasil.

Das capelas primitivas, poucas tem algum interesse artistico, isso mesmo porque foram varias vezes reformadas. Nomearei a de S. João possuidora do famoso crucifixo de



marfim que é uma das mais perfeitas obras de arte do Brasil. Não me foi possível visitar a capela de N. S. do Parto onde existe um altar "cuja riqueza é quasi phantastica" no dizer do sr. Furtado de Menezes. Conjectura o mesmo escriptor ter sido esse altar ainda construido sob as vistas daquelle pedinchão padre Faria, sobre o qual informam os engraçados versos, que começam assim:

Pregava o padre Faria,
E logo ficou patente
Que o sermão acabaria
Pedindo dinheiro á gente.

Entre os monumentos catholicos de maior vulto que a phantasia mineira levantou, a matriz de Ouro Preto é das mais importantes. A' feição dos grandes templos da edade-media ella foi se modificando pouco a pouco, perdendo quasi a austera apparencia primitiva á medida que a estesia dum novo artista ajuntava-lhe uma nova parte, fossem columnas ou torres. Sendo uma das mais antigas, ella inicia a série das construcções phantasistas, apresentando uma nave elipsoide de muito arrôjo e rara graça. E' perfeitissima a sua obra de talha, sendo talvez sómente sobrepujada pelo altar-mor de N. S. do Bom Successo em Caeté.

A matriz de Marianna, contemporanea da de Ouro Preto, conserva ainda a sua primitiva fachada e traz o seu interior dividido em 3 naves, exceptuando-se assim da disposição em nave singela das igrejas mineiras. Nella deparei um quadro que me pareceu, á luz do dia plúmbeo em que o examinei, duma extraordinaria perfeição. Busquei saber-lhe o autor e a época em que ali fôra collocado, não logrando obter informação satisfactoria. Nem sua excia. revma. o grande arcebispo D. Silverio, tão amigo das obras de arte da sua terra, o soube dizer. Guardo-me para, em mais descansada viagem por essa Minas que tanto amo, responder a esta interrogação.

A matriz de Caeté, que para Diogo de Vasconcellos rompeu a marcha gloriosa do impulso mais artistico dado ao barroco jesuitico em Minas, é monumento ciclopico, duma grandeza e duma imponencia extraordinarias, e, o que mais vale, de proporções tão felizes que passa despercebida ao observador fugaz a sua massa formidavel. Na cimalha que ladeia o frontão e as torres podem largamente passear, de mãos dadas, tres pessoas. E' obra ingente, verdadeira maravilha de pro-



porção e de força. Entramos depois numa phase em que se construem os mais formosos templos do Brasil. Não vos assusteis com a ousadia desta afirmativa, vós que vedes a nossa Paulicéa recobrir-se de matrizes novas, infelizmente feitas com tanta rapidez! Estas poderão ser boas matrizes, poderão mesmo ser bellas, mas — insisto — não são brasileiras. A propria Minas, aliás, já rechassa as suas tradições! Nesse encantado reino do silencio que é Bello Horizonte a matriz será gótica e a actual igreja de que se servem os cidadãos não vos poderei dizer o que é, porque resume todos os estylos. Orgulha-se com a pedanteria de ser uma enciclopédia... Nessa phase que, partindo do segundo quartel do século dezoito, vae alcançar os confins delle, elevam-se as torres dos Carmos de S. João d'El-Rei, de Marianna e de Ouro Preto, do Rosario de Ouro Preto e, engendrada pelo genio ático do Aleijadinho, S. Francisco de Assis. E' nesse estádio que, em vertiginosa subida, o barroco atinge a sua feição mais acertada e mais nobre. No proprio projecto do Castelli para o Duomo de Milão elle se escurenta com o mesmo erro estético da architectura romana; já no espirito destes mineiros ousados a comprehensão do estylo é menos exterior e ao passo que a decoração se simplifica a phantasia curva reflecte-se nos planos. Si as proporções nem sempre são observadas com fino gosto: fachadas de maior harmonia apresentará a architectura nacional superando a igreja de Antonio Francisco Lisboa? Quem com maior ousadia, em nossa terra, delineou um plano como o da igreja de Chico Rei? Quem poliu columnas mais phantasiosas, e no entanto bellas, que as que suportam o côro da S. do Carmo?...

Carece-me o tempo para que vos descreva ao menos essa igreja de S. Francisco de Assis onde eu pude sobre tudo amar o genio do Aleijadinho e orgulhar-me delle.

Antonio Francisco Lisboa é o unico artista brasileiro que eu considero genial, em toda a efficácia do termo. Esse mesquinho, que atravessou toda uma vida insulado na dor de ser feio e repellente, buscando dia a dia na sua biblia a consoladora recompensa de se ver amado por um Deus, procurando na afeição do seu escravo Mauricio, como um Camões da esculptura, um éco das amizades que lhe recusara o mundo, sem meios para uma viagem de estudos ao Rio ou á Bahia sómente, na sujeição constante das formas que vencia tirando da pedra ou da madeira os seus santos e os seus anjos, esse mesquinho considero-o eu um mesquinho genial. Por certo que não vou encontrar nas figuras que esculpiu a obra de arte impulsionadora onde a alma fogosa do artista se alinda com a lição do passado, a alma criadora do genio vivia nelle,



faltava-lhe a instrução. Toda arte rudimentar deriva ou para a observação fiel da natureza ou, em razão das suas poucas forças, para a idealização do que não pode reproduzir; todo genio inculto tende para o realismo ou para a estilização. O artista das cavernas préstóricas foi assim. O Aleijadinho, em ultima análise também assim foi: apenas a sua potencia criadora, si tantas vezes produziu obras dum realismo incorrecto, poz uma alma dentro de cada pedra que desbastou.

Si a função do genio é criar instruindo, descobrindo feições novas á arte ou á sciencia, norteadas diferentemente dos pósteros, Antonio Francisco não seria genio; mas essa função altruistica si é a melhor, socialmente fallando, não é a unica. O architecto de S. Francisco ficou só, num meio inculto não criou prosélitos, nem deu uma faceta diferente á sua arte; mas a sua força foi tamanha, mas o abalo que causou foi tão grande que até hoje em Minas vibra a memoria delle como si elle morrera hontem.

Toda a Minas religiosa está tão impregnada da sua genialidade, que se tem a impressão de que tudo nella foi criado por elle só. Esse misero, feíssimo, corcunda, baixote, sem mãos, amarrando nos côtos dos braços os instrumentos com que fazia explodir da pedra sabão as visagens dos seus romanos e borboletear o sorriso alado dos seus arcanjos, reduziu Minas num só artista: elle! Si o escultor dos prophetas visse numa outra sociedade mais culta, e pudesse instruir-se na contemplação das obras antigas elle seria sem duvida um dos grandes da arte, criaria discipulos, deixaria escola tal a genialidade que se lhe descobre na observação atenta da obra. Mas apenas crente humilde, alforriando-se da escravidão da vida com as oitavas de ouro que lhe a Igreja pagava, viveu esculpindo o seu sonho de fé — beatos e infieis — dando aquelles todo o amor da sua piedade, sonhando a estes, num ódio innocente, a belleza que lhes pudera dar. Si em S. Francisco de Assis deixou a sua obra mais perfeita, em Congonhas do Campo está a sua obra mais grandiosa. Ahi levantam-se os doze profetas de pedra, já bastante damnificados pela populaça que accorre annualmente ás festas do Santuario; ahi vivem as 74 figuras de madeira, tamanho natural, representando os passos da Paixão. Congonhas do Campo é o maior museu de esculptura que existe no Brasil. O revmo. padre Julio Engracia nas engraçadas considerações que faz sobre arte na Relação Chronologica de S. Bom Jesus de Congonhas pede com insistencia que se destruam essas imagens; contou-me o actual zeloso sacerdote que dirige o Santuario que, lá chegado, encontrou um artífice sem nome encarregado de con-



certar as figuras de Antonio Francisco por serem demasiado feias. Vandalismo! Mas que compreensão temos nos da arte, pois que queremos destruir um herege hediondo ou um S. Jorge de má catadura que o Aleijadinho esculpiu? Não é exacto, como assevera o historiador do Santuario que todas as figuras sejam igualmente feias. Si o historiador tambem é feio, devemos nos expulsa-lo da nossa terra? O! progressos da Eugenia! Embora como na Flagellação ou na Coroação de espinhos haja figuras deploraveis, que se dizer do S. João dormindo? e o Christo do Jardim das Oliveiras? e as mulheres da subida ao Golgota? E o maravilhoso Christo pregado á cruz? e os dois ladrões tão bem caracterizados? e a adoravel criança do cravo? e a esplendida figura do centurião? Quasi todas as madonas da escola flamenga são horridas e pansudas; na escola allemã, Lochner, Schougauer, Cranach, Holbein pintaram rostos de santos com feições avernais; na propria Italia, senhores, o Giotto da Santa Croce, o Mantegna do Jardim das Oliveiras, das santas mulheres do Calvario, e o Verrochio e o Filippino Lippi, e o Bellini da Pietá e o Crivelli tem santas feíssimas; na França elegante o mestre de Avinhão e o João Fouquet, os escultores góticos fizeram monstrenhos por santos: mas é no Brasil que se não toleram os santos feios! Havemos de eternamente gosar só com a arte sem arte dos cromos e dos santinhos de tostão? Porque o Aleijadinho para se vingar do escarninho João Romão dá ao S. Jorge as feições abarrigadas daquelle, ou para se vingar de infieis maltrata-os por sua vez, ou foi menos feliz num rosto de Jesus: que lhe destruam as obras, fazendo desaparecer junto com hediondezes, bellezas incessantes? Vandalismo! Um trabalho para ser designado como obra prima não implica inteira perfeição, basta aproximar-se della. Si obra-prima fosse synonymo de perfeição, nenhuma haveria no mundo; todos nós herdamos de Eva. Descubrem-se defeitos no Apolo do Belveder como no Miguelanjo da Sixtina; ha senões na Iliada como os ha no Tristão! quem ousára negar-lhes o titulo de obras primas? O Aleijadinho uma deixou: S. Francisco de Assis. Ah! tudo que é esplendido é delle. A planta é sua como a harmoniosa e nobre fachada; são delle os dois pulpitos de pedra; a porta; o taumaturgo recebendo os estigmas do medalhão exterior; a obra de talha é delle e dos seus 3 escravos; e é delle finalmente a fonte da sacristia — o trabalho que mais me orgulha de toda a arte nacional. S. Francisco immortaliza o homem que a imaginou. O Aleijadinho deixou uma obra immensa, espalhada por toda Minas:



Junto delle os outros artistas obumbram-se por completo. Poderíamos ainda citar o Francisco Pombal da Matriz de Antonio Dias, um João da Silva Madeira que se celebrizou nos púlpitos da matriz de Ouro Preto... Na pintura Minas lembra dois nomes: Viegas, do qual apenas vi, certamente seus, dois trabalhos que me não impressionaram, no palacio arquiiepiscopal de Marianna e esse notabilissimo Ataíde que deixou na Penitencia dessa mesma cidade as mais admiraveis pinturas á cola de Minas.

Necessario se fez restringir assim o meu trabalho: não tomasse elle proporções ingentes. Submetí-o a um leito de Procusto para não causar a vossa piedade. Ainda assim: talvez a minha audacia de encontrar genuinas obras de arte nacional na colonia seja tida por vesania ou tomada á guisa de exaltado patriotismo. Asseguro-vos que não agi assim. Vi, com olhos de ver, o que por ahi havia de defeitos e qualidades. Num trabalho que não é positivamente critico, eu não poderia esmiuçar nem estas e muito menos aquellas. Limitei-me a contar-vos que ha por este grande Brasil lindas coisas, que á Igreja devemos, e que podem ser vistas, não só com olhos sentimentaes de patriota, com olhos humildes de crente, mas com olhos enlevados de artista. Não censuro o brasileiro que quer ver Paris, desejaria apenas que elle visse a Bahia, o Rio das vielas estranguladas que ladeiam a Avenida Central e principalmente abrisse o Sésamo acolhedor e encantado de Minas.

OS NOSSOS TEMPOS

Mostrei-vos o que fez a Igreja no dominio das principaes artes plásticas antes da nossa independencia... Um século vae esta fazer: poder-se-hia afirmar que as artes religiosas progrediram tambem e já proclamaram o seu grito de liberdade? Não. Concordou a grande maioria dos nossos prelados, respondendo a um inquerito de jornal, de que informa F. Badaró na "Revista do Brasil", que a religião catholica progride em nossa terra, sem siquer ter sofrido o abalo da separação que lhe impoz a Republica. E' inegavel que o estado da nossa confissão religiosa e do clero melhoram dia a dia; mas no dominio da arte, além da decadencia, os elementos de que dispomos dispersam-se, orientam-se por idéas diversas e erroneas. Em vez de continuarmos a suave ascensão que trilhamos, buscando na tradição o trigo alimentar, procuramos outros estilos, outras fórmulas como se pudessem estes co-



movidamente fallar á alma do povo. Aliás o que se passa entre nós é mais ou menos o reflexo do que se passa nos proprios centros de arte europeus; apenas, por uma circumstancia natural neste estado de cousas, o reflexo é maior que a luz. Na Europa cada paiz esforça-se por conservar as suas tradições artisticas, ao passo que entre nós, tambem aquinhoados com uma tradição, embora parca, o que impera é o desejo de "épater le bourgeois" com formas exóticas. O povo tem no seu fundo hereditario uma corda sentimental que vibra intensamente a certas visões do passado. A nossa gente é quasi tão saudosa como a lusitana e ainda accentua essa inclinação pelo sangue da raça escrava e da raça expulsa que lhe corre nas veias. Seria demais aproveitar a Igreja todos esses preconceitos ancestrais para influenciar o nosso povo, utilizando-se do pouco de arte que nos ficou do passado, renovando-o com intelligencia, criando enfim uma arte tradicional que desperte em nós uma recordação de épocas mortas? Não. Inspira-nos acaso alguma saudade feliz: um portal romanico, uma cúpula etrusca? Não. Cobrir-se-ha de frutos a macieira transplantada para o Equador? Não. Tudo não. Neste orgulhoso estado de S. Paulo, que se não podia, com justiça, contentar com as igrejas velhas, pardieiros a esfrangalhar-se, foi necessario substituir tudo. Onde fomos buscar inspiração? Em Portugal, que nos deu o que possuímos? ou nos progressos dessa dádiva, realizados na vastidão do Brasil? Nada disso. Queriamos ser progressistas, reformadores, cubistas, fomos buscar o que não era nosso, imitamos sem altivez, copiamos sem engenho, é possível que ainda acceitemos como templo uma imitação de Karnak, um plagio de Santa Sophia; e, porque as paróquias não possuíam o dinheiro necessario ás construcções sumptuosas, nem nos poderíamos contentar com obras demoradas, levantámos igrejas que se limitam a ser o que são velhotas faceiras e pobretonas: uma imitação, lacrimável, embranquecida a polvilho, enfeitada com diamantes de mil reis. O erro nosso de construir igrejas nos mais estrangeiros dos estylos propaga-se com rapidez perniciososa por todo o Brasil. Quebrou-se bruscamente a cadeia da arte religiosa nacional: todos os estylos penetraram a praça numa sarabanda de mistificações. Na Bahia, em Minas, na Capital Federal, no Rio Grande do Sul, em toda parte, si houver uma capellinha por construir, é preciso que seja helenica ou sessessionista. E o nosso barroco?...

No entanto elle, aproveitado segundo as necessidades do presente, não poderia apresentar obras esplendidas? O cri-



terio com que certos paizes europeus pretendem reconstruir as suas villas e cidades e os seus monumentos publicos é todo outro.

A Allemanha não irá buscar na Cochinchina uma tradição que já tem; nem a França na Bretanha o typo de casas com que reconstituirá as aldeias da Alsacia, como o demonstram já cabalmente os interessantes trabalhos do sr. Paul de Rutté. Na Hespanha os estudos de Antonio Gandi, de Artigas, de Puig y Cadafalch tendem para essa nacionalização da architectura. Em Portugal, Raul Lino endireita-se pela mesma senda... Olhai agora para a igreja de S. José de Bello Horizonte. Estamos em pleno carnaval. E' apavorante, desconcertante, acabrunhadora, inconcebivel na disparidade das cores e dos estylos: é a realização architectonica daquella espantosa Chica da Silva, do Tijuco. Acabrunha, senhores. Entrai-lhe o pórtico manuelino, vereis a obra-prima do mau gosto. Nas suas paredes encontrareis todos os mil e um arabescos que os mouros imaginaram, vereis todas as passagens da escriptura, todas as vidas de canonizados, as onze mil virgens e, que sei lá? E' sumptuosissima, grande: falta-lhe a magestade, falta-lhe a unção, tem o ar mofento do museu, é uma orquestra que se afina antes do concerto. Qualquer outra capella de Minas é mais piedosa e mais bella.

Os grandes monumentos podem ser construidos nos estylos que se universalizaram mais ou menos pela sua belleza. Não modifica a feição duma cidade brasileira que lhe seja a cathedral de estylo gótico. A justificação da nossa estaria nas proprias palavras do sr. Ricardo Severo, apóstolo do estylo tradicional, quando diz: "o caracter duma cidade não lhe é dado pelos seus monumentos, collocados em pontos dominantes, grandes praças ou lugares históricos. Ligam esses locaes as ruas e avenidas marginadas por casas de variado destino, e são estas que dão a caracteristica architectonica da cidade". Poderíamos collocar as igrejas paroquiaes no rol desses monumentos? Certamente que não. A cathedral é a confirmação universalizada duma crença, abrigando alem de todos os cidadãos, os forasteiros; a igreja paroquial responde ás necessidades diarias duma povoação, é a lareira onde se reúne a familia, nos domingos, para cantar o Credo consolador. O seu estylo deve ser regional e tradicional: Ligar-se ao passado, correspondendo ás inclinações do presente. Nós já estamos mais ou menos habituados a esta diversidade de estylos que dá a nossa urbe um aspecto de exposição internacional; é nas cidades antigas que melhor se percebe esse erro. Na rua de S. José, em Ouro Preto, toda ella ladeada de casas

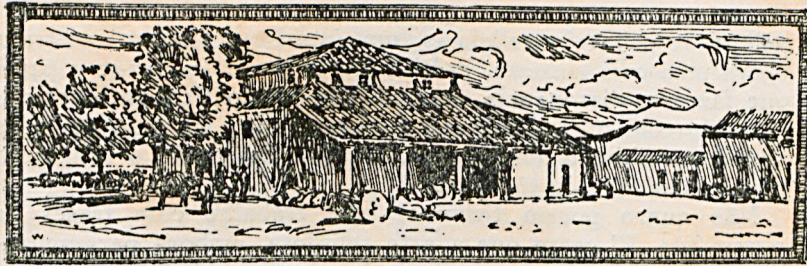


velhas, respeitáveis, religiosas, um futurista qualquer construiu agora uma casa cinzenta, exótica, moderna. E' de ver-se o papel que faz essa dissonância, esse edificio esquipático, anti-clerical, parecido com o sr. Medeiros e Albuquerque, no meio de todas aquellas velhinhas engelhadas, crentes, desfiando o seu terço para o azul do céu tão perto !

Não quero porem terminar este trabalho com frases de pessimista. E' certo que a arte religiosa, embora perseverando nesse grave erro tem acabado alguns trabalhos de valor. A matriz de Campinas encerra entalhaduras das mais perfectas, obra de 3 artistas bahianos, cujo chefe foi Vitoriano dos Anjos. Bounard elogiou sem reservas a fabrica romanica duma das nossas matizes; a Capella do Santissimo no Mosteiro de S. Bento é obra sem falhas, admiravel, apesar de ter desagradado a grande maioria do publico, que, como era natural, não a poudo entender. Faremos para terminar uma referencia toda especial ao projecto, em via de execução, do sr. Pzirembel para a futura capella do Monserrate, em Santos. O artista soube beber na fonte tradicional, criou um delicioso projecto onde nem faltam os azulejos, que os nossos architectos em tão boa hora reabilitaram.

Deixai-me esperar por um melhor futuro! O tradicionalismo agita-se em nossa terra. Esta boa cidade de S. Paulo já possui artistas que procuram descobrir nas paginas de pedra das igrejas centenárias o credo dum novo estylo. Talvez nós mesmos possamos ainda ver renovar-se no fundo sempre verde das nossas paisagens a igreja simples e nobre, a capella risonha e sentimental que nos aponte no passado o heroismo branco dos Anchietas, o heroismo rubro dos catholicos bandeirantes! Veremos elevar-se nos flancos da Sempre-Amada novos templos brasileiros que serão como um éco dessas igrejas avitas, que se coloraram com a pedra rósea do Itacolomy. Esta querida e grande ara de cabellos auri-verdes hade cantar ainda, na voz da saudade, as cantigas da tradição ! E' de crer que a Igreja, quando se acentuar com mais firmeza esse movimento nacionalista da arte, que ainda vage nos linhos da infancia, enfim realizando o bello architectonico de fundo tradicional, é de crer que a Igreja saiba se aproveitar delle e nos dê ainda templos nossos, capellas brasileiras onde a comoção religiosa da raça palpita, como num lar avoengo, desfiando, sob a protecção do nosso catolico passado, o rosario das oblações ao Senhor.





MÃO PATERNA

POR

MARIO SETTE

No esmorecer da feira de um domingo, o coronel Tinoco trocára umas palavras asperas com o Jóca, pobre homem, já sexagenário, que vivia de uma pequena olaria, da outra banda do rio, a fabricar pótes, moringas e panellas de barro, muito grosseiras, muito sem geito mas que se vendiam pela vóga que ganharam como duradouras.

A rixa entre os dois homens — um o poderoso chefe politico da localidade, outro, humilde morador da zona — datava de uma eleição em que o Jóca se negara a votar contra o general Dantas Barreto, cujos feitos de coragem, em Canudos, a sua imaginação recebera numa narrativa, para nunca mais amortecerem no seu entusiasmo lealdoso. O coronel não esqueceu a “rebeldia” e, embora o velho não a provocasse, “cuidando da sua terra e da sua gente, que já não era pouco...”, começou a perseguir o matuto, veladamente, em pequeninas cousas, procurando acirrar um gesto de revolta que justificasse violencias.

Jóca, experiente na idade, fechava os olhos ás pirraças que ainda lhe não remexiam “lá dentro”, nem “lhe engulhavam o estomago...” O diabo era si bolissem com o “seu povo”, com a sua Marianna, uma mocetona airosa, ou com o seu filho Lucas, rapaz de deseseis annos, franzino, que ajudava o pae na olaria, o “seu braço direito”, como costumava dizer.

— Aquelle homem! Aquelle homem! Não ha que fiar: alguma arte elle arma! — monologava o Jóca, ás escondidas, temendo assustar os filhos.

CLODOMIRO AMAZONAS



Paisagem mineira



Paisagem mineira

CLODOMIRO AMAZONAS



Estudo

E, de feito, em Fevereiro, o coronel vingou-se: metheu, indevidamente, o Lucas no ról dos alistados para o exercito, lista que era feita no Paço da cidade, nella entrando apenas os que menos dóse de sympathia merecessem, e o rapaz foi sorteado. Debalde o pae fez vêr que o filho tinha apenas 16 annos e que, fraquinho, não poderia "sentar praça". Recorreu até ao vigario, que o batisara, porem este, na esperança de uma cadeira na futura deputação estadual, torceu a cara, desconversou. O pobre velho viu-se desamparado: ia perder por longo tempo o seu companheiro, quasi parar o trabalho, pois, quando andasse fóra, a vender os seus pótes, quem ficaria amassando e cosendo o barro, em casa! E o seu Lucas, assim "movido" aguentaria aquelles "repuxos" do quartel? Já de uma feita elle não botára sangue dos peitos?! E depois, com essas novidades de guerra! Não se engasgava, não! Ia dar de cára com o coronel, dizer-lhe umas verdades, custasse o que custasse. Medo só dos castigos de Nosso Senhor.

Na vespera, sob pretexto de se não haver apresentado em tempo, Lucas foi preso na olaria quando mettia nas fôrmas uns tijollos de encommenda e arrastaram-no sem que ao menos se despedisse do pae que tomava sentido á bôcca do fôrno. Foi Marianna quem, da porta de casa, deu o alarme. E Jôca tomou a resolução de se entender com o coronel, no outro dia, a qualquer hora, em qualquer canto...

A feira se acabava; ao escurecer. No pequeno pateo da igreja pouca gente se movia: uns bois focinhavam restos de fructas, palhas de milho, bagaços de cannas. Uma velha arrastava um carrinho tôsko em que o marido, paralytico, chagado, esmolava. Todos procuravam galgar a ponte grande quando o "bate bôcca" do "seu coroné Tinôco" com o "Jôca da Ollaria" teve principio. Era commovedora a indignação do velho e irritante o sarcasmo do chefe politico. Deste, as palavras sibilavam como as cobras que se escondem nas capoeiras; daquelle, as phrases borbulhavam como as aguas do açude quando sangrava... O ancião clamava a injustiça do sorteio a colher o seu filho doente, apenas com 16 annos; mostrava como o seu trabalho humilde, de poucos ganhos, ia parar sem a ajuda do rapaz. Seria a maior miseria, seria a fome. Quem ficaria "socando" o barro nos dias em que elle sahia pelas feiras dos arredóres?!

As lamurias, embora sem humilhação, chocavam a quem as escutava. Só o coronel sorria, sorria, rosnando, por fim, como gracejo, um insulto ao pudor de Marianna:



— Ora, meu velho. Qual fome, qual nada! Você ainda tem uma filha bonita...

A mão tremula de Jôca riscou no ar e plantou-se, rápida, na face do chefe político. Houve o tumulto do panico que se segue ao silencio da estupefacção. Dois guardas municipaes agar-raram o "criminoso", que lá se foi para a prisão, sereno, o olhar brilhante de vingança, as palpebras batendo de emoção. Sabia bem do que lhe aconteceria na cadeia — um casarão cheio de cubiculos escuros, onde os detentos mergulhavam em banhos de lama, as raparigas donzellas andavam núas e muitos "desap-pareciam", mysteriosamente, como o Toinho do Brejo, o Chico dos Imbús, até a Severina lavadeira que não quisera "dormir" com o Carneiro, amigo do peito do coronel. Quanto mais elle, que lhe déra na cára! Que geito! Morrer, quando já se é velho, é "bobagem": — o que lhe custava era deixar a Marianna no abandono, cubiçada por aquella gente sem escrupulos. E o rapaz? Que lhe succederia no "mundo", com a farda ás costas? Tinha duas lagrimas, pelos filhos.

De noite fechada, o coronel veio vel-o, na cadeia, na saleta suja em que o haviam trancado. Um "alcoviteiro" de kerozene, morticemente, recortava os vultos. Acompanhavam-no dois soldados, o promotor, o delegado, até o vigario... Ia ser um castigo solemne: o coronel mandou buscar a palmatoria da escola proxima. O professor trouxe-a elle proprio, em curva-turas. E a Lucas, tambem trasido de outra saleta, ordenaram as praças, sinistramente, que dêsse vinte bolos no pae, na pró-pria mão que esbofeteara o "eminente" politico. O rapaz, ater-rorizado, côr de cêra, recuou até o genitor, achegando-se-lhe como em creança quando tinha medo do lobishomem. Bater na mão que o abençoava!! Nem por Nossa Senhora!...

Houve uns segundos de silencio. Novas ordens, nova recusa de cabeça, porque os labios brancos nem uma supplica balbu-ciavam. O tronco rachitico e sumido do rapaz arfava descom-passadamente. O constrangimento da cumplicidade naquella scena covarde, fizera já se afastarem dali o professor e o vi-gario. Sómente o promotor, que andava de olho numa remoção proveitosa, dava mostras de solidariedade... E Lucas a recusar-se, apesar dos empurrões, apesar dos réfles que lhe roçavam o corpo.

O coronel Tinôco exasperava-se: cochichou uma ordem ao delegado que Jôca comprehendeu: o filho iria para a enxovia das surras, a mesma de onde nunca mais sahiram, vivos, o Toi-nho do Brejo, a Severina lavadeira. Diziam que até as paredes



“choravam”, de humidade! O pobresinho não “aturaria” até de manhãzinha. Já vivia tossindo! Custava dar gôsto áquella gente, custava!! Mas, tambem, vêr seu filho apanhar de facão, feito ladrão de cavallo! Nunca!...

E Jóca, amarello como defunto, avisinou-se do rapaz, que os soldados brutalmente arrastavam, e estirando-lhe a mão pergaminhada, crusada de veias grossas, bem aberta, ordenou:

— Dê, meu filho, dê. Quem manda é seu pae...



TERRA CAHIDA

A respeito deste phenomeno muito commum no Amazonas, e popularizado num poemeto de Catullo Cearense, dá o naturalista Walter Bates, em sua obra "The Naturalist on the River Amazonas", o seguinte interessante testemunho:

“Os canoeiros do Alto-Amazonas vivem apavorados com as “terras cahidas”, ou desmoronamentos que repetidamente se dão nos altos bancos de terra, quasi sempre quando o rio se enche. Embarcações de vulto são ás vezes esmagadas por esta avalanche de terra e arvores. Eu teria como exaggeradas as noticias do phenomeno si durante minha viagem não fosse testemunha presencial do facto. Certa madrugada fui despertado antes do nascer do dia por um barulho semelhante ao troar da artilharia. Eu estava só no topo da cabina, reinava a escuridão e todos companheiros dormiam. Puz-me a escutar. Os sons vinham de longe e o estrondo que me despertara era seguido de outros menos violentos. A primeira hypothese que me occorreu foi a de um terremoto, porque, embora estivesse calma a noite, o largo rio mostrava-se muito agitado e a embarcação jogava pesadamente. De repente nova explosão, aparentemente mais proxima do que a primeira; e outras em seguida. O estrondo do trovão rolou, ondulado em altos e baixos, dando a impressão ora de vir de perto, ora de longe. Si o interrompia uma pausa, logo voltava, num roncar surdo. Ao segundo estampido, Vicente, que dormia no leme, acordou e disse-me que era “terra cahida”. Custei a crer. Mas uma hora depois do phenomeno, quando rompeu o dia, vimos o trabalho da destruição n’um rombo de tres milhas rasgado na outra margem do rio. Grandes blocos de floresta, mostrando arvores colossaes com 200 pés de altura, oscillavam como ebrios, revirando, afinal, para dentro da agua. Após cada avalanche a onda determinada por ella voltava-se contra o bloco de terra ferida e num baque tremendo provocava novos desmoronamentos. A linha da costa escalvada por elles mediria duas milhas, e continuava, mas escondida por uma ilha que nos tirava a vista. Era um espectáculo imponente; as derrocadas erguiam nuvens de folhas e gravetos; a cada abalo novas rupturas se davam e assim se perpetuava o phenomeno sem probabilidades de termo. Quando o perdemos de vista, duas horas depois de erguer-se o sol, a destruição inda continuava sua obra.”





OLIVEIRA LIMA INTIMO

POR

MARIO MÉLO

Embora pernambucano de nascimento, Oliveira Lima formou o seu espirito no velho Portugal, para onde se transportou aos 6 annos de idade, aperfeçoou-o nos centros mais adeantados da Europa, com a virtude, porém, de nunca se ter esquecido da patria longinqua, cuja historia estudava. Prova disto é que seu trabalho de estréa foi dedicado ao seu berço — *Pernambuco, seu desenvolvimento historico*. Apesar de escripto por um joven de vinte e tres annos de idade, ainda hoje é considerado o melhor livro de historia sobre Pernambuco. Tambem outra prova de afeição pela sua terra natal é ter procurado numa familia pernambucana a feliz companhia de seus dias e visitar periodicamente o Estado que se orgulha de o ter como um dos mais distinctos filhos.

A principio devido á carreira diplomatica, presentemente em virtude de ter de dedicar-se ao professorado nos Estados Unidos que disputam o seu saber e o seu merito, Oliveira Lima vem a Pernambuco sómente “matar saudades”.

Aqui se hospeda numa chacara de Parnamirim ou no engenho Cachoeirinha.

Parnamirim — *Paraná-mirim*, o riosinho — é um arrabalde do Recife, a cinco kilometros do centro da cidade, servido outróra pela via-ferrea suburbana e hoje pelos carros electricos da *Pernambuco Tramways*. Está á margem esquerda do Capibaribe, cortado pelo riacho que lhe deu nome e que se tornou celebre na primeira phase da guerra contra os hollandezes. O clima é ahi amenisado pela grande quantidade de arvores fructiferas que circundam a casa em que habita — propriedade de pessoa de sua familia.

No Parnamirim passa o grande escriptor a maior parte do tempo de suas visitas á terra natal. Dahi lhe sairam os originaes da

Historia da Revolução de 1817, do Na Argentina e da Historia da Civilisação, prestes a apparecer.

Cachoeirinha é um antigo engenho de assucar, movido a agua, systema que no seculo XVII, conforme frei Vicente do Salvador, era a perfeição das fabricas dessa natureza.

Está situado entre os municipios da Victoria e Escada, a uns vinte kilometros de cada uma das cidades que lhes servem de séde — para o norte em demanda da primeira e para o sul em demanda da segunda — ambas cortadas por linhas ferreas, distantes apenas dez leguas da capital.

A propriedade é banhada pelo rio Pirapama, de agua limpida, crystalina, o qual cascadeia de declive em declive duma altitude de quatrocentos metros, formando pequenas cachoeiras em sua marcha vigorosa para o Atlantico.

A “casa grande” — denominação colonial das antigas habitações dos proprietarios de engenhos para differencar esses palacetes das moradias dos lavradores ou das antigas senzalas — confortavel, hygienico e espaçoso edificio de solida construcção, está situada na encosta de uma colina, á margem direita do Pirapama, com a fachada para o oriente, recebendo a viração constante que sopra pelo valle do rio.

Ahi se gosa de uma temperatura branda, muito diversa da do litoral em que está edificada a cidade do Recife, quasi ao mesmo nivel do mar.

Solar de um dos rebentos do florentino Cavalcanti que tanto contribuiu para a opulencia da nobreza pernambucana, Cachoeirinha é propriedade commum da sogra, esposa e cunhados de Oliveira Lima. Ahi, quando Pernambuco tem a ventura de o hospedar, passa elle algum tempo; mormente na quadra em que a temperatura mais se eleva no litoral, ou quando está a escrever trabalho de maior vulto.

Em Cachoeirinha concluiu Oliveira Lima o seu famoso *D. João VI*, ha uma decada; ahi reviu as provas da *Historia da Civilisação* em vespersas de sair do prelo de uma casa editora de S. Paulo e ahi está elle agora a braços com a *Historia da Independencia*, monumento com que a literatura nacional vae commemorar o primeiro centenario de nossa emancipação politica.

Tendo a ventura de privar da intimidade desse grande brasileiro — o maior pernambucano de nossos dias — e de ter gosado por mais de uma vez das delicias que Cachoeirinha offerece aos que consomem seus dias no borborinho da vida intensa das capitaes, não queremos deixar a outro a indiscreção de divulgar os seus habitos.



Oliveira Lima é, sobretudo, um homem methodico, com extraordinaria capacidade de trabalho. Dahi a sua grande victoria intellectual. Tem tempo para tudo, sem faltar tambem aos deveres de sociedade e sem privar o espirito de umas tantas diversões.

Outro traço caracteristico de sua vida é a bondade de seu coração, seleccionando amizades — como elle sabe ser amigo! — mas acolhendo a todos, amparando os fracos, animando os que começam, incentivando os que trabalham, elevando sempre o merito dos outros, sem ciumes nem rivalidades.

Entre estudantes é quasi um collegial. Se o convidam para qualquer solemnidade academica, para qualquer reunião intellectual, elle esquece que é o principe de nossas letras e sem insistencia participa das festas do talento. Entre literatos que começam, faz-se de quasi estreiante nas letras. Frequenta as tertulias e ampara os plumitivos diminuindo-se sem falsa modestia para que relevo tenham os que procuram encarrear-se. Vimol-o assim tomando parte em festas collegiaes de distribuição de premios, nas sessões do Centro Academico de Direito, nas reuniões do Congresso de Estudantes, nas apotheoses de neo-literatos, com a mesma bonhomia com que frequenta as sessões do Instituto archeologico pernambucano.

Oliveira Lima dorme habitualmente ás 21 horas e acorda ás 5. Inicia logo o trabalho que mais attenção lhe está despertando e só o interrompe ás 7 horas para o café levado ao gabinete. Se está na cidade lê, em poucos minutos, os jornaes de sua sympathia.

A's 8 horas vae ao banho e continua, ao regressar, o seu trabalho até ás 10, quando o almoço estará impreterivelmente á mesa.

Recomeça o trabalho ás 11 horas e só o deixa ás 16, quando lhe servem o jantar.

Se está na cidade e tem qualquer trabalho externo ou alguma reunião, sae entre 13 e 16 horas, demorando alguns minutos no *Diario de Pernambuco*, de que é collaborador, e na *Livraria Contemporanea* onde se abastece do material de escriptorio.

Raramente sae á noite, nem mesmo para espectaculos... a fim de não perturbar o somno reparador dos criados. Sempre que é possivel, faz suas visitas aos domingos, durante o dia.

Terminado o jantar, não mais escreve. Na capital, põe uma cadeira de balanço no oitão leste da sua casa do Parnamirim e conversa com a familia até ás 20 horas. Quando se distrae, cochila alguns minutos. No campo, vae para o terraço da "Casa grande" e ahi se conserva até ás 20 horas, quando se recolhe ao gabinete, lê ainda durante uma hora e dorme á larga.

Quem vê Oliveira Lima com toda sua adiposidade, quasi roliço, a pezar 144 kilogrammas, julgará que ali está o prototypo da gastronomia. Puro engano. Poucos terão, como elle, tanta sobriedade á



mesa. Pela manhã toma uma chavena de café e uma torrada. Ao almoço raramente se serve de peixe, carne ou aves; em geral toma alguns legumes, fructas, bolos e doces. O jantar é sua refeição principal; mesmo assim não se serve de mais de dois pratos—peixe, carne ou aves. Se ao almoço se tem servido de qualquer destes, ou delles se abstem ou não toca em mais de um e com a maior parcimonia. Não dispensa, porém, ao jantar, legumes, fructas, doces, bolos e queijo. Remata sempre o almoço ou jantar com uma chicara de chá. A' noite não toma alimento algum, nem mesmo chá. Abomina o alcool sob qualquer fórma. Após as refeições fuma bons charutos bahianos.

Oliveira Lima teve a rara felicidade de encontrar para companheira uma virtuosa senhora. Além de uma dona de casa completa, é uma intelligencia clara e uma illustração admiravel. Conhece a fundo portuguez, francez, hespanhol, italiano, inglez e allemão. linguas que fala com a maior naturalidade.

Em contraste com a calligraphia do marido que elle proprio não entende no dia seguinte, como tem confessado, possui d. Flora de Oliveira Lima uma letra masculina, de traços fortes, muito igual, muito legível, capaz de enganar qualquer graphologo sobre o sexo e a profissão de seu possuidor.

A illustrada senhora accumula a profissão de dona de casa com a de secretaria do marido. E' uma grande collaboradora dos ultimos livros de Oliveira Lima e de seus artigos de imprensa, bem como de suas conferencias.

Elle estuda, medita e rascunha sósinho o trabalho que o preoccupa, confiando-o a uma meia-folha de papel almaço, sem lauda e sem espaço para emendas. Depois, tendo em mãos aquelle hieroglypho, dita o texto definitivo á sua secretaria. Sae então um trabalho limpo, perfeito, completo, sem que na revisão se lhe precise pôr uma virgula se quer.

Oliveira Lima não deixa carta sem resposta, venha donde vier. Somente as abre com uma tesoura ou canivete, para não estragar a sobrecarta. Depois de respondida, põe-nas em ordem e no fim de cada anno as collecciona. As respostas são protocolladas. Quando o correio extravia alguma, pode com segurança dizer o dia em que a escreveu, o assumpto de que tratou e a data approximada em que a expedio. Das mais importantes deixa copia. O mesmo é usado em relação aos telegrammas.

Os livros são o maior encanto de Oliveira Lima. Teem, assim, tratamento especial. Quando de qualquer delles precisa para uma consulta ou citação se vale de sua esplendida memoria e nada lhe falta. Embora não muito admirador de jornaes, arruma-os depois da leitura e por certo tempo os collecciona.

Em materia de religião, Oliveira Lima diz-se catholico-his-



torico: nasceu num paiz catholico e nessa crença foi educado. Considera das mais puras a moral catholica e não mudará de religião. Assiste com o maior respeito as solennidades de qualquer religião. E' tolerante para todos os credos, o que lhe ia quasi valendo uma ex-communhão de uma parte do clero pernambucano por ter trabalhado para que a Associação Christã de Moços tivesse sede propria no Recife. Como brasileiro, attendendo aos serviços que ao Brasil colonial prestaram os missionarios catholicos, especialmente os jesuitas, não pode deixar de ter as maiores sympathias pelo catholicismo.

Toda a liturgia lhe merece attenção. Até mesmo a pratica commum no interior de "fechar o corpo" com benzedura ou ajustar "espinhela caída" com orações e signaes cabalisticos. Espirito superior, Oliveira Lima tanto se distrae com as diversões da alta sociedade como com as das nossas tradições populares. Applaudê uma modinha brasileira acompanhada a violão, em noite de luar, com prazer maior do que um trecho classico de Wagner, Verdí ou Massenet. Agora mesmo, na epoca de natal, promoveu a vinda a Cachoeirinha de um grupo de pastoras, para realização de uma festa tradicional do norte. E era um encanto vêr que aquelle grande espirito se deliciava tanto apreciando cinco mulheres ignorantes, sem vozes educadas, sem estudos coreographicos, sem mimica, a cantarem versos como

*A flor do ananaz
E' Abacaxi quando vae crescendo
Abacaxi, Abacaxi
Viva a folia deste pastoril*

a saltarem, a gesticularem num improvisado palco de taboas soltas sobre barricas de bacalhau, com acompanhamento de gaita e zabumba, como se deante dos olhos estivessem Pawlova e Duncan no Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Ou a apreciar pelo carnaval, tambem por elle atraído para o engenho, um maracatú de uma povoação proxima, com as suas vestes esquisitas, as suas dansas exoticas, a sua orchestra original, a entoar lóas como

*Deus no ceu e rei na terra
E na escada o seu barão; (*)
A nação Cambida-Nova
E' a primeira nação*

*

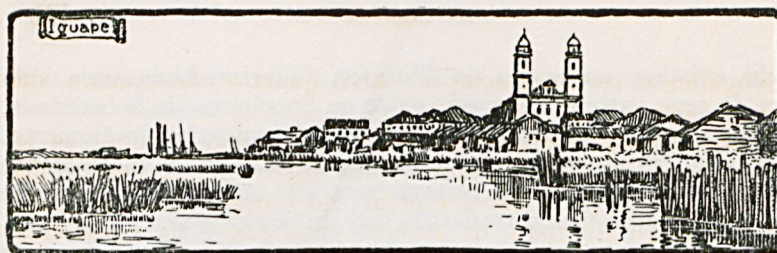
(*) Barão de Suassuna.

Si existisse ao tempo de Plutarco, Oliveira Lima teria sido um de seus varões. E' talvez, entre os brasileiros da actualidade, o unico character que não se amolda ás conveniencias do momento. Diz o que pensa, como pensa e porque pensa, sem lhe incommodar com as consequencias. A palavra para elle não é um subterfugio do pensamento, mas a traducção fiel do seu pensar.

Os seus inimigos — inimigos que surgem das divergencias no analisar com a sua liberdade os homens e os factos — só lhe teem encontrado um defeito na vida, o unico que lhe atiram á face no calor das discussões, quando feridos pela sua penna scintilante: Ser gôrdo de mais !...

Cachoeirinha (Pernambuco) Fevereiro de 1920





O "CROISÉE"

POR

GODOFREDO RANGEL

Quando constou que o Binho do Pião ia fazer uma defesa, a noticia causou muxoxos e hilaridade.

"Ora o Binho!" Foi o commentario unanime do povo.

O rapaz mexia com os livros, era falante, mas ter o topete de subir em uma tribuna em Sant'Anna do Barril Furado e d'alli arengar os jurados, em pleno funcionamento augustissimo do jury! Era fazer pouco da justiça e ter-se numa conta excessivamente alta. Todo o mundo lastimava antecipadamente o réo que ia prestar-se para sua estréa. Tomava o maximo, pela certa. Inda mais em Barril Furado, cujo corpo de jurados era constituido dos mais terriveis "criminalistas" de que ha noticia.

Sabe o leitor que significa esta palavra? Soube-o eu um dia com surpresa. Da vez primeira que assisti no interior a um jury, a pessoa solícita que me iniciava nas cousas e habitos locais apontou-me certo individuo batoque, de camisas de duvidoso asseio, calça esgarçada, explicando-me:

— Aquelle é um "criminalista".

Enchi-me de espanto. O facto pareceu-me incrivel e por isso exigi repetição da affirmativa. Quando a obtive, fixei a vista admirando naquelle homem. Quem tal diria! exclamei comigo. Ver um individuo d'aquelles, com o ar modesto de um fazendeiro vulgar, por cujos lumes interiores nada dariamos e achar-se envolta nessa apparencia roceira a alma d'um criminalista insigne! Garofalo de polainas! Ferri travestido em coronel da briosa!

— E' o Tonho Baptista, continuou meu "cicerone". Conselho em que elle entra, é certo o réo tomar no maximo. Por isso os

advogados o recusam sempre, salvo quando não receiam que a urna estoure.

Nesse momento como que lhe vi as orelhas asininas se fazerem grandes azas e levados pelos adejos dellas Ferri e Garofalo subirem e se desvanecerem no espaço, ficando apenas alli o Tonho Baptista, da camisa ensebada e da consciencia quiçá mais ensebada que a camisa.

E em Barril Furado, de fôro recém-creado os jurados se mediam pela bitola do terrível Tonho, o que tornava mais frisante o arrojo, o desplante, o intromettimento do Binho a se fazer de rabula, um chichemirriche d'aquelles!

*

* *

Pois o Binho não era tolo. Tinha lá suas razões de aventurar-se a taes alturas. A razão mais ponderosa era um certo "croiséé", exhumado do canastrão avoengo, antiqualha veneravel, de odor secular, que o revestia todo com a sua solemnidade.

No dia da estréa, quando o Binho a principio meio sumido no fundo da tribuna se foi pondo de pé, e enfim mostrou em toda a evidencia o prodigioso "croiséé" um arrepio de veneração e espanto lavrou no dorso dos jurados e demais espectadores. Enorme que era, aquelle "croiséé" absorvia em si a insignificancia physica e moral do Binho, dominando com seu prestigio centenario, pesando nas consciencias como um "provará" irresistivel. Resultado: a estréa do novel advogado foi uma absolvição unanime. Fosse caso de suggestão collectiva, de bestificamento em massa — expliquem o caso como queiram — a realidade era aquella. Aquelle "croiséé" exerceu um poder de fascinação sobre o auditorio e o Binho dominou o conselho de criminalistas.

Dizer que esse dia marcou o inicio de uma série de triumphos, torna-se agora perfectamente comprehensivel.

Causava assombro semelhante exito. Falliu pela primeira vez o preceito de sabedoria popular: "ninguem é propheta em sua terra". Elle alli conseguiu ser advogado e, se quizesse, seria propheta no Barril Furado, como Diogenes fôra philosopho em outro barril historico. Binho ganhou fama. Ganhou consideração. Ganhou dinheiro. Réo que elle defendesse, ia para a rua. Sua palavra revolvía as consciencias, predispondo-



as a absolver, como certas massas magneticas, entranhadas na terra, determinam a direcção de uma agulha imantada. E com que aprumo, com que solenne impertigamento elle sabia erguer-se e dizer os latinorios do officio aos "Senhores do Conselho de Sentença!" Berrava o "testis unus, testis nullus" com uma convicção ruidosa, reforçada a punhadas na tribuna, por signal que dizia: "testus unus". Encarrilhava o "fero fers", o "scire leges", o "ad rem" com um espevitamento inegualvel.

O unico que não ia com a onda era o Milote. Para elle o Binho era sempre o Binho do Tião. Buscava desacreditalo macaqueando-lhe os modos. Pura inveja!

Conta-se que de uma feita chegava ao salão quando o "advogado", revestido de seu "croisé" como uma mumia de sua faixa, trovejava com todas as impetuosidades de seu verbo:

— Aos aleives da douta promotoria publica, senhores do conselho, responderei "ad rem", baseado no direito e nas provas dos autos!

E vae o Milote, aparteia num grupo:

— Vejam só! Que enjôamento! Este Binho não vale seu "ad rem" pelo avesso!

A virulencia d'esses ditos, longe de deprimir, concorria a realçar a preeminencia do illustre advogado barrilense.

*
* *

Mas occorreu um factio lastimavel. O caso é que um dia houve um baile de negros e certo trocista assentou de o ir "esculhambar". Estava-se mais ao menos pelo entrudo. O tal trocista, primo do Binho, foi-lhe ao vestiario e tomou-lhe a occultas o "croisé". Obteve de outro um chapéo coco, e de um terceiro uns botarrões abracadabrantes. Metteu na cara um nariz postiço, dois rodelões de couro á guiza de oculos, e, sem mais, arrastando bagaço e tinindo esporas, foi entrando pela sala do baile. Com o revoluteio das dansas ahi já se espalhavam os perfumes das dezenas de axillas dos valsantes, misturando-se entre si fraternalmente, a ponto de fazer-se uma fragrancia uniforme e, a bem dizer, compacta, o que equivale a dizer que ia em seu auge o entusiasmo dos pares.

A negrada não viu com bons olhos a chegada do moço, que irrompera pelo meio de uma "quadria" animadissima, marcada aos urros de francez do Congo, uns "alavancate" "tu",



"chédedame", que punham em delirio a pretalhada folienta; sem tirar o chapéu coco, puzera-se a dansaricar um miudinho assanhado no meio da sala.

Fôra ousadia. A negrada amontoou, esmurraçando-lhe o chapéu e pinchando-o fóra da casa a ponta-pés violentos. O engraçado fez "goal" porta fóra, encalçado pela turba vociferante. Foi então que no meio do vozeio indignado se ouviu sua voz supplice:

— Não estraguem o "croisé" que é do Binho fazer defesas!

E, insensível á dor, era todo gestos de protecção á alfaia preciosissima, que bem surrada sahiu do tal pagode.

*
* *

Foi o azar, para o Binho. Nessa época morreu o seu prestigio. Teve exacta consciencia d'isso, na primeira sessão de jury que se seguiu. Condemnaram-lhe todos os réos. Era inutil a sua empáfia, quando a deitar murro na tribuna, elle desfiava o "testus unus" e mais latins, a grande reforço de copos d'agua e de "senhores do conselho de sentença!" Não o tomavam mais a serio. Mostravam-no a ponta de dedo, no salão, murmurando em tom de chacota:

— Olhem o "croisé" do pagode!

Fallindo o "croisé", falliu seu prestigio; era aquelle que suppria com suggestão, as suas deficiencias mentaes. Porque afinal o merito do Binho não era d'elle, mas toda de seu "croisé".

No dia em que lhe condemnaram um 303, sem prova, e um outro caso de "privação", bem caracterizada, Binho comprehendeu sua derrota irremissivel. Samsão perdera os cabellos: o "croisé" ficara, desmoralizado!

Então largou a advocacia, definitivamente, e hoje tem vendinha, numa encruzilhada.

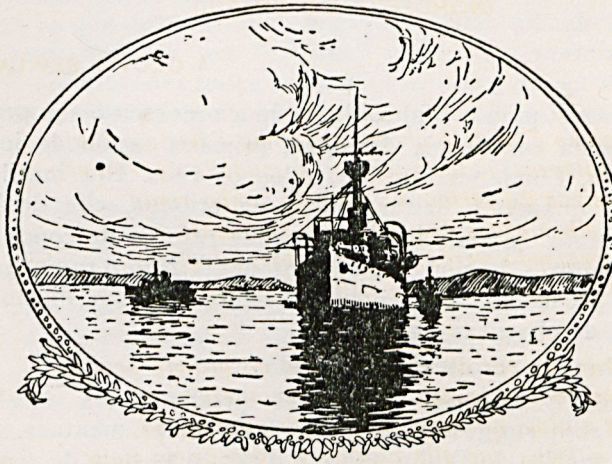
*
* *

Do "croisé", sabe-se que findou ahi sua carreira gloriosa. Hoje — suprema degradação! serve, tambem na rôça, para vestir espantalhos defensivos das plantações.

Vestiram-no num grande boneco, ao qual penduraram, como judas, sobre um arrozal.



Mas, como se alguma cousa lhe houvesse ficado do antigo officio, quando dá o vento ainda se vê agitarem-se-lhe as mangas em gestos amplos, que lembram o bracear solenne de seu dono, nos aureos tempos, quando, do alto da tribuna judiciaria, berregava com todo o entono o "testus nullus", ao conspecto de seus conterraneos bestificados de admiração e espanto.





O ABOIO

(NORDESTE DO BRASIL)

A CLOVIS BEVILAQUA

*Ah! como é triste o aboio! ah, como é triste o canto
Sem palavras — tão vago! — a saudade exprimindo
Das selvas do sertão, no mez de junho rindo
Pelos olhos azues das creanças, enquanto
No tamarindo verde, azas abertas, trina
A' beira dos curraes, o gallo-de-campina !*

*A' tarde, ao por do sol, do vento ao brando açoite,
O robusto camponio, o velho sertanejo,
Envia a alma ao Azul, deixa-a ir num adejo;
Pede a Deus que ella alcance o coração da noite
Porque somente a sombra exprime essa incerteza
Que padece, a tremer, em face á Natureza.
Sae-lhe do seio nú, em expansões sonoras,
A lembrança feliz de todas as auroras
E a funda vibração de todas as saudades.
Essa maguada voz que acorda as soledades,
Essa tremula queixa, é o gemido e o brado
De uma raça infeliz, cuja longo passado
Symbolisa o clamor da miseria e da fome,
Procurando exprimir tanta angustia sem nome.
Inda agóra repete, ao incendio do poente,
Ao sombrio pallor da tarde que se esváe,
— Enquanto na Egrejinha a saudade resôa —
O cantico sem fim desolado e tremente
Que ha seculos — oh! Deus! — dissimula num ai!
Por isso, quando a voz do sertanejo entôa*

*O lamentoso aboio, a gente queda e scisma;
O nosso coração silencia e se abysma
No pégo da saudade e, lá do fundo, arranca
Não sei que doce flor emmurchecida e branca.
A lettra da canção ninguém, ninguém conhece,
Mas sabemos que alli chora e geme uma prece
Desolada e subtil, cuja modulação
Si coubesse n'um rythmo, era o do coração.
E, quando o sertanejo, a larga fronte nua,
Voltada para o céu, de onde sorri a lua,
Diz no cantico vago o que a su'alma encerra,
Ah, nós sentimos bem que fala a nossa terra!
E' a raça cabocla, a lusa e a africana
Procurando expressar tanta dor sobrehumana.
Essa dorida voz, de ondulações extranhas
Triste através do espaço e através das montanhas,
E' a mesma que veio entoando pelos mares
As orações de fé da patria portugueza;
Que, na lingua tupy, em incertos cantares,
Primeiro celebrou a nossa natureza;
Que, depois de soffrer as amarguras do eito,
Pobre raça infeliz, nos embalou no leito!
E como exprime bem o sussurro das mattas!
O soluço do vento e o gemer das cascatas!
O mugido do gado e o mysterio da selva!
A voz do passaredo, a cantar sobre a relva,
E o zizido do insecto e o gemer da araponga
Cujo brado de dor nas quebradas se alonga
E vác-se pelo espaço, errante e dolorido,
E vác-se pelo azul, fundo como um gemido!
O sertanejo diz, na rude litania,
Que lhe sáe da garganta, o que outr'ora dizia
O curvo bisavô, vendo chegar ao aprisco
O manso gado nédio, o gado manso ou arisco.
Conta que é bom o Inverno e o tempo da Fartura
Quando, provido o lar, bem junto á companhia,
Passa a noite narrando, ao clarão da fogueira,
As lendas da carocha aos filhos pequeninos
Que levantando, a rir, os olhitos divinos
Procuram ver em cima, á luz dos astros brancos,
O Cruzeiro do Sul, abrindo os braços francos...
Lembra os dias azues de socego e de calma
Quando os carnahubaes, movendo a verde palma,*

*E as juremas, em flor, cantam hymnos á Vida
Pela voz sem equal da graúna sentida.
E a noite immorredora, a noite de S. João,
Toucada de jasmims, cravo e mangericão,
A sonhar, a sonhar no seio bom da viola
Onde pulsa a alegria e a saudade se estiola;
E a noite de Natal, num hymnario que é um mixto
Da alegria e da dor de Maria e de Christo!
Tudo passa na voz do pobre sertanejo
Como passa no labio a caricia de um beijo!
Depois, — quanta amargura! — a voz dorida exprime
A historia mais pungente e a mais brutal de um crime
Do sol, — o creador da Existencia e da Morte!
O filho dos sertões dessas terras do Norte
Engeitado da patria, ao dilatar-se o Estio,
Vendo o leito seccar das lagôas, do rio,
O panasco desfeito, o mimoso acabado,
Os filhos semi-nús, morto de fome o gado, —
Somnambulo da dor, phantasma louco e incerto,
Foge, deixando o lar para sempre deserto.
Lucta primeiro, lucta, heroico e destimido,
Contra o sol, contra o céu, contra o desconhecido
Trava o combate audaz dos guerreiros inermes:
Quer a Morte vencer e, da gula dos vermes
A ninhada arrancar, vida da propria vida,
Moribundo clarão de uma aurora esquecida.
Quando não pode mais, buscando o Firmamento,
Fita o concavo azul; sobre as azas do vento,
Lá vò para Deus! Ora constricto, reza,
Vencido em frente ao nada e em frente á Natureza!
Para o ceu abrazado, amarello, de jalde,
Levanta as mãos em prece... Embalde, embalde, embalde!
Sente-se, enfim, exausto. O olhar grave e profundo,
Tem allucinações de quem está n'um mundo
Onde o sol é de fogo e a lua, tão fria,
Recorda o miserere extranho da agonia.
Jaz a enxada no chão, improductiva a um canto;
Ergue-a desconsolado e — a face torva em pranto —
Fere-a de encontro ao sólo, entre cardos e pedra,
Para atirar ahi, onde a vida não medra,
Não o germen da flor, luz de invisivel brilho,
Mas dois olhos azues: os do primeiro filho.*



*E' então que elle parte: agóra a enxada antiga
 Já não pode servir como uma boa amiga:
 E' o instrumento máu que ha de ajudar á Sorte
 Para rasgar-lhe o seio e para dar-lhe a morte.
 Encoraja a mulher; pede a Deus, de mãos postas,
 Que o ampare ao transpôr essas velhas encostas
 Onde outr'ora brincou, ridente e pequenino,
 Cheio dos sonhos bons dos tempos de menino.
 E é partir, é partir!*

No alpedre derrocado

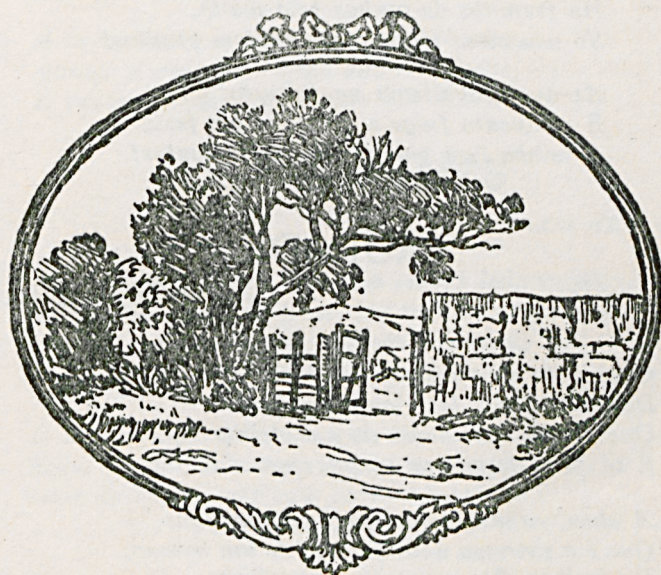
*No rosto as duas mãos, rememora o passado
 Ao sinistro clamor dos hirtos arvoredos
 Em cujos ramos nús diz o vento segredos.
 Tudo por terra jaz estarrecido e morto:
 Não soffreu mais Jesus lá, nas sombras do horto.
 Desfeita, extincta a fé, exaurida a esperança,
 O rude luctador chora como creança:
 Pois quem é que resiste á agonia sem nome
 De sepultar os seus, mirrados pela fome?
 E' partir, é partir!*

Põe um filhinho ao hombro,

*Cede um outro á mulher, cheia de medo e assombro,
 Lança a vista em redor... Do alto de uma collina
 Nesse transe infeliz contempla o lar amado,
 O musgoso perfil da capellinha em ruina,
 A casa onde nasceu, junto ao rio prateado,
 Onde a verde oiticica e o antigo joazeiro
 Davam sombra e repouzo á manada e ao vaqueiro
 — "Adeus, serras azues! Adeus, serenos montes,
 A subir para o céu, rasgando os horisontes!
 O' clareiras sem fim no dorso das quebradas,
 Onde grita a jandaia, e as manhãs orvalhadas
 Fulgem, quando sorri, na doce paz dos campos,
 A serrana gentil, á luz dos céos escampos!
 Moitas de mussambê, florindo em julho e agosto
 No leito do riacho, ao morrer do sol posto!
 Ninhos de jassanãs, á beira das lagoas,
 Onde mugem os bois, almas rudes e boas,
 E floresce o jucá, na sonora alegria
 Dos mezes festivaes do amor e da Invernía!
 Adeus, noites de abril, negras como o velludo,
 Varzeas, adeus tambem, e montanhas e tudo!"*

*E' isso o que nos diz, ás horas da trindade,
A voz do sertanejo, anciando de saudade,
Nessa triste canção, doce como uma prece,
Cuja letra ninguém advinha ou conhece,
Mas cujo pensamento, ungado de emoção,
Si coubesse n'um rythmo, era o do coração!*

HENRIQUE CASTRICIANO



CONTRASTE

FRANCISCO GASPAR.

*Mez de Setembro. Surge a primavera.
Manhã ridente. Como brilha a aurora!
Quem me dera ter saúde, quem me dera,
Para sahir cantando — campo em fóra!...*

*O céu de opala, escampo reverbera.
Ha vida em cada ramo que se enflora.
Quem me dera ter saúde, quem me dera,
Para, em vez de chorar, sorrir agora!*

*A luz irisa a espuma da cascata.
Ha fremitos de ninhos pela matta,
Só nos meus olhos resplandecem prantos!*

*As aves cavatinam na floresta!...
E enquanto fulge a natureza em festa
A minha lyra plange em tristes cantos!*

SAUDADE

FRANCISCO GASPAR.

*Quem não sentiu ainda, ao tibio lume
Da tarde, a voz desse anjo peregrino
Que soluça nas cordas de um violino
E se eleva de manso num perfume?*

*A alma, exhalando um intimo queixume,
Que é a extrema nota querula de um hymno,
De joelhos abre o esquife crystallino
Onde alguém dorme, alguém que um céu resume!*

*De tudo guardo candida saudade:
De uma illusão, de um beijo, da belleza
De uns olhos de celeste claridade...*

*De tudo o que passou, que já não vive...
E tenho até, nas horas de tristeza,
Saudade das saudades que já tive!*



HARMONIA DAS CORES

ATHAYDE PARREIRAS.

*Branca, recorda uma alma como Ophelia,
Symbolo celestial de virgindade;
Azul, a melodia da harpa celia,
Hymnos tangendo pela immensidade.*

*É rosea a magua santa de Cordelia,
A abandonar o pae na velha idade;
Rôxa, não tem o amor de uma camelia,
Mas, o triste alaúde da saudade.*

*E brama o desespero na amarella,
Das almas dos eternos revoltados,
Dos que vivem em intima procella.*

*A vermelha — a bombardada das cohortes,
Abraça a negra, — irmã dos rebellados, —
E cantam juntas os missaes das Mortes...*

OS PERFUMES

ODILON NESTOR.

*Ha perfumes subtis, que, em tardes langorosas,
pairam no azul dormente, em torno dos jardins:
aromas que provêm do coração das rosas
e dos sensitivos jasmims.*

*E ha perfumes tambem, que, nas noites serenas,
como fluidos de amor, andam suspensos no ar:
odor de bogari, effluvio de verbenas,
por noites ledas de luar.*

*Outros ha que eu não sei se vêm das tuberosas,
das glycinias em flôr, de alguma flôr fatal.
São essencias, talvez, de plantas venenosas,
em lindos frascos de crystal.*

*Quer esvoacem na mesa e do festim na sala,
quer na sombra da alcovã, entre beijos febris,
com elles a alma canta e no prazer se embala...
perfumes ha que são gentis.*



*Voltejando na loisa, onde a saudade cresce,
ou por sobre um altar, dos incensos no véo,
os perfumes na dôr, na tristeza e na prece,
são como um balsamo do céu.*

*Recatados alguns, quantos ha tentadores,
ora occultos num seio, ora em froixo roupão...
Companheiros do sonho e dos loucos amores,
loucura e sonho é que elles são.*

*As vezes, quando vêm de um leque abandonado,
de um cofre que se abriu, da luva que se usou,
recordam vagamente as festas do passado
e o sonho azul que se sonhou...*

*Perfumes! eu vos amo, atrahe-me o vosso encanto,
sois a alma da bonina aberta no arrebol!
Ao vosso sopro bom se enxuga muito pranto,
tal como o orvalho á luz do sol.*

WAGNER

ARAÚJO FILHO

Il mondo pareva diminuito di valore.

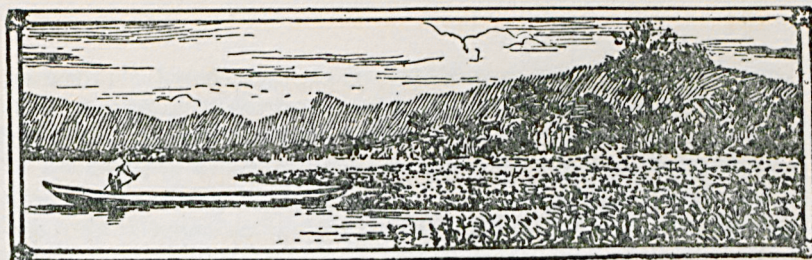
Gabriele d'Annunzio.

*Para a revelação maior do entendimento
Da Arte em que foi senhor, mistér fôra outro mundo:
— Um céu mais claro, um sol sem mancha, um firmamento
Calmo, em contraste a um mar mais forte e mais profundo!*

*Uma noite sem astro e sem termo!... Um segundo
Cahos!... E, triste, a gemer em máo presagio, o vento...
E feras a lutar em desespero fundo...
E outra disposição de fôrma e sentimento!*

*Como em pequeno vaso uma planta amortece...
(Este vaso!?... Esta planta!?... Em chão feraz, quem sabe
A vida desta planta, o encanto desta flôr?!...)*

*Assim Wagner — o Deus da alta harmonia — desce
A' Morte! Este orbe aqui, como o vaso, não cabe
A grandeza de sons do seu sonho interior!*



PAIZ DE OURO E ESMERALDA

POR

J. A. NOGUEIRA

XXXII

Angelo entrára em seus aposentos depois de um dia afanoso. Tinha ido em companhia do advogado Pinto da Silva ao cartorio civil, onde extrahira a certidão de idade de Gina, que na realidade já orçava pelos vinte e dois annos. E após uma série de diligencias e formalidades, auxiliado pelo esperto legicrepa de olhos irrequieitos e pontudos, vingára pôr termo ao processo em que se vira desgraçadamente envolvido seu ingenuo irmão.

Pobre Leonardo ! Com o correr do inquerito desvendára-se toda a trama infernal de que fôra victima. Era Pataracchi uzeiro e vezeiro em tirar proveito dos mais generosos sentimentos, arte diabolica em que revelava ás vezes um profundo conhecimento do coração humano. Em parte para se descartar da rapariga, de quem já andava fatigado, mas acima de tudo por uma certa vaidade e prazer em triumphar sempre a poder de astucias e artimanhas, quizera, mais por desporto do que por qualquer outro motivo, brindar regiamente com um casamento rico a humilde operaria. Depois não lhe parecia de todo em todo improvavel que o exito de seus planos lhe trouxesse tambem alguns lucros e proventos materiaes, — razão por que, mezes antes, havia habilmente conseguido que Leonardo cahisse nas garras das duas mulheres.

Enganára-se, porém, desta feita. Jogára demais com a ingenuidade e generosidade do rapaz, suppondo que o mesmo, a effeito de evitar escandalo e poupar vexames á moça, se promptificaria a casar, sem maiores delongas nem perigosas verificações... Vendo, entretanto, que falhára a sua previsão, comprehendeu logo que o processo seria fatalmente archivado, visto como a prova da menoridade, indispensavel para a acção do ministerio publico, não poderia ser obtida. Aconselhou-as então a desistirem da *chantage*

(Oh ! manes do professor Viriato !) e, descobrindo talvez na cachopa alguma nova utilidade, fel-a seguir secretamente para o Rio, onde ia montar, com um jornal ruidosamente politico, uma grande machina digna de emparelhar com a pedra philosophal.

Estava Angelo a considerar com indignação misturada de nôjo em todas essas infamias, que lhe chegára ao conhecimento por indagações e conjecturas, quando deu com os olhos em uma gazeta do Rio, aberta sobre o divan. E leu, mesmo á distancia, os seguintes titulos em letras garrafaes :

COMICIO NO LARGO DE S. FRANCISCO

Impressionante discurso do jornalista Luciano Aymoré da Penha

VIOLENCIAS POLICIAES

“Que estará fazendo no Rio o pobre Luciano ?” pensou. Tomou a folha e, abrindo-a, leu com assombro a longa e minuciosa noticia que se segue.

XXXIII

“Atravessamos um periodo anormal, o mais triste talvez de toda a historia. O Rio continua em seu perpetuo estado de sitio. As mais legitimas manifestações da opinião, na imprensa ou na tribuna, são abafadas a golpes de sabres e a patas de cavallo. Hontem, porém, a policia foi impotente para impedir de uma arrancada que um homem singular, que acaba de chegar de S. Paulo, preferisse um discurso impressionante, um libello terrivel contra o nosso desgoverno, em pleno largo de S. Francisco e perante uma multidão numerosa. Trata-se de um dos ultimos abencerragens do jornalismo nobre, livre e independente, o qual vendo-se ludibriado por trapaceiros que mercadejam com os mais nobres sentimentos de patriotismo e de honra, como se lhe fechassem todas as portas da publicidade, tal qual como se deu com o “Inimigo do Povo”, de Ibsen, recorreu ao comicio na praça publica. Chama-se elle Luciano Aymoré da Penha e foi, na Paulicéa, redactor de uma revista patriotica intitulada “Vida Nova”. Infelizmente a agitação morbida em que se achava prejudicou bastante a sua oração, que mais parecia um delirar de possesso. Teria sido, ao parecei de muitos, uma scena comica e até ridicula, se as conhecidas violencias da nossa policia não lhe tivessem conferido o quer que seja de doloroso e quasi tragico. Procuraremos dar, aqui, com a maior fidelidade possivel, o que disse o excentrico orador.



Mercê de umas notas tachygraphicas tomadas por um nosso reporter, que, por feliz acaso, se achava presente, podemos offerer aos nossos leitores uma *compte-rendue* exacta do que foi o discurso do plumitivo paulista.

— Meus patricios. — bradou elle *ex-abrupto*, fallando da escada da escola Polytechnica, com a cabelleira revolta e agitando o chapéo com uma verdadeira “furia sonora”, — meus patricios, vedes deante de vós um homem que tem vivido só de amar a sua terra e a sua gente... Desde muito creança que me habituei a adorar a minha patria e nunca fiz outra cousa do que procurar engrandecel-a, empregando toda a minha energia, toda a minha mocidade, todas as minhas forças em trabalhar para a sua gloria... Alimentei, meus irmãos, o sonho louco de ser um humilde artifice do futuro de minha patria... Identifiquei-me com ella, amei-a como o meu tudo na vida. Nunca tive outra affeição. Não cheguei a conhecer meus paes, nem jámais um carinho de mulher entrou em minha existencia. Entretanto não me sentia só, porque o amor da minha terra substituía para mim todos os outros amores. O meu lar era o nosso céo estupendo, a luz doirada do nosso sol, o verde das nossas matas, o esplendor da nossa natureza... Decorei a nossa historia, como quem escuta as palavras e aprende o passado de uma mãe... Que quereis, meus patricios... Por mais estranho que isto vos pareça, tendes deante de vós um homem que nunca experimentou na vida a mais pequenina emoção e alegria que não a recebesse desse unico e absorvente amor. Trago nas veias — e o digo com orgulho — o sangue das tres raças que se encontraram no seio das nossas florestas. João Fernandes Vieira, Camarão e Henrique Dias vivem dentro em mim, num mesmo impeto de amor á terra brasileira...

— Que está cantando esse doido... gritou uma voz gaiata. Mas ficou só, porque a figura do pobre jornalista impressionava a todos. Lembrava um energumeno infinitamente desgraçado que alli viesse gritar uma dôr irreprimivel. E havia na multidão tal curiosidade que não deixava logar a outros sentimentos. Todos suspensos — perguntavam — se aquelle sujeito não seria, mais do que louco, um desgraçado digno de respeito e compaixão. A alma varia e indecisa da turba oscillava entre os extremos. A vaia e o applauso, a troça cruel e a sympathia enthusiastica mediam forças, dentro da só impressão da estranheza do espectaculo. Aquella hora o mais arguto psychologo não poderia dizer qual o acolhimento que ia ter o orador. A apotheose e a lapidação eram igualmente possiveis.

O homem estava livido, o olhar desvairado, os labios exangues.

— Amei a minha terra e quiz trabalhar desinteressadamente pela sua grandeza. Mas fui, meus patricios, enganado, humilhado,



cuspidado no rosto ignobilmente. A minha liberdade de pensamento e de acção tornou-se illusoria. Impuzeram-me silencio e, como eu repellisse indignado uma proposta torpe, como me revoltassem o quererem subornar a minha penna e a minha palavra, enxotaram-me como um cão e cobriram-me de baldões e escarneos... Almas pequeninas e vis ! Almas immundas e sacrilegas !

Nisto varias praças da força policial, que se haviam postado nas proximidades, procuraram acercar-se do orador. Evidentemente tinham recebido ordem de impedirem a continuação do discurso.

Elle espumava, literalmente. Dos cantos dos labios borbulhavam-lhe como ondas de leite. O rosto, de lividez cadaverica, tressuava, chegando a ensopar a gola do frack. A cabelleira emmaranhada crescia á semelhança de uma selva eriçada e louca.

— Miseria das miserias ! continuava numa agitação sem limites. Todo o meu sonho cahiu por terra... Tudo está podre de alto a baixo... Reinam os instinctos mais sordidos, as paixões mais ignobeis e inconfessaveis... Ambição, ladroeiras, sabujices, servilismos, arrogancias e mentiras, eis o quadro hediondo que temos ante os olhos. "Amar a patria" parece não ser mais do que uma figura de rhetorica destinada a disfarçar os interesses mais mesquinhos. Só ha por toda a parte lama, covardia e miseria moral...

— Faça o favor de calar-se, bradou uma voz imperiosa. Se não quizer, prendam-n'o. Dispersem o povo.

Era a autoridade que intervinha. Mas o homem, vendo aproximarem-se os guardas, a envez de amedrontar-se, redobrou de furia.

— Não ha força humana que me ate a lingua neste momento. Matem-me, mas fallarei até o ultimo alento. Não, senhores... Ha uma força superior á força bruta e é para essa força que eu appello... Appello para a consciencia dos que me ouvem, appello para o meu paiz, appello para a historia gloriosa das nossas liberdades, para a alma altiva da nossa raça e do nosso povo...

A excitação tinha chegado ao auge. O pobre jornalista parecia ter enlouquecido.

Mal, porém, os policiaes fizeram menção de segural-o, explodiu do meio da multidão uma voz colerica :

— Não póde... Não póde...

E foi como o desencadear-se de uma tempestade. De todos os lados, em todos os tons, como um só grito tumultuoso e potente, partindo da consciencia de todo um povo, irrompeu com inaudita violencia o mesmo protesto :

— Não póde... Não póde... Não póde...

E como os soldados, interdictos ante a onda popular que se agitava, recuassem á espera de confirmação da ordem dada, o o grito colectivo avolumou-se assombrosamente, propagando-se



até ás ruas proximas e retumbando como uma ameaça tremenda e tonitruante :

— Não póde... Não póde... Não póde...

Durante esse tempo o homem não cessára de fallar um momento sequer. Não se lhe ouvia a voz, mas viam-se os gestos desmesurados e as visagens de indignação sobre-humana.

Os guardas afastaram-se e permaneceram a alguns passos, em attitude de expectativa. O delegado havia reconsiderado o seu acto. O orador podia continuar. Cessou aos poucos a grita da multidão e foram-se distinguindo novamente as palavras candentes que proferia.

— Eu quizera, meus patricios, ter o poder de vos fazer sentir e apalpar as realidades horriveis que se escondem atraz das apparencias enganadoras... Quizera apontar-vos com o dedo as forças hostis que avançam para nos escravizarem e esmagarem... Não vos illudae com a belleza triumphal desta cidade, com o aspecto grandioso dos nossos mares, das nossas florestas e dos nossos céos... Não pareis á superficie das cousas... Que nos importa a nós todo esse esplendor, se estamos fadados á escravidão e ao anniquillamento ! Aqui tendes deante de vós um homem vencido e conspurcado porque amou a sua patria e quiz salvar-a... Oh ! como é triste ver que nos afundamos, que sossobramos, que desaparecemos, sem que se possa clamar por salvação, se ainda fôr tempo... O estrondo pavoroso das torpezas que nos rodeiam afoga-nos a voz, enche de lama a boca que quer gritar, cobre de treva os olhos que, espavoridos, commetteram o crime de ver a sombra immensa que se aproxima... Ha uma fatalidade má que nos dissolve no sangue nas veias, que nos mata e anniquilla de modo assustador... O Brasil está transformando-se num vasto hospital, uma terra de aleijados e mutilados Moraes... Crise de character, crise de ideal, carencia de energia, ausencia quasi absoluta do mais elementar instincto de conservação... Não vos digo que o inimigo está ás portas dos nossos lares, á espreita de tudo o que temos de santo no passado, para o destruir insidiosamente... Digo-vos mais, porque o nosso mal é ainda mais tremendo... Os nossos inimigos já estão em nós mesmos, como uma praça conquistada. As forças da dissolução trabalham noite e dia no interior dos nossos organismos, no fundo das nossas almas... O' Terra de Santa Cruz, ousados navegantes, nossos paes, heróes das luctas gloriosas com os hollandezes e com o Paraguay, erguei-vos todos, sombras do passado, e vinde dizer a este povo o que o espera de momento para momento... Vêde este largo e tenebroso festim de embriagados e somnambulos, que não ouvem o ruido das algemas que se lhes preparam. Acordae-os, se o podeis... Despertae-os do torpor e da morte... Communicae-lhes a vossa força e os vossos sonhos...



Ensinai-lhes a defender o legado do vosso suor e dos vossos sonhos...

E atirando ambas as mãos para o ar, para o meio da praça, num gesto subito e violento, apontou para a estatua de José Bonifacio, que emergia solememente dentre as multidões, como se fôra todo o passado que accorria a seu appello na immobilidade fôscas do bronze.

— Olhae... Olhae, meus patricios... E' a patria que nos contempla e julga... E' o patriarcha da independencia que se ergue á beira do abysmo, que se levanta aqui no meio de nós, como que para conjurar o futuro e defender a sua obra... Vêde, meus patricios... E' o Brasil de outróra que contempla, tranzido de horror, o Brasil de hoje... Cubramos os rostos de vergonha e de dôr, que os seus olhos nos veem e o seu gesto se estende como uma maldição... Estamos mortos, grande sonhador, estamos mortos... (Aqui a voz do orador sahia travada de soluços). Nada em nós se agita mais... Vossa effigie se eleva inutilmente em face da nossa indifferença, como deante de um tumulto. Somos uma assembléa de mortos, glorioso libertador desta terra... Somos uma assembléa de mortos... Sois o unico vivo entre milhões de mortos... Que fazeis aqui onde não reconheceis mais os vossos sonhos e os vossos ideaes? Não está longe o dia em que a vossa imagem será varrida das praças publicas, como já o foi do coração e da memoria do povo que amastes... Maldição das maldições! Essa estatua vae saltar de seu negro pedestal, para não ver passar as theorias dos escravos e dos vencidos contentes com a escravidão e a derrota, sorrindo de inconsciencia e de miseria... A patria que amastes agoniza aos vossos pés, ó grande José Bonifacio...

O estranho orador tinha arrancos de allucinado. Dir-se-ia que elle corporisava allí no espaço, aos olhos de todos, a historia inteira do paiz. Era como uma procissão de vultos, de factos, de acções heroicas e gloriosas que passavam tremendo, no ar parado, sob o gesto enigmatico do bronze sagrado, para julgarem os tempos presentes com uma severidade de cousas silenciosas e de ha muito mortas na memoria dos homens. Um mal-estar doloroso pesava por sobre a multidão. Aquelle desvairado parecia ter immobilizado subitamente a vida da cidade. Os raros gritos e ruido de vehiculos que ainda se ouviam davam a impressão de virem de um outro mundo, que não tinha nada de commum com o que allí se passava.

— E' a agonia, meus patricios, a agonia de um povo e de uma raça que vêdes em redor de vós e em vós mesmos... Que me importavam a mim milhões de supplicios e de mortes, se eu pudesse esperar que uma parte de mim mesmo escaparia ao anniquillamento. Mas todo o fundo secreto de nossa alma irá connosco para a poeira do sepulchro... Todas as visões relampagueantes do



passado, todas as forças, tradições, soluços, dôres e glórias — tudo se esvae em fumo e vacuo... Que nos faz a nós patricios, que o futuro reserve a esta terra uma grande ciivilização, se essa civilização nada guardar de nós mesmos? Quando esse futuro fosse um paraizo, elle faria estremecer os meus ossos de raiva e de dôr, far-me-ia agitar-me no tumulto, porque nada haveria de commum entre a minha patria amada e esse esplendor frio e estranho, esse espectro inintelligivel e barbaro, essa visão hedionda, que é preciso afastar...

Aqui como um urro de dôr sahiu-lhe do peito arfante. Sua voz grossa e rouca, num esforço supremo, conseguiu troar com potencia assombrosa.

— Não, irmãos... Não devemos morrer... O passado que vive em nós ainda tem talvez reservas de forças occultas, accumuladas por nossos paes... Creemos um ideal e tentemos uma vasta reforma dos nossos costumes... Luctemos até o derradeiro instante... Sejamos senhores e não servos em nossa terra... Independencia ou...

A ultima palavra não poude ser pronunciada. Faltou-lhe o alento e elle cambaleou, tomado de subito deliquio. Populares amparraram-n'o pressurosos, compungidos.

De repente começou um grande tumulto.

— A cavallaria ! A cavallaria !

Era o reforço que chegava com ordem de varrer a espadeiradas e a patas de cavallo a multidão embasbacada. Chegára tarde, porque a policia, que não esperava tomasse taes proporções o comicio improvisado, não se havia aparelhado para conter em respeito os "agitadores e desordeiros". As autoridades estavam indignadas. Apenas conseguiram chegar a tempo de deportar para o Acre um quasi cadaver."

Angelo estava realmente commovido, quando terminou a leitura. "Pobre, pobre e querido Luciano !" pensou. Não foi uma reviravolta, porque elle ama com delirio o seu paiz e continua a ter fé nos seus destinos. Foi um grande movimento de revolta e de indignação, que ha de passar. Vê-se que o que mais feriu o seu coração puro, o seu coração de oiro não foram tantos os pequenos desenganos pessoaes, — senão o aspecto da vasta mentiraria organizada, com os mais pomposos nomes, para dar ganho de causa ás forças da decadencia e da dissolução. Mas esse mal é de todos os povos, nesta hora agitada que atravessa o mundo. Esta grande patria, este meu grande amor não pôde morrer..."

(Continúa)





TRADIÇÃO E PROGRESSO

POR

LUIZ ARAUJO CORRÊA DE BRITO

A causa real da nossa apathia está na ignorância do nosso meio e de nós mesmos.

Alberto Torres — A Organização Nacional pag. XXIV.

Espíritos que a si mesmos se intitulam *práticos*, na phase aguda de utilitarismo, no prurido de americanisação que vamos atravessando, estão concorrendo para tornar dia a dia mais accentuado o preconceito de que — tradição e progresso — são ideias que se contrapõem em vez de se completarem, duas entidades incompatíveis, duas forças antagonicas que não podem coexistir na marcha ascensional do desenvolvimento de um povo.

Partindo desta noção duplamente perniciososa — por ser errada e por ser de emprestimo — não admira que já comecem de se lhe fazerem sentir os effeitos nocivos, dentre os quaes avulta, em destaque, o desprezo pelo nosso passado, pelo estudo da nossa historia, pelo zelo da nossa tradição, talvez porque o tempo nos seja escasso para a nossa classica admiração basbaque por tudo quanto nos vem de fóra, com o rotulo do “Made in England”, a etiqueta do “Made in Germany”, a *réclame* dos 3 fr. 50 parisienses ou os estupendos *bluffs* que caracterizam a pratica do pocker.

O progresso só é inimigo da tradição quando implica o esquecimento criminoso do que é nacional para se reduzir, como tem succedido entre nós, a uma imitação caricata das instituições, leis, hábitos e costumes dos povos mais adiantados. Para termos progresso, pensam muitos que nos basta possuir avenidas que compitam com as principaes arterias europeias, uma lei basica tão macaqueada quanto inadaptaavel, mallevel e desrespeitada e o nome pomposo — o nome sobretudo — de democracia.

Esta faina de tudo imitar das nações mais adiantadas, com prejuizo do que é genuinamente nacional, longe de nos dar o procla-

mado progresso, é, bem ao contrario, um elemento dissolvente da nacionalidade, sobretudo nos centros em que domina o cosmopolitismo — poderoso factor de desagregação, produzido pelas lévas de immigrants que afluem ás nossas plagas sem encontrar aqui uma força assimiladora que os incorpore á população nacional, dada a precaria diffusão do nosso ensino primario.

Não se comprehende progresso, na verdadeira accepção do termo, sem estar elle baseado no passado, nas tradições, sem implicar a adopção de instituições adaptaveis ao “nosso” meio, sem o estudo da “nossa” historia, sem o cultivo diffundido da “nossa” lingua, sem o zelo cioso por tudo quanto é “nosso”.

O edificio do progresso, para ser solido, deve assentar sobre os alicerces do passado. Este, por não estar sujeito ás incertezas do presente nem exposto ás vicissitudes e vacillações do futuro, é o esteio mais solido das civilisações. Uma nação que despreza suas tradições e, apezar disto, pavoneia progresso. assemelha-se a uma arvore cuja copa se balançasse ufana nos ares esquecida do muito que deve ás raizes mergulhadas no seio da terra.

Como povo novo, não podemos por enquanto ter vida absolutamente autonoma, sobretudo n’uma época em que a internacionalisação das relações commerciaes, cada dia mais estreitas, e as mutuas dependencias financeiras e economicas tendem a fazer rumar cada vez mais para o dominio da fantasia a ideia das nações absolutamente independentes. Precisamos do concurso das velhas civilisações, não para lhes imitar servilmente os moldes e feitios, transplantando muita vez para cá o que ellas teem de peor, mas para assimilar o que ellas nos possam fornecer de bom e aproveitavel, sem prejuizo da nossa nacionalidade.

Pelos nossos antecedentes ethnicos e culturaes, só podemos ser devotados amigos do passado.

Portugal, si não morreu com o *progresso* da sua republica, é porque sempre foi um paiz cioso do seu passado e, si ainda sonha renascer, é porque crê nesse passado que, de tão relembrado, é um verdadeiro presente, a estimular as novas gerações, propellindo-as para futuro risonho. A França, de que a cada momento nos confessamos devotados “filhos mentaes”, tem o seu solo juncado de tradições e o seu passado immortalizado nas melhores paginas da sua litteratura.

Dir-se-ia, diante disto, sermos um povo fadado a só herdar os vicios e defeitos dos nossos ancestraes e a só adoptar o lado máo dos nossos proclamados “tutores mentaes”.

De Portugal não herdámos o amor ás tradições, mas herdámos o conservantismo ferrenho, o chamado “pé de boi”, que nos tem



entorpecido, e o sentimentalismo morbido, que faz do portuguez um prolongamento da guitarra como faz do nortista um complemento da rede e da viola, minando e embotando, na indolencia tropical, as energias de um povo novo.

Da França não quizemos receber o culto do passado: — preferimos copiar Paris no que elle tem de peor: nos cafés-concertos, onde esquecemos o nosso “folk-lore” para aprender cançonetas estrangeiras; na vida de ostentação das avenidas e *boulevards*; no “can-can”, nos *apaches*, no requinte (no *raffiné*, como lá dizem elles) da corrupção, na dissolução da familia pelo adulterio — prato obrigado de resistencia da sua litteratura moderna que, como dizia Eça de Queiroz, gyra toda ella em torno de um leito; nos theatros e nos cinematographos onde, dia a dia, se perverte o gosto e o senso moral e esthetico do publico com o desenrlar de *films* kilometricos, emmaranhados em enredos pouco edificantes.

E como a quadra é toda de *réclame*, de cartaz e de propaganda á yankee, tudo isto corre com a taboleta de “cultura latina” e as suas consequencias com o rotulo de “vicios chics” dos hyper-civilisados, de que o Jacintho de “A cidade e as Serras” é o acabado prototypo.

Esta tendencia para querer começar por onde acabam sempre as nações velhas, cançadas e gastas é que já nos fez merecer de um escriptor patrio a observação de que o Brasil se assemelha a um individuo, que começa a envelhecer sem nunca ter sido moço.

Si a tendencia para imitar o que é máo é signal de decadencia, a febre de imitar, mesmo o que é bom é symptoma de fraqueza e incapacidade creadora.

Em vez de cobrirmos de labéos infamantes os povos que custam a se deixar assimilar, deveriamos admiral-os e imitar-lhes a organização pujante pois que só se desnacionalisam facilmente os povos organicamente fracos.

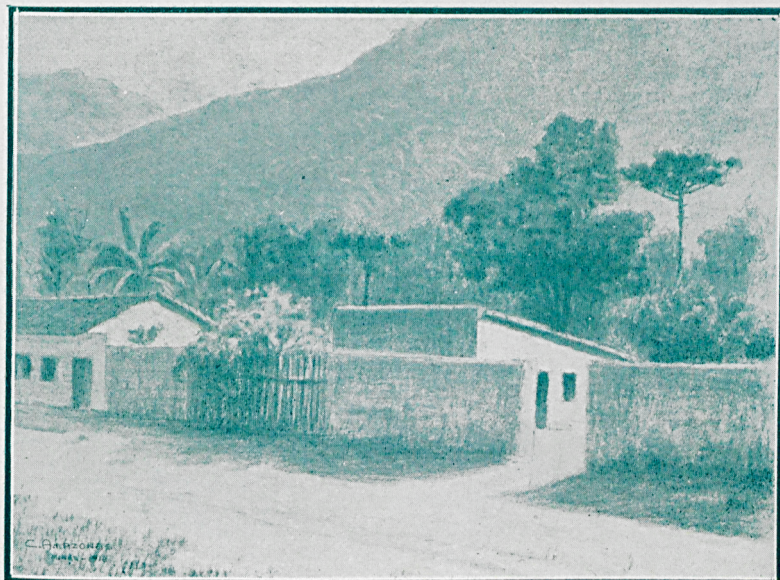
Não faltam entre nós individuos sempre dispostos, com uma solicitude caracteristica, a se afrancezarem, a se anglicanisarem e agora que as perturbações da guerra e suas consequencias os puzeram quasi incommunicaveis com os respectivos modelos, parece que um verdadeiro instincto — que poderia ser chamado instincto vital da imitação — os está arrastando á macaqueação completa dos Estados Unidos, de onde passamos a importar tudo, desde o dinheiro e os “trusts”, imitados pelos açambarcadores que monopolisam nossos generos, até a “caraboo”, e as danças “cake-walk”, “one-stepp”, “two-stepp”; desde os *bluffs*, que por emquanto aqui chamamos *fitas* até o modo (ou a moda) de cortar o cabello e usar o rosto glabro; desde o jogo do pocker até a leitura do Nick-



CLODOMIRO AMAZONAS



Scena mineira



Em Minas

CLODOMIRO AMAZONAS



Guarujá

Carter; desde as peripecias de *detectives* e criminosos, nos *films* policiaes, até os paletós curtos e cintados com uma superabundancia de bolsos abotoados sobre a escassez da fazenda.

Esse verdadeiro fanatismo pelo estrangeiro, a quem nos esca-
visamos a troco de um sentimentalismo piégas com que elle nos
engoda e explora, forçosamente só nos poderá levar a extremos
lamentaveis.

Assim, vemos brasileiros que conhecem melhor as façanhas bel-
licas e amorosas de Napoleão do que os factos da nossa historia;
brasileiros que, incapazes de escrever com correcção sua lingua,
timbram vaidosamente em arranhar francez, rascando emphati-
camente os *rr* porque... é *chic*; brasileiros que mais facilmente
offerecem ao estrangeiro seus serviços de aviador e de soldado
do que á propria patria; que escrevem para o nosso theatro peças
em francez; que acodem pressurosos, com avultados donativos
para todas as Cruzes Vermelhas estrangeiras, deixando para soc-
correr mingudadamente os nossos irmãos cearenses, acossados pela
fome e pela sêde, sómente depois de terem generosamente satis-
feito as sympathias de fóra.

Urge que recuemos desse caminho perigoso que nos está redu-
zindo ao estado que Alberto Torres analysou e definiu, chamando-
nos "uma nação sem nacionalidade".

Para isto basta que sejamos mais brasileiros do que temos sido
até agora.

Não façamos do Brasil um grande cães para onde a Europa ou
a America do Norte nos mandem, empacotado no fundo de seus
navios, o peor das suas civilizações. Volvamo-nos sobretudo para
as nossas regiões nortistas e centraes—as mais brasileiras do Brasil
— que estão sendo esquecidas, com prejuizo das nossas culturas
e o abandono das nossas riquezas, para congestionarmos a orla do
littoral, onde mais intensa palpita uma civilização ficticia, pos-
tiça, artificial, de ademanes e arremedos, com seu cosmopolitismo
aventureiro e dissolvente da nossa nacionalidade.

De que servem avenidas quando por ellas perambulam, como
um escarneo, mendigos esmolando? De que servem fachadas des-
lumbrantes de edificios grandiosos quando, nos degraus de suas
escadarias, pernoita a miseria abandonada? De que serve decan-
tarmos nossas riquezas em estylo Rocha Pitta si até palitos e
cabos de vassoura importamos de Portugal? De que serve um solo
rico e uberrimo quando sobre elle se arrasta uma população que
vive faminta, maltrapilha e analphabeta e que morre dizimada
pela ankylostomose, pelo impaludismo endemico, pelo cataclysmo
cyclico das seccas do nordeste ou pela polynephrite e o beriberi
amazonicos?

De nada absolutamente.



E' tempo de abandonarmos de vez essa obsessão pelo que nos vem de fóra, essa verdadeira paranoia do estrangeiro, para sermos antes e acima de tudo genuinamente e visceralmente brasileiros — brasileiros pelo culto do nosso passado, que jaz tão descurado; pelo estudo do nosso presente, que nos offerece uma serie de problemas vitaes a resolver; pelas aspirações do nosso futuro — que merece ser grandioso o desta terra ainda pouco estudada.

Façamos aqui uma civilização brasileira e não uma civilização transatlantica.

Apreciemos, visitemos e aprendamos com o estrangeiro, sem nos desnacionalisarmos, como fizeram Rio Branco e Affonso Arinos. Propaguemos pela imprensa a nossa litteratura nacionalista — Euclides da Cunha, Rio Branco, Affonso Arinos, João Francisco Lisboa, Eduardo Prado, Alencar, Macedo, Coelho Netto, Alberto Rangel, Sylvio Romero e tantos, tantos outros — em vez de estamparmos diariamente, em folhetins de roda-pé no nosso periodismo — que é o livro do grande publico — romances estrangeiros, atravez de traducções muitas vezes mal feitas e quasi sempre bem pagas.

Reergamos o nosso theatro, em vez de alimentarmos dansarinas de segunda ordem e fazermos da nossa terra o paraíso dos artistas improvisados ou em estado de... aposentadoria.

Substituamos o patriotismo dos passeios e das paradas, o prurido da farda conseguido a cocegas de rhetorica, o patriotismo de apparato sob a forma medieval e aggressiva da guerra, pelo patriotismo mais modesto porém mais fecundo da paz, pelo patriotismo do culto do dever, da iniciativa, da honestidade, do trabalho e da ordem.

Diffundamos a nossa instrucção, apresentando o Brasil aos nossos patricios analphabetos; zelemos pelo nosso idioma — principal vinculo da nossa nacionalidade—proscrevendo os que o deturpam com os aleijões de peregrinismos inuteis.

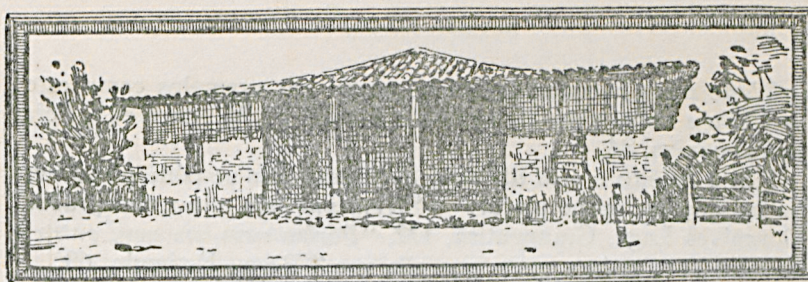
Volvamo-nos para o nosso passado, a que já demos por demais as costas; veneremos nossas glorias e tradições com o estudo da nossa historia e o culto civico aos grandes vultos da nossa nacionalidade.

Alguem, attentando na lentidão proverbial das nossas decisões, já entendeu appellidar-nos o paiz classico do "amanhã".

Sejamos, de preferencia, o paiz do "hontem", defensor de suas tradições, cioso de suas reminiscencias, zeloso de sua historia.

No dia em que nortearmos a nossa orientação para esse rumo, o progresso deixará de ser o pretendido inimigo da tradição e o culto do passado nos reabilitará aos olhos do mundo civilisado.





UM E OUTRO

FOR
FIRMINO COSTA

(Ao eminente philologo João Ribeiro)

1. O determinativo *um* e *outro* concorda com o substantivo do singular ou do plural: — “Que entre *um e outro* manjar se levantavam”. Camões, *Lusiadas*, X, 5. “Desfazendo-se os céus vem agua de *uma e outra parte*.” Fr. Luiz de Souza, *Vida do Arcebispo*, II, 138. “Não eram bem despedidos de *um e outro Arcebispos*.” *Ibidem*, 174. “Contra *um e outro* avisos do Céu.” Manoel Bernardes, *Varios tratados*, II, 423. Cumpre notar que é hoje mais corrente a primeira construcção.

2. Póde dar-se a repetição de *outro*, conforme estes exemplos: — “Por palavra, obra e pensamento, contra *um e outro e outro* mandamento.” Manoel Bernardes, *Exercícios Espirituaes*, I, 50.

“Um Ethiope ousado se arremessa.
A ella, por que não se lhe escapasse;
Outro e outro lhe saem.” *Lusiadas*, V, 32.

3. Antepõe-se ás vezes o substantivo a *outros*—“Uma *cousa e outra* fazia todos os dias.” Fr. Luiz de Souza. *Vida Arcebispo*, I, 94. “Vendo sempre de *uma banda e da outra* muitos e muito nobres cidades.” Fernão M. Pinto, *Excerptos*, I, 167.

4. O adjectivo *um e outro*, quando serve de sujeito, leva o verbo a qualquer dos numeros: — “*Uma e outra* coisa lhe *desagrada*.” Bernardes, *Nova Floresta*, II, 288. “Daqui nasceu que *um e outro* mau affecto o *cegaram*.” Bernardes, *Estimulo Practico*, 311.

“*Um e outro* é sagaz e presentido;

“*Um e outro* aos ladrões *declaram* guerra.”

Castilho, *Fastos*, III, 19.

E' de rigor a concordancia no plural em exemplos como este: — "Um e outro gemem, amante e dama." F. M. de Mello, Feira dos annexins, 84.

5. Si o sujeito é *nem um nem outro*, tambem se pôde pôr o verbo no singular ou no plural: — "*Nem um nem outro me agrada.*" Gonçalves Lage, Grammatica, 132. "Porêem *nem um nem outro* o *seguem* para toda a parte que ella vae." Bern., Estimulo, 69.

6. Construcção usual e curiosa é a dos seguintes exemplos, em que se dá a ellipse do sujeito na primeira proposição, e a do verbo na segunda: — "Despedindo-se Floriano de Amalta, elle enfadado e ella saudosa, se apartaram um do outro." F. de Moraes, Palmeirim, I, 413. "Gostaram um do outro". Machado de Assis, Quincas Borba, 261.

7. A grammatica de Freire da Silva, pag. 358, e a de Paulino de Souza, pag. 365, condemnaram o uso da expressão *um outro*, mas os exemplos abonadores desta são muitos e valiosos. Citarei os seguintes:—

"Viu apartar-se de *uma outra* vontade,
"Que nunca poderá ver-se apartada."

Camões, II, 13. ed. Juromenha.

"Nota-se na Hollanda *um outro* phenomeno quasi desconhecido em Portugal." Ramalho Ortigão, A Hollanda, 450. "Ignoram que *um outro* golpe feria a alma do Brotero naquella occasião." Machado de Assis, Paginas recolhidas, 116. "O romano não sacrificava o bem estar na terra ás promettidas delicias de *uma outra* vida, depois da morte." Coelho Netto, Palestras da tarde, 31.

8. Ainda quando *um e outro* determina substantivo do singular, colloca-se no plural o adjectivo, que está em relação, predicativa: — "E desceu outra vez, e o cão atraz, sem entender nem fugir, um e outro *alagados, confusos.*" Machado de Assis, Quincas Borba, 428. "Nem uma nem outra coisa; ou antes, *uma e outra coisa juntas.*" Ruy Barbosa, Replica, 83, n. 175. Entretanto, Vieira assim se exprime em *Sermões selectos*, I, 336: — "Tal foi o fim de Niceforo, tal o de Saprício; *digno* um e outro da fé de ambos."

9. Como correlativos, *um e outro* conservam-se na fórmula masculina, referindo-se a substantivos pertencentes a mais de um genero: — "O *Menino* e a *Senhora*, ambos *um* do *outro* se nutriam." Bernardes, Varios tratados, I, 215.

"Amo a *paz* juntamente e o *perigo*;
"E em amar *um e outro* não me engano."

Camões, II, 105.



Em casos como este impõe-se o uso das duas fórmulas genericas:

“As mulheres e filhos, que se matam,
 “Daquelles que vão presos, onde estava
 “ O Samorim, se aqueixam, que perdidos
 “*Uns teem os paes, as outras os maridos.*”

Camões, *Lusiadas*, IX, 11.

10. Com referencia ao numero anterior, é de notar que a influencia do adjectivo obriga ás vezes a fórmula feminina, conforme este exemplo, em que o qualificativo *gloriosa* exigiu o emprego de *umas* — “Daqui veio aos athenienses estimarem mais o conselho de Solon que a victoria de Themistocles, porque a *uma*, ainda que *gloriosa*, teve o fim acelerado, e o outro, ainda que de menos fama, aproveitou perpetuamente.” Francisco de Moraes, *Dialogos*, 2.º, 25.

11. E’ curiosissima esta construcção da *Replica*, pag. 185, em que o sr. Ruy Barbosa conserva invariavel *um e outro*, fazendo-o variar logo em seguida: — “A exposição é o jornal vivo, como o jornal é a exposição impressa *Num e noutra* se conteem obras scientificas, literarias e artisticas; mas nem *um* nem *a outro* são obras artisticas, literarias ou scientificas.”

12. Os adjectivos *um e outro* são usados nas enumerações: — “A saleta tem tres portas: *uma* que abre para o corredor; *outra* que diz para a alcova; e a terceira que leva á camara dos esposos.” Camillo, *Livro de Consolação*, 244.

“*Um* na cabeça cornos esculpidos,
 “Qual Jupiter Ammon em Lybia estava;
 “*Outro* num corpo rostos tinha unidos...
 “*Outro* com muitos braços divididos...
 “*Outro* fronte canina tem de fora...”

Lusiadas, VII, 48.

13. Antigamente empregava-se o artigo antes de *um e outro*: — “Então serão conhecidos *os uns e os outros.*” Heitor Pinto, *Imagem da vida christã*, II, 167. “Falavam ambos a lingua italiana, *o um* por ser sua natural, *o outro* pola ter adquirida.” *Ibidem*, I, 305. “Abriram as portas da torre, e saíram della duas donas, *a uma* acompanhada como pessoa de preço, *a outra* só sem mais companhia que um pequeno donzel.” Francisco de Moraes, *Palmeirim*, I, 220.

14. Em certos casos conserva-se hoje o artigo antes de *outro*: “Porque *um* domina as suas paixões, *o outro* as serve.”



Bernardes, Nova Floresta, II, 255. "Mas onde a diferença, ainda linear, capillar, microscópica entre um e *os outros*, entre a minha emenda e os modelos do mestre?" Ruy Barbosa. Replica, 133, n. U 5. "Mas bem não vae a lei, em que o sentido e a expressão entre si collidirem. E porque não os afinarmos um *ao outro*?" Ibidem, 142, n. 288.

15. Existem vestígios da anteposição do artigo ao indefinido *uma*: — "*A* uma hora em ponto." Camillo, Bohemia do Espirito, 224. "*Pela uma* hora da tarde tínhamos descido a montanha." Eça de Queiroz, Minas de Salomão, 121. "E levantando clamor todos *á uma*, espertado mais com varios e sonoros instrumentos, morreu afogado em nuvens de fumo." Bern, Floresta, I, 167.

16. As expressões *um a um*, *um por um*, *a um e um*, *um e um*, significam cada um por sua vez: — "Retirando, *um a um*, tijolos e pedras." C. Netto, Palestras da tarde, 46. "E colhi nas feições *uma por uma* o transumpto do esposo." Garrett, Dicc. Aulete. "Arrostar-vos com as difficuldades *a uma e uma*, até as levardes todas de vencida." Castilho, Colloquios aldeões, 50. "Vão as naus *uma e uma* rodeando." Lusíadas, 2.º, 106.

17. O indefinido *um*, antes de nomes proprios, tem sentido appreciativo ou depreciativo: — "E nesta fórmula bem podia *um* S. Francisco entender que elle era o pessimo de todos os nascidos." Bernardes, Luz e Calor, 263. "As suspeitas do crime recaíram sobre *um* João Pereira." Moraes, Dicc.

18. Os classicos antepunham ás vezes o adjectivo *outro* aos indefinidos *algum* e *nenhum*, o que hoje não se usa: — "Em logar destes dons, e de *outros alguns*, que poderá haver, lhe daremos infinitos." Diogo de Paiva, Casamento perfeito, 394. "Não ha *outro nenhum* reparo, sinão sabellos escolher." Ibidem, 426.

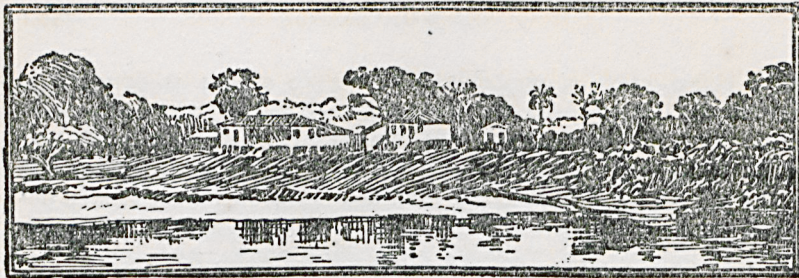
19. O indefinido *um* era usado como sujeito, exprimindo um ser indeterminado, nos casos em que hoje empregamos *a gente*, *a pessoa*: — "E quanto ao ponto de que a discricção e talento proprio basta para *um* se vigiar das traições do inimigo, e adeantar-se nas virtudes, abertamente digo ser falso." Bernardes, Floresta, I, 165. "E claro está, que quanto *um* se assemelhar mais a Deus, e participar da sua natureza, tanto será mais perfeito." Idem, Luz e Calor, 80.

20. Paulino de Souza, em sua "Grammaire Portugaise", pag. 429, seguido neste ponto por Julio Ribeiro e Freire da Silva em seus compendios, pag. 244 e 367, estabelece differença entre o adjectivo *um* e *outro* e o adjectivo *ambos*, affirmando que este ultimo não pôde ser usado com substantivos, que desi-



gnem coisas entre si oppostas. Em vez de *ambos os advogados*, si elles são de partidos adversos, dir-se-á *um e outro advogado* ou *os dois advogados*. Os tres illustres grammaticos não teem nenhuma razão, em vista dos factos da linguagem attestados por estes exemplos:—"O sabio não queria muita riqueza, nem muita pobreza, porque em *ambos estes estados* ha tentações." Amador Arraiz, Dialogos, 75. "*Ambas estas duas partes*, premio e pena, ha de ter quem toma na mão o leme de republica." Heitor Pinto, Imagem da Vida Christian, I, 155. "O que me admira é que tomem dous advogados uma demanda entre mãos e entre dentes; este pelo autor, e aquelle réu, e que *ambos* affirmem a *ambas as partes* que teem justiça." Manoel Bernardes, Os ultimos fins, 304. "Muitas vezes os dous espiritos, o da luz e o das trevas, vestem fórmãs humanas: são dous inimigos mortaes que se guerream, e que *ambos* se chamam nossos amigos." A. Hercutano, O Monge de Cister, I, 112. "Seria sem duvida alliciado por *ambos os partidos contendores*." Ibidem, 115. "Não estava ligado a nenhum dos dous partidos, conservando em *ambos* preciosas amizades." Machado de Assis, Helena, 6. "Abrange *ambos os dominios*, o da materia e o do espirito." Camillo, Scenas da Foz, 138.





A HYGIENE NO RIO GRANDE DO SUL

POR

ALCINDO SODRÉ

O MEIO

A Terra Gaúcha, nos seus 236.553 km² de superfície, apresenta como o seu habitante, um cunho regional e distinto. Situada na zona temperada do paralelo 36.º, 46', sua divisão physica territorial, acompanha de um modo absoluto a divisão politica. Na costa, ao des-pontar a fóz do Mampituba, limite interestadual, a Serra do Mar expira bruscamente, dando lugar ás dunas de areia que se delinham por todo o littoral rio-grandense até o Chuy. No limite norte do Estado, as mais altas serras catharinenses ao declinarem para o rio Uruguay acompanhando as aguas do rio do Peixe, destacam os limites naturaes, pouco após a travessia d'aquelle rio, surgindo então o verde ondeado das cochilhas sem fim. E' a chamada "Região Ser-rana" do Rio Grande". Esta região, no emtanto, não dá ao especta-dor a impressão de serra: os horizontes são mui vastos, e as pas-tagens se succedem com ausencia de mattas robustas e espessas; é quasi sempre o mesmo panorama da "Região da Campanha", embo-ra a altitude seja ás vezes de cinco a oito centenas de metros. De-"Cima da Serra" para a "Campanha", a continuidade do terreno é, em geral, tão suave, que só attenta observação o faz perceber. As-sim, o Rio Grande do Sul, releva-se caracteristicamente das demais zonas brazileiras, pelas campinas extensas onde pasce metade do re-banho nacional. O clima, de grande salubridade, apresenta as duas estações antagonicas, definidas e intensas: muito frio no inverno e quente no verão. As altas temperaturas, porém, apresentam-se pe-riodicas, diversamente de outros pontos do Norte. No quatriennio de 1908 a 1912, o quadro climatologico da capital do Estado, em cotejo com o do Rio e S. Paulo, apresentou as seguintes variantes (1):

	Média	Maxima	Minima	Humidade-média
Porto-Alegre	19	38	0,3	68,1
Rio	22	37	12,9	77,5
S. Paulo	18	34,4	0,2	80

1) Boletim da Directoria de Estatistica do Ministerio da Agricultura

O frio, em outras localidades do Estado, attinge communmente até 10.º abaixo de zéro! A geada é então frequente em todo o seu territorio, e em "Cima da Serra" a neve não é rara, cahindo em flócos e juxtapondo-se em camadas de cinco centímetros. "Esta provincia, por qualquer lado que se olhe, é uma das mais bellas de todo o Brasil; seu clima é geralmente agradável e tão excellente, como bem se póde avaliar pela variedade e exuberancia de suas producções; puros ares que dão sau'de; muitos rios perennaes, duas grandes lagóas a humedecem; na parte superior densas e sombrias florestas; tem larguissimas campinas que se tapizam de mui graciosas pastagens; medra em rebanhos, os de gado armentio já são fóra de algarismo; abunda em fructos, e depara deleitoso entretenimento em pescarias, veação e passarinhagem; e para dar ainda idéa mais exacta do seu temperamento, segundo as observações que fiz na capital, no verão o calor chegou a 87.º e a 88.º do thermometro de Fahirenheit, e no inverno, quando sopra o Oéste, tem marcado 44.º e 40.º no mesmo thermometro. (1)" O homem, tem ahi dous typos: o gaúcho e o colono. O gaúcho, como todo habitante do sertão brasileiro, é um producto hybrido do portuguez, indio e negro. E' o "guasca". Isolado da civilisação, na vida sadia da Estancia, apresenta compleição robusta, sem nenhuma enfermidade que o debilite. Carnivoro por excellencia, contrabalança a superabundancia de acido urico que o "churrasco e xarque lhe trazem, pelos exercicios das lides campeiras e os goles quentes do diuretico matte "chimarrão". "E, rompendo pelas cochilhas, arrebatado na marcha do redomão desensoffrido, calçando as botas russilhonas, em que retinem as rosetas das esporas de prata; lenço de seda encarnado ao pescoço, coberto pelo sombreiro de enormes abas flexiveis e tendo á cinta, rebrilhando, presas pela guaiaca, a pistóla e a faca — é um victorioso jovial e fóрте." (2) O colono é o agricultor italiano ou allemão. Aquelle, em maior numero; este, de preferencia na actividade commercial das cidades. A salubridade do sólo, attrahio, desde o 2.º Imperio, a immigração européa, e esta região conjuntamente com Santa Catharina, foi a preferida pelo elemento allemão. A Allemanha, é sabido, sonhava com a organisação no Sul, de um paiz de 30 a 40 milhões de tudescos.

Estes colonos, nos campos, adaptam-se ao sólo em melhóres condições que no patrio, e o desenvolvimento e riqueza das colonias italo-teutas do Rio Grande são tão grandes, que tres quartos de sua producção são consumidos pela União! Na região agricola-pastoril do Estado, onde a população vive desseminada, não ha enfermidades epidemicas ou endemicas que a definhem. Agora, que tanto se falla no saneamento do Brazil, forçoso é destacar a situação climatologica privilegiada, do Rio Grande do Sul. Não ha mistér verificar-se os argumentos calumniosos de antanho, sobre o clima tropical; já se não discute a importancia diminuta das enfermidades dos climas quentes, ante a enorme cifra de molestias universaes que anniquillam a humanidade sob todos os climas e que justamente mais nos enfraquecem. Está consagrado o principio biologico de que as especies foram creadas não para um genero de vida determinado, mas sim para um

(1) Euclides da Cunha — Os Sertões.

(2) Visconde de São Leopoldo — Annaes da Provincia de São Pedro, 2.a edição 1839.



genero de vida nas circumstancias em que se achem collocadas. "Quanto all'adattamento e all'acclimatamento dell'europeo nei paesi caldi, tutto si riduce a una questione d'igiene." (3) Todas as zonas brasileiras de São Paulo para o Norte, têm sido assoladas pelas varias enfermidades "civilizadas", aqui proliferadas, umas, pelo estado actual do meio, outras, em maioria, pelo facto do homem ainda se não achar identificado physiologicamente com a terra, conservando habitos dos seus ancestraes de além Atlantico. Quanto ao estado actual do meio, vemos ante nós a lucta gigantesca que iniciamos e ainda se nos depara, de zonas paludicas como a Amazonia, onde a maior bacia fluvial do mundo, é alimentada a maior das vezes de rios instaveis, esparramando alagadiços por toda parte: "o homem ali, é ainda um intruso impertinente. Chegou sem ser esperado nem querido — quando a natureza ainda estava arrumando o seu mais vasto e luxuoso salão. E encontrou uma opulenta desordem"...4) Este estado actual, todavia, será ephemero; o trabalho do Madeira-Mamoré o atesta, e a situação sanitaria actual da Capital Federal é exemplo edificante. Quanto á aclimação, temos a revelação pujante do nordeste, onde a raça, cessada a immigração, começa a apresentar-se typica e resistente como sóe acontecer com os cearenses, unicos que habituados aos castigos do seu sertão, povoam galhardamente a Amazonia. Infelizmente, as molestias flagellam todo o Brazil Central e extremo Norte, em virtude dos phenomenos inexoraveis do meio e aclimação, e o problema, só no tempo e na lucta encontrará solução. Resta-nos o Sul, com um clima saluberrimo e um estado sanitario excellente na zona rural, contrastando vivamente com o quadro desolador das cidades, onde pullulam todas as affecções que o meio permite.

A HYGIENE

O coeﬃciente mortuario por mil habitantes, da capital do Estado, comparado com mais quatro cidades brasileiras, duas situadas em zona tropical, onde grassam as molestias por nós chamadas "flagelantes", e outras duas situadas em zona temperada, apresenta os seguintes numeros:5)

Porto-Alegre — 29,07
Rio — 20,58
Bello-Horizonte — 17,15
Curityba — 17,0
São Paulo — 16,86

A mortalidade infantil de Porto-Alegre, na sua maioria devida a colites, apresenta no mesmo coeﬃciente o algarismo 255,7. E não podemos cotejar as cifras decrescentes destas cidades, com as da enorme mortalidade gaúcha, uma vez que o Governo do Estado não consente sejam registadas as "causa mortis"! O Relatorio da Hygiene riograndense, restringe-se a divulgar cifras, cifras estas que em

3) Filippo Rho — Prefacio das "Malattie dei paesi tropicale" de C. Mense.

4) Euclides da Cunha — A' margem da historia.

5) Anuario Demographico da Directoria do Serviço Sanitario do Estado de S. Paulo (1916).



1907 collocavam Porto-Alegre no 2.º lugar das cidades brasileiras de maior mortalidade. Assim, o Delegado de Saúde do porto do Rio Grande, não tem por seu lado, fornecido as informações precisas que o cargo obriga, á Repartição federal a que pertence. E' sabido, que em virtude de innumeradas razões, não temos estatísticas exactas; mas, uma vez realizadas com a persistencia das mesmas causas de erro, a orientação e resultados d'ellas advindos, são por isso de grande utilidade. E' pena, não possamos confrontar cifras gaúchas, com "causa mortis"; entretanto, daremos no quadro abaixo, algarismos das quatro cidades brasileiras a que já nos referimos, para evidenciar, graças á sua Hygiene, o estado relativamente pequeno e decrescente do seu coefficiente mortuario, coefficiente este, de quatro enfermidades "flagellantes" e duas enfermidades que se estabeleceram no Rio Grande do Sul:6)

	Typho	Paludismo	Ancylostomo	Variola	móse	Peste	Dysenteria	
São Paulo	165	8	17		4	40	1913	
	294	18	16		5	49	1914	
	156	20	1	11	1	48	1915	
	97	13	0	9	0	27	1916	
Rio	75	264	118	85	13	169	1913	
	100	213	1.230	80	1	178	1914	
	172	406	258	51	2		1915	
	177	342	121	51	0		1916	
Curitiba	29	1	0	0	0	22	1913	
	32	0	3	0	0	19	1914	
	45	0	0	1	0	12	1915	
	27	0	0	1	0	18	1916	
Bello Horizonte	5	1	1	6	0	9	1913	
	12	1	4	6	0	7	1914	
	10	1	1	2	0	11	1915	

Os constituintes rio-grandenses, ante a velha e debatida these "O Estado deve viver para os individuos, ou estes para o Estado?", adoptaram como doutrina a ultima proposição e a ella se affeçoaram de modo intenso. Não admittem que as duas formulas se completem, se harmonisem ante a relatividade das cousas e preferem os principios absolutos. Pretendem que o Estado não se deve immiscuir na evolução da sociedade, fiscalizando o individuo, e assim, a Hygiene, cega aos interesses da collectividade, não se julga com direitos de orientar a ignorancia individual. Protegidos pelo sonho perenne de romanticos homens publicos, que persistem em praticar formulas philosophicas praticamente perniciosas, as enfermidades brotam e se estabelecem nas cidades rio-grandenses em carácter definitivo. Ahi campeão a peste bubonica, a variola, o typho e a dysenteria. Este aspecto lamentavel ainda mais resalta, ao vêr-se um meio onde a ancylostomóse, o impaludismo e a febre amarella não conseguiram germinar, e onde, prenhe de molestias cuja prophylaxia é conhecida e

6) Annuarios demographicos dos referidos Estados.



de resultados efficacissimos, as cidades oppõem-se clamorosamente com o estado sanitario dos campos cuja situação dos habitantes não permite estes effeitos lastimaveis. Dá-se um caso de peste: a Hygiene manda saber se a familia do pestoso consente no isolamento, ou, em caso de mórte, na desinfecção. Uma vez negada a permissão para qualquer das hypotheses a Hygiene julga-se desobrigada perante... a consciencia. "O clima mais são da terra, segundo Saint-Hilaire. — Dizem os modernos que muito tem mudado para peor, mas não negando que haja mudado, o que nos parece verdadeiro é que a população, a constituição medica, decaíram. E' triste o engano de suppo-rem os homens de hoje que a nossa terra peorou quando elles é que degeneraram". (1) Tal é a explicação, que absolutamente não subscrevemos, do então homem publico da situação gaúcha, Alfredo Varella. As cidades, máo grado o gosto architectural da corrente immigratória, sabiamente aproveitado por S. Paulo, não merecem attenção: as construcções são pesadas, inestheticas e anti-hygienicas. Posturas municipaes que não permitem construcções sem concreto, sem determinadas dimensões de aposentos e com alcovas, não são cumpridas. Generos alimenticios deteriorados, são vendidos impunemente; do calçamento ruidoso, elevam-se nuvens suffocantes de pó e excremento dos animaes de tracção. E os charlatães exploram a medicina, garantidos pela liberdade de profissão. Porto Alegre, cidade de cento e oitenta mil habitantes, possui serviço de aguas e exgottos deficientissimo, este ultimo só existindo no centro da cidade, sendo nos outros trechos feito por meio de cubos e fóssas... Porque essas miserias? "Porque o individuo não é obrigado a comprar generos deteriorados, nem a chamar um charlatão"... "Porque o Estado não pôde ser "curador"...

Tal é a situação sanitaria da riquissima circumscripção nacional que é o glorioso Estado do Rio Grande do Sul. Estado de grande responsabilidade na Federação, já pelo trabalho de seus habitantes, já pelas maravilhas do seu meio, é de esperar não continue a se prejudicar com principios de governo demasiado philosophicos e mui contrarios á boa evolução humana. Oxalá, o esclarecimento illumine seus dirigentes para que em breve reconheçam os maleficios desses principios que tanto lhe tem retido o adiantamento que apezar dos peza-res é ahí notavel, e possa accelerar o brilhante futuro que ao progressista quão nobre povo gaúcho está reservado, na marcha victoriosa da Patria Brasileira.

(1) Alfredo Varella — Rio Grande do Sul — 1897.



ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS



EUCLYDES DA CUNHA

Successor de Valentim Magalhães na cadeira n. 7. Nasceu no Estado do Rio de Janeiro, na fazenda da Saudade, do Município de Cantagallo (Santa Rita do Rio Negro), a 20 de Janeiro de 1868 e falleceu na cidade do Rio de Janeiro a 15 de Agosto de 1909, victima de um covarde assassinato.

Bibliographia

- 1 SERTÕES — (Campanha de Canudos) — 3.^a edição 618 pags. — Rio, Laemmert & Cia. — 1905 (A primeira edição é de 1902, a 2.^a de 1903, a 4.^a de 1911 e a 5.^a de 1914).
- 2 RELATORIO DA COMMISSÃO MIXTA BRASILEIRA-PERUANA de RECONHECIMENTO NO ALTO PURU'S — (Pos-súo o que foi publicado em o n.º 12 da Revista da Academia Brasileira de Letras; foi publicado pela Imprensa Nacional em 1906).
- 3 CONTRASTES E CONFRONTOS — prefacio de José Pereira de Sampaio, 527 pgs. Porto, Empreza Litteraria e Typographica, 1907 2.^a edição de 1907, 3.^a de 1912 e 4.^a de 1918.
- 4 PERU' VERSUS BOLIVIA — 201 pags. Livraria Francisco Alves — 1907 (foi traduzido para o hespanhol com o titulo "La question de limites entre Bolivia y Perú").
- 5 CASTRO ALVES E SEU TEMPO — discurso proferido no Centro Academico Onze de Agosto de S. Paulo — 44 pags. — Rio, Imprensa Nacional, 1907; 2.^a edição é de 1917.
- 6 A' MARGEM DA HISTORIA — 390 pags. — Porto, Livraria Chardron de Lello & Irmão — 1909. A 2.^a edição é de 1913.

O Gremio Euclides da Cunha promete a publicação de dous volumes, encerrando os incditos: "Versos e cartas" onde provavelmente será incluída a colleção de poesias "Ondas", escriptas aos 17 annos e "Fragmentos e reliquias", com um prefacio de Afranio Peixoto. Escreveu dous prefacios: Preambulo do *Inferno Verde* de Alberto Rangel e antes dos versos dos *Poemas e canções*, de Vicente de Carvalho.

Encontram-se ainda trabalhos seus na "Revista da Academia Brasileira de Letras": Discurso de elogio a Valentim Magalhães, vol. 4.º, pag. 429. Reconhecimento do Alto Purús (relatorio da Commissão Mixta Brasileira-Peruana) vol. 12, pag. 173 — As catas — poesia, vol. 5, pag. 56; na "Revista Americana": Amazonia, anno I n. 2 (é o Preambulo do "Inferno Verde" de Alberto Rangel), da Independencia á Republica, n. 3 pag. 311 e n. 4, pag. 97 (foi publicado pela primeira vez no "Estado de S. Paulo" e figura como um dos capitulos do livro "A' margem da historia", Observações sobre a historia da geographia do Purús, tomo 3.º, fasc. 1, pg. 34; Um soneto, tomo 3.º, fasc. 1, pag. 95; O povoamento e a navegabilidade do rio Purús, tomo IV, fasc. 1-2, pag. 128.

"Revista Brasileira" (3.ª phase): A guerra do sertão vol. XIX, pag. 270;

"Almanack Garnier" de 1909: Um rio abandonado.

Os primeiros trabalhos que escreveu na adolescencia e na mocidade foram publicados pelo "Gremio Litterario Euclides da Cunha" na "Revista do Gremio" e na "Homenagem".

Collaborou na "Provincia de S. Paulo" (1888) onde escreveu 13 artigos, no "Estado de S. Paulo", no "Jornal do Commercio" onde escreveu artigos sobre o Atlas do Brasil, de Homem de Mello, e na revista "Kosmos".

Escreveu na "Gazeta de Noticias" (duas cartas) e na "Revista do Instituto Historico", Discurso de posse — Novembro de 1903.

As suas primicias litterarias foram publicadas em um pequeno jornal "Democrata", quando elle contava 18 annos de idade.

A reproducção de sua photographia é numerosa; cito, entre muitas, no livro "A' margem da historia", "Littérature Brésilienne" de Victor Orban, "Dous egressos da farda" de Felix Pacheco e em varios numeros da Revista do Gremio Euclides da Cunha.

Fontes para o estudo critico

- 1 Sylvio Romero — Discurso em o numero 4 da Revista da Academia, reproduzido em "Provocações e debates".
- “ “ — Euclides da Cunha, ns. 9 e 10 da Rev. da Academia.



- 2 Araripe Junior — Discurso em o n. 7 da Revista da Academia
- “ “ — Dous grandes estylos nos “Contrastes e confrontos”.
- “ “ — Dous vulcões extinctos (E. da Cunha e R. Pompeia) Setembro de 1909.
- “ “ — Os Sertões, “Jornal do Commercio”, de Fevereiro de 1903.
- 3 Afranio Peixoto — Discurso em o n. 7 da Revista da Academia, reproduzido em a “Poeira da Estrada”.
- “ “ — Dom e arte do estylo, conferencia promovida pelo Gremio E. da Cunha.
- 4 José Verissimo — Estudos de literatura brasileira, vol. V. pg. 73.
- “ “ — Um historiador dos sertões, no Correio da Manhã (1903).
- 5 José P. Sampaio — Prefacio de “Contrastes e confrontos”.
- 6 Félix Pacheco — Dous egressos da farda.
- 7 Souza Bandeira — Páginas litterarias, pags. 5 e 22.
- 8 Alberto Rangel — E. da Cunha (Um pouco do coração e do caracter) conferencia por iniciativa do Gremio E. da Cunha, reproduzida no livro “Rumos e perspectivas”.
- 9 Bazilio de Magalhães — Feição brasileira da obra de Euclides da Cunha, a editar-se.
- 10 Araujo Jorge — Euclides da Cunha — Revista Americana, anno I, n. 1 pag. 114.
- “ “ — O ultimo livro de E. da Cunha, Revista Americana, tomo III. fasc. 1 pag. 64.
- “ “ — Ensaio de historia e critica.
- 11 Candido Junqueira — Revista Americana, tomo III. fasc. 3, pg. 450.
- 12 Eugenio Werneck — Anthologia brasileira, pag. 57.
- 13 Pereira de Carvalho — Os membros da Academia B. de Letras em 1915.
- 14 Francisco Venancio Filho — Euclides da Cunha (notas biographicas) 1915.
- 15 Cortes Junior — Discurso de inauguração da herma de Cantagallo.
- 16 Ignacio de Loyola — Um philosopho nacionalista.
- 17 Waldomiro Silveira — Euclides da Cunha, — “m” A Tribuna de Santos”, Agosto de 1909.
- 18 Viriato Corrêa — Artigo na “Ilustração Brasileira” de 15 de Agosto de 1909.
- 19 João Pinto da Silva — Diante do Orestia, em “Bolhas de espuma”.
- 20 Adalgiso Pereira — Artigos em o “Estado de S. Paulo”, 1918.



- 21 Roquette Pinto — E. da Cunha naturalista, na Revista do Brasil, n. 29 e em folheto.
- 22 Vicente de Carvalho — Revista do Brasil n. 28
- 23 Homenagens a E. da Cunha — Revista do Brasil n. 38.
- 24 Almanack Garnier (1909) pag. 171.
- 25 Revista do Gremio Euclides da Cunha (anuario) de 1914 a 1919.
- 26 Homenagem do Gremio Litterario Euclides da Cunha.
- 27 Por protesto e adoração — *in memoriam* de E. da Cunha, vol. de 250 pgs. e muitos clichés, a sahir no corrente mez.
- 28 Juizos criticos sobre “Os Sertões”, publicação da casa Laemmert.
- 29 Arnaldo da Cunha — Conferencia na Bahia — na Revista do Instituto Historico da Bahia — 1919.
- 30 Oliveira Lima — Euclides da Cunha, artigo no “Estado de S. Paulo”, 1912.
- 31 Coelho Netto — Discurso pronunciado em 16 de Agosto de 1909, na Camara dos Deputados.
“ “ — Os Sertões. artigo em 1903.
- 32 Medeiros e Albuquerque — Chronica litteraria (J. Santos) Noticias de 12-12-1902.
- 33 J. da Penha — Um livro; na “Gazeta de Noticias” de 14 e 18-12-902
- 34 Jornal do Commercio. de 24-12-1902: Os Sertões.
- 35 Mucio Teixeira — Os Sertões, Jornal do Brasil, 1903.
- 36 Moreira Guimarães — O livro de E. da Cunha, no Correio da Manhã, 1903.
- 37 Campos de Novaes — Artigo na Rev. do Centro de Sciencias e Letras de Campinas, 1903.
- 38 Vicente de Carvalho — Paginas soltas.
- 39 Manoel Bernardes — Artigo.
- 40 João Luso (Armando Erse) — Dominicaes do Jornal do Commercio, 1909.
- 41 Affonso Celso — Almanack Garnier de 1910.
- 42 Eurico de Gões — Artigo nas “Horas de lazer”.
- 43 Miguel de Mello — Prestigio subito — Jornal do Commercio, 1910.
“ “ “ — E. da Cunha — Gazeta de Noticias, Julho de 1918.
- 44 Dyonisio Cerqueira — Artigo no Jornal do Commercio, 1912.
- 45 Escragnolle Doria — Artigo no Jornal do Commercio, 1913.
- 46 F. V. F. — A data do nascimento de Euclides da Cunha, Jornal do Commercio, 1913 e 20 de Janeiro de 1914.
- 47 Ignacio Amaral — Artigo no “Imparcial”. 1916.
- 48 José Maria Bello — Estudos criticos, 1917, pag. 171.



Noticia biographica e subsidios para um estudo critico

Tarefa difficil, senão de impossivel exito, afigura-se-me apreciar a obra de Euclides da Cunha, embora em juizo synthetico e summario, como comportam os artiguetes ou perfis litterarios dedicados aos vultos eminentes da litteratura nacional.

Só definir "Os Sertões", livro capital do escriptor fluminense, faria ultrapassar os limites dos subsidios para o estudo critico.

A obra é dividida em oito capitulos de que os dous primeiros assumem cestacada relevancia, pela feição geral de bases para o estudo dos meios physico e social do nucleo do Brasil. O autor, em um relance de observação, ao penetrar o sertão da Bahia, em missão jornalística, desprovido de instrumentos e apparatus scientificos, com a intervenção exclusiva de solidos conhecimentos de sciencias naturaes e as leituras que emprehendera em memorias de viajantes, obras de investigadores e chronicas sobre a immensa região brasileira, conseguiu esboçar um quadro perfeito da formação geologica da *terra ignota*, estudando a climatologia variada e o phenomeno das seccas periodicas.

O mundo physico do planalto central é descripto com o carinho que sentem os pantheistas privilegiados que conhecem, sem minucias, os segredos da Natureza.

Na segunda parte aborda o problema ethnologico, em função do meio physico e de outros factores influentes na formação das raças e sub-raças. Estuda as feições do jagunço, do vaqueiro, do gaúcho e de outros typos embryonarios da nacionalidade brasileira, segundo o *facies* actual e a travez da evolução historica, definindo o genesis dos mestiços.

Nas partes subsequentes analysa com precisão e rara capacidade critica o caso do Canudos, desde os primordios ás consequencias; intervem com a psychologia precisa da multidão de fanaticos, jagunços e *cangaceiros*, e estigmatiza os sentimentos de vingança e de barbaridade do elemento vencedor, em verdadeira scena dantesca.

E' um quadro triste e vergonhoso da nossa historia, em o qual a ignorancia faz sobressahir a animalidade no mais elevado grau e a sêde de vindicta se manifesta com os horrores dos instinctos subalternos do homem.

Si o objectivo do autor estava adstricto a narrar as occurrencias do movimento sedicioso, explicando as origens e as consequencias e descrevendo as incursões das forças expedicionarias, elle excedeu os seus intuitos e offereceu-nos um livro vigoroso, mixto de sciencia e arte, onde a cultura formidavel de um espirito de eleição se allia á esthetica de um artista consagrado. As explicações de phenomenos da natureza servem de fundamento ao estudo de um povo, intervindo com solidos conhecimentos das theorias ethnographicas e os elementos indispensaveis ás deducções a que chegou.



E' um livro vigoroso e de extraordinario valor que lhe grangeou merecida reputação de escriptor consummado. Constituiu a sua estreia e abriu-lhe caminho facil para a gloria.

Até então vivia o engenheiro quasi na obscuridade.

Filho legitimo de Manoel Rodrigues Pimenta da Cunha e D. Eudoxia Moreira da Cunha, nasceu Euclides a 20 de Janeiro de 1866 na fazenda da Saudade, em Santa Rita do Rio Negro, municipio de Cantagallo. Perdendo o carinho materno aos 3 annos de idade, foi transferido para Theresopolis, confiado aos cuidados de uma tia, em cuja companhia só esteve durante dous annos, sendo transferido novamente para S. Fidelis onde esteve em casa de outra tia até concluir o estudo das primeiras letras com o velho professor Caldeira. Quando o seu pae retirou-se, em 1876, para o Rio de Janeiro, levou-o e matriculou-o successivamente nos collegios Victorio da Costa, Anglo Brasileiro e Aquino.

Emquanto concluia os estudos preparatorios, lia e fazia versos, preparando a collecção "Ondas", poesias sobre varios assumptos, principalmente sociaes, cujo original se acha em poder do Gremio Euclides da Cunha. Tambem se lhe despertou a vocação pelo estudo de mathematica e fez a sua estreia no "Democrata", jornalzinho em que escreveu os primeiros fragmentos de prosa e os versos da adolescencia.

Com 20 annos de idade assentou praça na Escola Militar da Praia Vermelha e ahi adquiriu o cabedal scientifico que soube desenvolver com talento e devoção ao estudo.

Então escreveu a "comedia de 15 actos" "Observando", notas de 15 dias da vida academica na Escola Militar e deixou-se empolgar pela propaganda leal de Benjamin Constant, até praticar o celebre acto de indisciplina perante o ministro da guerra Thomaz Coelho, a 4 de Novembro de 1888.

Narra Afranio Peixoto as peripecias do incidente, desde o inicio, ao desrespeitar o chefe do exercito, até a magnanimidade do Imperador, fazendo-o desligar das fileiras, graças á benevola intervenção de Francisco de Castro que lhe attribuiu um accesso de loucura, e a uma "varia" do Jornal do Commercio, que ensinuou a deliberação tomada.

Dirigiu-se logo após para S. Paulo onde iniciou a sua carreira jornalistica na "Provincia", a 22 de Dezembro de 1888.

No anno seguinte cursou a Escola Polytechnica do Rio, com o fim de concluir o curso de engenharia; mas, ao proc'amar-se a republica, apresentou-se ao Marechal Deodoro e foi reintegrado no exercito, no posto de alferes-alumno.

Em 1892 Floriano Peixoto promoveu -o a 1.º tenente e offereceu-lhe uma commissão, á sua escola. Modestamente contentou-se com o que lhe facu'tava a lei, conseguir um anno de pratica na E. F. Central do Brasil, com residencia em Caçapava.

Por occasião da revolta de 1893 foi incumbido de construir trin-



cheiras na Saude e, quando o Senador João Cordeiro propoz a execução dos culpados, ao se encontrar uma bomba na redacção do "Tempo", elle escreveu duas cartas á "Gazeta de Noticias", protestando contra a tentativa criminosa. Viu-se então obrigado a retirar-se para Campanha e, terminada a revolta, dirigiu-se para Descalvado, afim de exercer a profissão de engenheiro, depois de conseguir reforma a 13 de Julho de 1896.

No anno seguinte partiu para Canudos, a serviço do jornal "Estado de S. Paulo" que publicou a sua correspondencia sobre a campanha vergonhosa.

Nomeado engenheiro de districto da Directoria de Obras Publicas de S. Paulo, teve ensejo de reconstruir a ponte de S. José do Rio Pardo e, em um barracão de madeira que lhe servia de escriptorio, concebeu e redigiu "Os Sertões", de 1899 a 1901.

Apezar do successo causado em leitura intima e do entusiasmo de Garcia Redondo que recommendou o autor do livro a Lucio de Mendonça, não conseguiu Euclýdes da Cunha a publicação no "Estado de S. Paulo", nem no "Jornal do Commercio" do Rio. Entregou o manuscrito á livraria Laemmert que resolveu editar a obra, expondo-a á venda em 1902.

A consagração foi subita, tal o entusiasmo que despertou perante os criticos, a imprensa e os leitores. Exgottou-se promptamente a primeira edição, succedeu-lhe outra sem interrupção e abriram-se-lhe as portas do Instituto Historico e da Academia Brasileira de Letras, em 1903.

Adquiriu amigos sinceros, como Machado de Assis, Coelho Netto, Garcia Redondo, Lucio de Mendonça, Araripe Junior, Sylvio Romero e Oliveira Lima e voltou a trabalhar em S. Paulo até 1904.

Demittindo-se da Directoria de Obras Publicas, foi indicado por Oliveira Lima ao Barão do Rio Branco e começou a trabalhar no Ministerio do Exterior, onde permaneceu até 1909. A principal incumbencia que recebeu, consistiu no reconhecimento do Alto-Purús, na qualidade de membro da Commissão Mixta Brasileiro-Peruana, e o modo per que desempenhou a missão que lhe conferiu o Barão do Rio Branco, tem como attestado o relatório publicado em 1906 pela Imprensa Nacional.

Teve ahi ensejo de estudar a região amazonica, proporcionando-lhe as suas observações os ensaios magistraes, incluidos nos volumes "Contrastes e confrontos" e "A' margem da historia" e no preambulo do "Inferno verde" de Alberto Rangel. Projectou ainda uma obra de maior folego — "Paraizo Perdido", em que, á maneira de "Os Sertões" estudaria a Amazonia, em conjuncto harmonico, de accôrdo com ideias e factos expendidos em monographias isoladas. Desse livro já possuia o primeiro capitulo prompto, segundo a declaração feita a Coelho Netto, pouco tempo antes de ser assassinado.

A 18 de Dezembro de 1906 verificou-se a sua posse na Academia onde recebido por Sylvio Romero, pronunciou um admiravel discurso de elogio a Castro Alves e Valentim Magalhães.



A 15 do mesmo mez e anno foi covardemente assassinado por dous rapazes que lhe roubaram a honra do lar e ao Brasil um dos melhores escriptores contemporaneos. Morreu com 41 annos de idade, em pieno viço de talento, interrompendo bruscamente a sua obra, pois além do "Parai-zo Perdido" e dos artigos que deixou esparsos, delineara o arcabouço de um romance "Homens bons", segundo allusão feita a Affonso de Taunay e Vieira Fazenda.

Desdobram-se duas feições distinctas no homem que se integram no escriptor: o espirito scintillante do intellectual e o conjunto de qualida-des moraes que serviam de ornamento ao seu caracter adamantino e sem jaça. A primeira se consegue na leitura de suas obras e a segunda se obtem dos informes dos que com elle privaram, amigos e indifferentes, com especialidade os que escreveram sobre a sua feição moral, como Alberto Rangel, Afranio Peixoto e outros.

Ha, porem, uma fonte completa, sob todos os pontos de vista: é o Gremio Euclýdes da Cunha onde se congregaram alguns dos seus admi-radores, na expansão de qualidades e attributos que dignificam esses moços de valor, a reunir pacientemente todos os dados que definam a vida do escriptor brasileiro, todos os elementos que completem a sua individualidade moral, todos os objectos que lhe pertencem, em verda-deiro culto de saudade e admiração por esse ente privilegiado, que em curto prazo, de 1902 (publicação d' "Os Sertões") a 1909, empolgou a admiração de todos os coevos, de sul a norte do paiz, e mesmo de mui-tos estrangeiros.

Esse Gremio tem dedicado á sua memoria uma revista annual onde se reúnem todos os trabalhos que deixou o inolvidavel escriptor, e as re-ferencias a elle feitas, alem da correspondencia intima e outras curio-sidades. Vae agora dilatar a homenagem, editando um volume consa-grado ao autor de "Os Sertões": "Por protesto e adoração".

Euclýdes da Cunha era de temperamento excessivamente nervoso e manifestava a desconfiança do caboclo; mas acima de tudo era um bom, um justo, um honesto e um corajoso, isto é, um homem de caracter in-tegro e indomavel.

Summario para um estudo completo

Adversidade na infancia — Educação — O revoltado — Primeiras manifestações de talento — Apparição que offusca — O valor d' "Os Sertões" — O estylo de um artista ignorado — seus meritos scientificos — O engenheiro — A serviço do Brasil — O valor moral do homem — O escriptor em varias modalidades — Reconhecimento do Alto Pu-rũs e Perú versus Bolívia — Contrastes e confrontos e A' margem da historia — Como critico — O poeta — A obra interrompida — Como se detem a marcha de um astro fulgurante — Infortunio no fim da exis-tencia.





Mme. POMMERY — *Hilario Tacito* — *Revista do Brasil* — São Paulo, 1920.

S. Paulo inaugurou o anno com duas revelações literarias dos mais finos quilates. O *Prof. Jeremias* já fez carreira no publico, que o absorveu e absorve com avidéz consoladora.

O mesmo está succedendo a *Mme. Pommery*, satyra formidavél aos costumes paulistanos. O assumpto é escabroso, mas com tal arte soube avir-se o A. que o mais arrepiado moralista o lê sem cara feia. Historia a vida em S. Pau'o d'uma mundana creadora de costumes. Por manhas e artimanhas de tal matrona formou-se uma escola nova de extorquir dinheiro aos homens por meio de pelle feminina e effluvios de *champagne*.

Como chegou ella a esse resultado, depois de sabias auscultações da psychologia dos nossos ricaços da cidade, e dos "coroneis" do interior, é coisa que H. T. desfia com uma graça infinita, em esty'o jocosario, do mais fino sabor humoristico, misturando solida erudição classica, e citações biblicas ás maiores patifarias carnaes de nossa alta gomma. Mas o argumento do livro é coisa de somenos. Esse mesmo argumento, tratado por um espirito vulgar, daria ou obra chilra ou pornographica.

Salvou-o a maneira do A., sua erudição, seu bom gosto literario, seu senso innato do verdadeiro *humour*, suas qua'idades deveras notaveis de equilibrio e *savoir faire*. E tão notavelmente attico se revelou

na factura da satyra que para encontrar coisa irmã temos de dar busca no tesouro das letras patrias e socorrer-nos dos nossos mais apurados estylistas. Mesmo assim, no genero, não sabemos de livro nosso, emparelavel com este. O publico, que tem faro, percebeu logo o advento d'um escriptor de escol, desses que raro em raro apparecem, um ou outro em cada geração. E antes que a critica se manifestasse, fez ao livro honras invulgares em nosso meio. Desde que sahiu até hoje a *Mme. Pommery* constitue um thema forçado de palestra, não fazendo ninguem restricções á arte inegualavel do A. Mais estréas como esta, e S. Paulo ajuntará á sua hegemonia economica, mais uma, a literaria.

O PANSEXUALISMO — *Franco da Rocha* — *Rothschild & Cia* — S. Paulo, 1920.

Comp'etando, ou antes, desenvolvendo um trabalho anterior, feito para seus alumnos da Fæculdade de Medicina, folheto que suscitou muito interesse, mesmo fóra das rodinhas scientificas, o A. dá-nos hoje, em volume de 190 pgs., um magnifico estudo sobre a doutrina de Freud. Este sabio lança todos os actos do homem á conta de manifestações directas ou indirectas, proximas ou remotas, do instincto sexual, instincto que por sua vez é uma decorrente do instincto de conservação da especie. Que juguete é o homem nas mãos da natureza ! Seu livre arbitrio, sua li-

berdade é o que ha de mais determinado pelas injunções despoticas do instincto ! Come e ama. Só faz isso, apparentando fazer mil coisas diversas. Não ha acto seu que, examinado ao arrepio, de élc em élo, não entronque nos dois imperativos ultra-categoricos impostos pela mãe Natura a todos os seres vivos: o que zela da conservação do individuo e o que zela da conservação da especie. A psychoanalyse de Freud nada mais é do que a dissecação desse instincto té o olho d'agua primitivo. Franco da Rocha superiormente explana a theoria — com o desempenho e garbo a que já nos acostomou. Sua maneira de tratar o assumpto é a dos que assimilam integralmente; é correntia como a dos sabios de bons quilates e não mascarada, arrumada, arranjada, como a dos *demi-savants*.

O PATRIARCHA DA IMPRENSA — José Eduardo da Fonseca
— Livraria Editora Leite Ribeiro
& Maurillo — Rio, 1920.

O Auctor, membro da Academia Mineira de Letras e seu orador official, acaba de enfeixar em livro uma serie de discursos por elle pronunciados em Bello Horizonte. O primeiro, que abre o volume e lhe dá o titulo, é um bello e original estudo sobre a personalidade de Evaristo da Veiga. Nesse trabalho, como nos subsequentes, o autor revela admiravel capacidade de synthese, graças á qual o insigne jornalista da Regencia apparece-nos, sem nenhum encarecimento, á maneira de um alto relevo historico, tal o vigor com que é magistralmente modelada a sua grande figura.

E o estylo do panegyrista é simples, deliciosamente simples, dessa simplicidade que, no dizer de Anatole, encerra, como a luz branca, a virtude de todas as demais modalidades do espectro solar. Seus períodos são amplos, sonoros, caudalosos e ao mesmo tempo tão limpidos que fazem pensar em agua de rocha. D'ahi as paginas de alto e

fervoroso louvor com que Augusto de Lima enaltece, em formoso prefacio, a obra do escriptor mineiro.

Já dizia Buffon que qualquer homem culto pôde traçar pensamentos, mas só os consegue *gravar* quem possua estylo. E José Eduardo é sem duvida um desses privilegiados. Porque dá as idéas que expõe um cunho personalissimo. Veste-as de festa. Torna-as vistosas, sem vulgaridade, — ricas, sem demasias de ornato nem preciosismos ridiculos. E tem metaphoras que não esquecem mais. Assim é que, para elogiar uma obra de Arinos, chama-lhe "livro-veronica, em que se estampou a imagem da Patria".

Não é, porém, esse o unico aspecto interessante do trabalho a que nos referimos. De fóra parte as bellezas estrictamente literarias ha ne'le largos descortines de ordem sociologica ou politica, tomada esta palavra em sua mais nobre accepção.

Basta-nos dizer que o publicista toma do estudo da "Aurora Fluminense" occasião para condemnar as tenazes remanescencias do parlamentarismo em nossa vida publica, attitude acertadissima, que lembra a'gumas das melhores paginas de Alberto Torres. Mais além, acerca do tão decantado e quasi nunca sincero programma de aproveitamento das capacidades, cita não sem *humour*, o versiculo do Corão, que reza: "O governo que nomeia um homem para um emprego, havendo nos seus dominios outro homem melhor, attenta contra o Estado e contra Deus". E verbera a proposito em phrases cheias de fogo a ignorancia, a inepecia, a estreiteza de horizontes dos nossos homens publicos. E nesse particular — ai de nós! — tem elle sobejas razões para levar até o rubro-branco as incendidas ascuas de sua critica. E faz bem, porque, mesmo naquella região descripta pelo grande Alcofribas, onde as proprias palavras se congelavam no ar, lá vinha um bello dia de serenidade em que, fundindo-se ao calor ambiente, eram a final ouvidas e meditadas.

A SEMANA — Machado de Assis
Livraria Garnier -- Rio, 1920.

Bom presente faz o Garnier ás letras, editando em grosso volume de 456 pgs. as chronicas que Machado de Assis publicou na *Gazeta de Noticias. A Semana*, chamava-se a sua secção nesse jornal, onde a manteve com regularidade, demonstrativa de grande capacidade de trabalho, durante cinco annos, de abril de 92 a março de 97. Machado revela-se ahí o Machado de sempre, chronista subtil, e critico cheio de atticismo. E mais que em nenhum outro livro, entremostra ao publico todas as suas idéas a respeito dos homens e das cousas. Quem quizer conviver umas horas com a mais bella intelligéncia jámais desabrochada no Brasil, leia *A Semana*, leia-a aos poucos, sybaritamente, e nunca se arrependará do tempo gasto nisso. Não ha prazer que valha o prazer mental. Todos os mais são passageiros, e deixam bôrras amargas.

O prazer mental, porem, perfuma-nos o cerebro, irisa-o, e reconcilia-nos com a vida. Ora, é Machado de Assis o maior mestre que temos na arte subtilissima de nos proporcionar ao espirito este prazer dos deuses. Lel-o é arejarmos o cerebro, como si abrissemos uma janella para um jardim de Armida. Prefacia o livro Mario de Alencar, o generoso cultor da sua memoria, dando notas preciosas para o bom entendimento do livro.

AO VENTO — Simão Junior —
Casa Mayença — S. Paulo, 1920.

Collecção de chronicas publicadas no "Correio Paulistano" nas quaes o A. philosopha sobre a vida. Se a profissão dum auctor trae-se na obra, como o querem certos criticos, affirmariamos que S. J. ou é ou já foi um sacerdote... Talvez erremos, talvez seja el'e um bacharel em direito ou corrector da praça, mas ha em seu livro um "quêsinho" denunciativo de corôa... Aquelle amargor de Possidonio, uns

vagos rompentes de quem procura sacudir-se de peias e mil coisinhas mais arrastam-nos a crer n'uma bellissima vocaç'õ literaria, bem humana, bem sadia, que se estorce dentro dum borzequim de ferro. E é pena.

Escrevedores ha-os por ahí ás duzias, mas escriptores de facto, desses cujas phrases caem da penna sempre de pé, como os gatos, ha poucos. E é doloroso, ao topar com um delles, sentil-o atado, como Gulliver, numa teia bem differente da de Gulliver, por que é quasi inquebravel...

BEATOS E CANGACEIROS —
Xavier de Oliveira — Typ. Rev. dos Tribunaes — Rio, 1920.

Livro tristissimo, este. Revela uma doença social, a mais, entre tantas que torturam o nosso paiz: o Cangaço. E' doença do Norte, e endemica nos sertões. A causa é a ignorancia em que vive atolado aquella gente e o mandonismo coronelicio, que impede a acção da justiça. Para extirpar o beato e o cangaceiro só ha um recurso: cartilha e juizes, coisas de que estamos, por já, muito longe ainda.

O livro do Sr. X. de O. faz a chronica dos successos mais memoraveis dessa especialidade brasileira de banditismo. Aparecem as figuras tetricas do Beato da Cruz, Mané Coco Secco, Zé Pedro, Calangro Quintino etc, gente conformada toda por um mesmo molde, filhos da iniquidade e da ignorancia. Seu estylo é desalinhavado, e dos mais afastados do equi librio estheticos que a arte de escrever exige; mas a obra vale como um documento precioso da coisa cahotica, informe, dolorosa que é o Brasil por dentro. Denunciado este phenomeno, pela primeira vez, por Euclides da Cunha, X. de O. traz mais um depoimento sobre a mazela, decorrente do desequilibrio de civilisação entre os litoraneos e os centraes. Estes estão menta'mente num atrazo de seculos sobre aquelles...



A' VOLTA DO MUNDO — Ed. *Navarro de Andrade* — *Rothschild & Cia.* — S. Paulo, 1920.

Viajar, para a brasileira gente, é synonymo de ir a Paris, cair lá na farra, dedilhar a gamma inteira dos prazeres bordelengos e voltar com os bolsos vazios e o cerebro amolecido. E' assim, e acabou-se. O mundo é Paris, e acabou-se.

Esta fórmula nacionalissima de imbecilidade já vae cançando, de modo que é com alivio que se nos depara um livro destes, de viagem, mas não á moda sandia. O A. apesar de brasileiro, não é to'o — abre excepção á regra. Tem a coragem inaudia de viajar pelo Oriente! E porque é um homem de espirito frio e viajou fóra da zona estragada, seu livro lê-se com especial encanto.

O A. leva-nos aos E. U., ao Japão, á Índia, a Java, á Colonia do Cabo; leva-nos pe'o braço, de cigarro á bocca, na frescata dum pyjama conversando com a maior despreocupação deste mundo. Conta-nos como resingou com os criados, que más coisas deram-lhe nos hoteis, que ruim gente é o nosso diplomata, e como se su'a por lá. Suou á bessa, nessas regiões queridas do sol, e grande parte do livro transpira os seus suadouros forçados. Mal feito o mundo! Gente a morrer torrada nos tropicos, e de frio, nos polos! Si não era tão razoavel ratear ge'o e sol, de modo a termos uma primavera de polo a polo! Apesar disso, o livro confirma uma vez mais a delicia de viajar. Si porem, é delicia viajar, viajar em companhia do A. é delicia dupla. E gozal-a-á quem der duas horas de attenção ao seu livro, que não é literatura (felizmente), nem sciencia perobesca (ora graças!), nem attitude *blasée* de turista entendido, e sim palestra amavel, graciosa, anedotica, instructiva e intelligente. E o A. a impregna de tal fórmula da sua maneira pessoal que em muitos trechos se fica na duvida de estar a lê-lo em livro ou a ouvil-o em

carne, osso e sotaque coimbrão, naquelle encantado paraíso dos eucalyptos que é o Horto do Rio Claro. Bem vindos sejam os livros assim!

SANDRO BOTTICELLI — *Moisés Kantor* — *Drama em 3 actos de la epoca del Renacimiento* — Edição de "*Nosotros*" — *Buenos Aires* — 1919.

O volume que traz este titulo enfeixa mais dois dramas — *Griselda*, lenda dramatica da Edade Media, em um acto e *Noche de Resurrección*, drama em tres actos da epocha moderna.

Sandro Botticelli é sem favor uma obra prima do theatro moderno, não se distanciando della as outras duas, nas quaes o auctor, abordando temas absolutamente diversos, desdobra a sua múltipla individualidade. Abeberado, sem duvida, dos bons ensinamentos do theatro classico e de boa philosophia, que em toda a obra se respira, emprehendeu na primeira das tres peças a restauração dos tempos aureos da Renascença, á luz da mais encantadora perspectiva philosophica. E de que o conseguiu nos assegura logo a primeira leitura. Com admiravel percepção artistica, entrelaçadas as figuras historicas de Alessandro Botticelli e Savonarola, bastante conhecidas cada qual no seu papel tão afastado do outro — mestre da pintura aquelle, prégador e martyr o segundo — como que uma revelação se nos apresenta: — todo o dualismo da edade media em dissolução, trabalhada pelo renascimento da arte pagan sobre os motivos christãos e pelo despertar da



razão sobre o abastardamento da fé e dos costumes. Nessa grande moldura, cabendo toda a Renascença, com os seus contrastes, as suas incertezas e desequilíbrios, perfeitamente cabe cada um de seus personagens, representação typica, nitidamente acabada, dos elementos sociaes de época: Lourenço Medici, o magnifico senhor de Florença, Marcilio Ficino, o philosopho, Benvenuto Gritti, o medico, Fra Mariano, o monge, Franceschina e Mona Giovanna, Nicolo, o rico mercador e amator das bellas artes, o marujo que se vae juntar a Colombo e Paolo Allegri, o domagogo, outros tantos typos, que dão a perfeita caracterisação do tempo. Entre o discipulo de Platão e o physico delineia-se o distanciar da sciencia, desprehendida da especulação metaphysica, mais felizes as duas que a arte e o mysticismo, então e ainda hoje, talvez, conjugadas no substratum em que se fundem os sentimentos humanos. Fra Mariano e Paolo são dois antipodos — o frade hypocrita e o condottieri, democrata em politica e religião, ardente e rebelde, com uma maldição prompta para todos os idolos e um applauso, para toda a bravura.

Manejando tão bello material, Moisés Kantor traça o drama com admiravel penetração, apropriando-se dos factos historicos, consorcian-do-os e levemente corrigindo-os. E, assim, o effeito é surpreendente de verdade e de arte. Savonarola rebelado, implacavel como um justo e um illuminado e Botticelli acoçado por ideaes antagoni-

cos, a sua inspiração com raizes profanas no amor de Giovanna e o seu sentimento mystico, que o leva ao fanatismo, aos pés do propheta — eis o trama que os conduz a ambos á morte; um á fogueira e o outro ao duplo suicidio, primeiro do artista, pela cremação de suas telas nos autos de fé do reformador dos costumes, depois do proprio homem, incapaz para a vida sem o seu amor e a sua gloria, bem como o artista, sem a paz interior e o aneio para a perfeição.

Por tudo isso, o attiscismo da linguagem, a naturalidade das situações, a nenhuma emphase, senão a da acção dramatica e, sbretudo, a força, a vitalidade e o chocante das scenas, algumas dellas magistraes como as do "studio", entre Botticelli e o mercador e, depois, entre o artista e o seu modelo, entre o mesmo e Savonarola, encadeadas seguidamente, com extraordinario poder de contraste. Para citar todas, reproduziríamos o drama, porém, não deixaremos sem menção a scena IV do 3.º acto, notas á margem, pittorescas e profundas, de psychologia infantil, proporcionadas por um grupo de garotos, comparsas obrigados de todas as expansões publica de "piangoni" e de "arrabiati"...

O quadro que nos desenha com summa sobriedade, linhas geraes destacadas, pormenores raros e bem engastados no conjunto, é completo e do mais encantador impressionismo. Suggestivo, não ha como não pensar, após a leitura, na immensidade e complexidade da alma humana, descarnada e posta em



toda a sua nudez, sobretudo nos periodos de transição qual o dessa espl'endida Renascença, tão bella e fortemente reconstituída por esse bello artista que é Moisés Kantor.

*

Em *Griselda*, pequena joia literaria, quanta belleza! A lenda medieual do XIII seculo toma, nas mãos deste nietzscheano com tons accentuados de determinista, todas as cambiantes dramaticas de que é capaz um espirito eminentemente creador.

Por sua natureza, mais literario rhetorico que o primeiro, é o pequeno drama, por isso mesmo, a pedra de toque do artista, que, aliás, guardando medidas justas, o quanto possivel em obra de pura ficção, attinge o apice da dramaticidade. Mixto de piedade christian, a mais sublime e diluida piedade e da hirsuta rebeldia do super-homem, impiedoso, livre e barbaro em seu requintado orgulho, realisa o mesmo milagre esthetico da dualidade numa alma de nossos dias. E' forte, é impressionante, mesmo cantando, como canta, o amor sobre todas as coisas.

RECORDAÇÕES DE GUERRA E DE VIAGEM -- Visconde de Taunay -- Ed. Weiszflog Irmãos -- S. Paulo, 1920.

Com a edição do presente volume, de cerca de duzentas paginas, acaba de prestar-se excellente serviço ás letras. O Visconde de Taunay não é auctor cujos manuscritos se percam, por menos valia que apparentem, o que, aliás, não é o caso destes. Contendo em parte notas para ulterior desenvolvimento, são o mais fiel testemunho de observações immediatas, de incontestavel valor historico. Referentes á ultima phase da guerra do Paraguay, guardam a frescura e espontaneidade peculiares ás primeiras impressões. A segunda parte, correspondencias da Europa, publicadas em 1878 e 1879 no *Jornal do Commercio*, têm o mesmo particular encanto.

Numa e noutra ha muito que ler e apreciar. Contribuição valiosissima para o estudo completo dessa grande personalidade literaria, que é o auctor da *Retirada da Laguna* e de *Innocencia*, dois dos nossos mais caros monumentos, *Recordações de guerra e de viagem* em boa hora vem figurar na bibliotheca brasileira, ao lado das duas obras-primas como illustração valiosa.





VASOS DE... IGNOMINIA

Se o autor da "Arte de Furtar" fosse desta época e deste país, é bem provável que, ao invés dessa famosa sátira, escrevesse a "Arte de Adular". Porque aqui os adulares não têm mistério dissimular as suas baixezas. Estabeleciam-nas, não só nas praças, senão também por via da grande publicidade dos jornais e agências telegráficas, patenteando a todos com um desdém de rascoeiras as sabujices quotidianas com que se degradam, conspurcando ao mesmo tempo os seus chamados amigos e chefes.

E é sobretudo no terreno dos costumes políticos que mais se desenvolve e braceja a lisonja. Grande obra de patriotismo será o denunciar-lhe sempre os torpes manejos, o assobial-a, o votal-a ao desprezo público, onde quer que ensaie deitar as patas de velludo. Importa que não só os louvaminheiros, senão também os que se deixam louvaminhar, quando em postos de governo, sejam despiedosamente justicados pela opinião.

E' verdade que a lisonja é velha como o mundo. Pois 3.000 annos

antes de Christo, 50 seculos atrás de nós, já os hieroglyphos da época dos constructores das pyramides lhes registravam os donaires cortezãos. "Sua magestade, sempre que vou beijar o solo, m'o veda, dando-me a honra de reçar-lhe os pés com os meus tabies", gaba-se um summo sacerdote de Memphis, em uma inscripção cinco vezes milenaria, ao parecer com o mesmo aprumo com que o deputadinho Menippo (procure-se a chave em La Bruyère) nos informa de que como valido e familiar nos paços imperiaes, logra o privilegio — ora viva o compadrego! — das grandes entrées Luiz-quinzezas convertidas em nacionalíssimas pancadinhas no hombro...

A ancianidade, porém, de uma miseria de modo algum a justifica. Homens... homens! não ha duvida... Mas est modus in rebus. E entre nós a impudencia no exercicio da famulagem são diariamente em insolencias tão espantadoras, que só com metaphoras tomadas á escatalogia se pode dar combate á despejada alcateia dos arrivistas sem nenhum outro merito mais que o de poderem offerrecer ás suas vi-

ctimas daquelles obsequios que os Bastos, os Souzas e os Pittas da "Hyssopaida" se gozavam de prestar ao bispo de Elvas...

Metaphorizemos, pois, a antiquissima e saniosa mazella.

Refere Luciano de Samosata, em sua Historia Veridica, que na extremidade do Zodiaco, entre as Hyadas e as Pleiades, existe uma republica das Lampadas, as quaes, a estylo de homens, enchem as praças publicas, mantêm parlamento, administração, policia, distinguindo-se em grandes e pequeninas, luminosas como pharões e mal esprevidadas que nem fogos fatuos. Entre as mais illustres teve elle enseo de encontrar-se, no palacio da justiça com a boa lamparina de sua casa, com quem travou amistosa palestra ácerca de objectos domesticos mui familiares a ambos.

Pois, sem havermos mistér ir até os asterismos longinquos, aqui mesmo, debaixo da Lua, descobrimos, com grande estranheza, em certa viagem á de Maistre, a existencia incontestavel de vna cidade dos Vasos — Civitas vasorum — E havia-os de ouro, de prata, de ferro e até de lata. E havia-os de eleição e de... ignominia. Havia-os de todos os feitios e com todos os conteúdos... Quando chegamos, reinava uma como exaltação renovadora. Dizia-se que a politica alimentar dos caldeiros, assim como a de agua chilra dos potes e bilhas, estava condemnada a evacuar o ágora.. Ia começar uma nova era, — a das amphoras de oiro com incrustrações de pedrarias. Fomos tambem ao palacio do Concelho e

lá tivemos occasião de ouvir uma immensa taça transbordante de ira e de esplendor a declamar contra o predomínio de umas terras-cottas, outrora tributadas pelo imperador Vespasiano. Havia, porém, umas cousas que empestavam o ambiente com a sua nauseante e insupportavel graveolencia. Quizemos então gritar pelos encarregados da limpeza publica. Mas um esquisito personagem de louça, especie de agalari de serralho ou mestre de cerimoniaes, teve-nos mão, explicando: "E' verdade que taes vasos entram aqui a poder de intrigas de recamara, a expensas do merito e do saber. E nada desmoralisa mais um povo do que o exito de semelhantes sordicias. Mas são commodos e difficilmente a dispensam nas artes. Como haviam então os reis e ministros de lubrificar e polir as suas adamantinas paredes interiores? Depois intitulam-se arrogantemente amphoraes e angustaes. Seria um sacrilegio tocar-lhes..."

E como, arregaçando o pretexta, sahissemos correndo para fóra das portas, appareceu-nos em uma nuvem a deusa Higia, como Venus a Enéas, e honrou-nos com um latínorio, que na realidade acabou em peixe: Macte animo generoso puer! Novus incipit ordo, graças ao abundante emprêgo que vou fazer do... formol.

Tres vezes prostrámo-nos como supplicantes e tres vezes elevámos as mãos supinas para os céos.

J. A. NOGUEIRA.



RECENSEAMENTO

Desde que o governo deliberou cumprir o dispositivo constitucional que manda realizar de dez em dez annos o recenseamento geral da Republica, a Repartição Geral de Estatística, empenhada em dar completo exito a esse serviço de fórma a se poder computar com segurança os nossos progressos em um seculo de independencia, vem de varios modos incitando a população a auxiliar-a neste sentido.

Todos os que comprehendem as vantagens que advirão de um tal serviço applaudem e approvam tudo que possa servir á sua vulgarização.

A imprensa, as associações de todos os generos, e até o proprio cinematographo prestarão, como já vêm prestando, um grande auxilio á diffusão do que é e para que serve o recenseamento.

No emtanto, cremos que se aqui na capital o povo chegará á boa comprehensão desta necessidade, já o mesmo não se dará no interior. O sertanejo não verá com bons olhos qualquer serviço de censo, cujo fim elle não apanha e não discerne do sorteio militar.

Todos sabemos o que tem sido em algumas localidades o alistamento militar. A propria mensagem presidencial reconhece falhas e senões a corrigir, e nós aqui já temos varias vezes apontado irregularidades, publicando reclamações e protestos que se frizam em geral no facto de serem as juntas de alistamentos formadas de elementos politicos locais que se servem do sorteio como meio de coacção quando não de exploração eleitoral.

E' preciso que se esclareça bem a consciencia da população do interior que o recenseamento será um elemento contra esses abusos e que constituirá uma prova a mais contra as arbitrariedades que porventura se derem no alistamento militar.

O governo, ao invés de nomear homens de influencia politica, deverá preferir os de influencia moral que possam exigir a maxima veracidade nas informações. Concomitantemente, procurar quanto antes cohibir e dar mostras evidentes que se interessa em cohibir essas falhas, afim de estimular o povo ao maior escrupulos seus informes.

De outra fórma não conseguirá o gover-

no do nosso cabloco, que ainda guarda de oitiva a lembrança do recenseamento da guerra do Paraguay e de experiencia propria conhece o actual alistamento militar, aquillo que elle mais necessita para levar a effeito com successo esse importante serviço.

(Do "Jornal" — Rio)

EMILIO DE MENEZES

.....

A satira, modalidade combativa, só podia nascer, — dil-o um historiador — de um povo bellicoso. Ella é uma arma como a espada, como a lança, como a flexa, como os mais perigosos instrumentos de guerra. A civilização grega, que deu Aristophanes, não supportaria a brutalidade de Marcial. As azas de ouro do espirito atheniense, tombariam, rotas, ao peso de uma sentença de Horácio. O genio latino, que levantou o Colyseu, enchendo-se de feras, estava mais apto á creação de um genero literario que se podia transformar, de subito, em espectáculo sanguinolento.

Entre o humorista e o satirico aprofunda-se um fôssco insoterravel. O humorista zomba do mundo, e de si mesmo. São-lhe defesos a lisonja, o louvor, o elogio individual. O satirico zomba do homem, seleccionando os individuos e pôde ser lisonjeiro, aulico, palaciano. Juvenal faz o panegyrico de Catullo e respeita a austeridade a Adriano. Rabelais, o "patriarcha do humorismo" não encontrou um antidoto humano para o ridiculo de Pantagruel. Examinando o trigal, o satirico escolhe as espigas, separando-as. O humorista amaldiçoa, ou abençoa, a seára, no seu conjuncto. O pão do primeiro, é feito com o joio. O segundo triturado, para o seu pão, o joio e o trigo.

Exercida genialmente, como o foi por Juvenal, a satira pôde ser, na familia ameaçada, a sentinella da virtude. Denunciando o vicio atrevido, amendrontando o crime insolente, assignalando, rapido, com um traço de fogo, as feridas do character, onde ellas mostrem os bordos, o satirico é um dos elementos indispensaveis á disciplina dos instinctos, dos costumes, das instituições. A satira é, mesmo, o freio de ouro das sociedades desembestadas.

Sob esse aspecto, Emilio de Menezes foi, no seu tempo, incomparavel. A sua irreverencia, caustica, mordaz, dilacerante, encheu vinte annos da vida carioca. Ninguem o ultrapassou no epigramma, na satira, no dito opportuno e pittoresco. A lingua portugueza não teve, jámais, entre nós, de um só homem, tão copiosa contribuição de perversidade punidora, dentro das possibilidades da raça. A fama da sua mordacidade foi tão dilatada, que elle se queixava, nos ultimos annos, — como succede, aliás, a todós os satiricos — da responsabilidade, que lhe atiravam, de todas as irreverencias que surgiam.

As flores da sua perversidade eram, entretanto, inconfundiveis. E essa producção corre mundo, faiscante, ferina, fraccionada, como um punhado de navilhas sem cabo, em que se deve pegar com cuidado. As suas laminas têm, quasi sempre um destino previsto. As flexas deste soldado de Amphipolis levavam endereço, geralmente, ao olho direito de Felipe. E vós sabeis como elle as atirava á rua, entre os dedos anonymos da multidão. Em uma roda de amigos, na rua do Ouvidor, na Avenida, nas mesas da Confeitaria Paschoal ou Colombo, a conversa recahia, extemporanea, sobre um typo ou sobre um facto. De repente, Emilio, que preferia ouvir a contar, abria em forquilha o indicador da mão esquerda, sustentava com elle o bigode farto, e desatava a rir, num riso sacudido, sem estrepito, que era, sempre, á perspicacia dos conhecidos, o annuncio seguro de que a machina terminara a manufactura de mais uma lamina.

Certa vez, por exemplo, discutia-se um escriptor eminente, notavel, entre nós, pela variedade e abundancia das suas manifestações literarias.

— E' um genio — dizia, alguém. Elle faz versos, chronicas, romances, contos, critica litteraria; é jornalista, orador, politico; emfim, trata de tudo.

Sim — atalhou Emilio; mas é predio da Avenida.

E, como o apologista lhe pedisse o segredo da comparação, explicou:

— Muita frente e pouco fundo!

Alguns dos nossos homens eminentes foram, por muito tempo, o objectivo permanente da sua ironia. Eram uma especie de alvo em que elle se exercitava, a-

certando a mão, ou melhor, a lingua, sempre que lhe faltavam typos novos, postos sob a sua pontaria pela fatalidade dos acontecimentos. Entre esses martyres havia um historiador illustre, sabio respeitadissimo, em torno do qual se creára, injustamente, uma lenda de desleixo, de abandono proprio e, mesmo, de falta de hygiene. Utilizando essa versão popular, contava, então, o poeta:

— Uma vez elle mandou á tinturaria, para ser lavado, um terno com que andava ha doze annos. Uma semana depois apparece-lhe á porta um empregado do tintureiro, e entrega-lhe um embrulho pequenino, que lhe cabia na mão.

E, como lhe perguntavam o que seria, Emilio concluia, invariavel:

— Eram os botões, menino!

A roupa, de poida e velha, havia se dissolvido na agua.

Uma tarde, estava um de vós, temivel ironista, ao lado do poeta, quando passou perto, arrogante, um cavalheiro conhecido na cidade pela sua aversão ao pagamento das dividas. Ferido pela soberba do typo, Emilio voltou-se para o companheiro, perguntando-lhe, á queima-roupa:

— Em que se parece aquelle sujeito com um botão?

O outro não atinou com o chave do enigma, e elle completou, perverso:

— E' que elle também não paga a casa em que mora...

Um colleccionador anonymo dos seus ditos excellentes, registrou, delle, uma série copiosa de "maldades" do genero.

Havia no Rio um jornalista de má fortuna, director de um periodico opportunisto, que claudicava de uma perna, aleijada por uma inxação chronica, e que vivia, então, da exploração, mais ou menos intelligente, da vaidade alheia. Uma tarde passava este homem de imprensa ou de negocios, pela rua do Ouvidor, arastando, tardo, a perna enferma, quando um intimo de Emilio de Menezes lhe chamou a attenção:

— Admira — diz — como aquelle homem, com tamanho defeito, seja tão "cavador"...

— Pois a mim não me admira, — contrapoz o poeta.

E voltando-se para o companheiro:

— Elle não tem uma perna "inchada"?

Ha vinte annos era famoso no Rio, pelos seus processos de adquirir dinheiro,

um bohemio cuja habilidade se tornou proverbial. A sua formula para promover a elasticidade das bolsas, era commoda e commovente. Chegava-se a um amigo, e lastimava-se:

— Veja só! Eu já tive uma fortuna regular, com os meus predios, as minhas apolices, a minha caderneta de banco... E hoje, sou isto!

E, após uma pausa:

— Você, que me viu tão feliz, não me poderá "passar" uma de cinco mil réis?

Commentando esse meio de vida, Emilio explicava:

— Coitado do Rocha! O que elle diz é verdade. Elle teve posição, fortuna. Hoje, vive do "passado"...

Já enfermo, apoiando-se ao bengalão que sempre o acompanhava, ia o poeta, uma tarde, pela Avenida, quando d'elle se acercou um dos parasitas do seu conhecimento.

— Boa tarde, Emilio! Como vae a saude?

— Vae indo. Mas, que é que deseja? Dize, que eu tenho pressa.

O parasita, gentil, maneiroso, aproximou-se do poeta, passou-lhe as mãos pelo teclado de botões do "frak" preto, sacudindo as particulas de uma poeira imaginaria. De repente, descobrindo-lhe na golla um fiapo branco olvidado pela escova, tomou-o com os dedos, lançando-o ao solo, enquanto dava o assalto:

— Estou, Emilio, em um dos meus peores dias; arranja-me uns dez mil réis...

— Dez mil réis! — trovejou a victima, recuando.

E apontando para a golla do "frack":

— Põe já o fiapo aqui!

O seu orgulho esteve sempre, alliado á sua mordacidade. Ninguem lhe feria o brio de homem, mesmo a titulo de gracejo, sem soffrer, promptamente, a represalia. Pretendendo fazer espirito, um deputado convidou-o para um appetitivo:

— Quero dar-te a honra da minha companhia... Vamos tomar alguma coisa...

E o poeta, com um sorriso de p'edade:

— A honra?... Obrigado, meu velho: você já está tão desfalcado!...

As suas definições possuíam um cunho inconfundivel, pelo pittoresco, pela novidade, pela graça imprevista.

Um dos seus amigos, o padre Severiano de Rezende, de regresso de Paris, onde deixara a batina, surgiu, um dia, deante

do poeta, á rua Gonçalves Dias, trajando jaquetão claro, chapéo de palha, flôr á lapella, mas tendo á mão, em conflicto com aquella meia elegancia, um guarda-chuva de cabo torcido.

— Estás bello, padre, assim, á paisana!

— Achas?

— De certo.

E olhando melhor:

— Agora, é só a bengala que traja á clerical.

— Que bengala? — estranhou o ex-sacerdote. Isto é um guarda-sol...

E Emilio:

— Pois é isso mesmo; que é um guarda-sol senão uma bengala de batina?

— De um funcionario do governo que se queixava de não receber os vencimentos ha seis mezes, e que vivia na penuria, dizia elle, penalizado:

— Coitado! Já tem teias de aranha no céu da bocca!...

Em uma roda de literatos, um delles, discutindo poesia, procurou amesquinhar Machado de Assis, observando, lev'ano:

— Era um pessimo poeta. O ultimo verso dos tercetos "A uma creatura", tem onze syllabas; é um verso de pé quebrado!

Emilio, que tinha uma religiosa admiração pelo Mestre, franziu a testa prophetica, e protestou, soturno:

— Os bons versos não têm pés; têm azas!

As anedotas puramente anonymas de Emilio de Menezes, isto é, aquellas que não visavam a individuos, nem eram actualizadas com a intercalação de nomes proprios, constituirão, no futuro, um dos mais finos cabedacs do repertorio da lingua.

Não ha literatura mais rica, mais opulenta do que essa de anedotas, que circula pelo mundo nas paginas cosmopolitas dos almanaques. Lendo esses repositorios, sobem a centenas, a milhares, os ditos, os trocad'lhos, as facécias que fariam honra aos espiritos mais escrupulosos e agudos. Quem terá lançado, entretanto, á campina sem dono, essas flôres maravilhosas? Que mão mysteriosa terá passado na treva, semeando, no silencio da noite, esse trigo de ouro, de que se alimenta, sem susto, a alegria innocente do povo? Quem atirou ao oceano esses punhados de perolas, que vêm enfeitar, entre o es-



panto dos pescadores que passam, o collo arfante das praias?

Emilio de Menezes foi um desses percularios. A sua jovialidade era uma agua miraculosa que elle dava a beber a toda a gente, e que ainda lhe extravasava, das mãos. Essa agua, pura e fresca, irá, mais tarde, como a dos rios, perder-se no mar. Identifiquemol-a, entretanto, emquanto se não dá, de todo a fusão da torrente do oceano.

Certa vez, ia o poeta em um bonde, quando se sentaram no banco immediato, em frente, duas senhoras de grandes banhas, que difficilmente puderam penetrar no vehiculo. Com o peso das duas matronas, o banco, que era fragil, range, estala, geme, estranhando a carga. Emilio, que observa o caso, leva a mão á bocca no seu gesto selencioso, no seu riso sacudido e interior. E, como o companheiro o olhasse, explicou:

— Sim, senhor! E' a primeira vez que eu vejo um banco quebrar por excesso de fundos!...

E desatou a rir, de novo, sustentando o bigode nas mãos.

No discurso que Emilio de Menezes pretendia proferir á entrada desta casa, elle queixava-se, amargo, da deslealdade dos ironistas amigos, que se apropriavam das pennas zombeteiras com que fazia coegas no nariz do proximo, e que lhe attribuiam, ainda, em paga, o manejo da ortiga, irritadora da pelle.

No trabalho meticuloso em que Fabre rehabilita a cigarra, malsinada por Lafontaine, interprete secular do despeito dos gregos, demonstra esse entomologista a falsidade da tradição que attribue a este insecto, filho do sol, o defeito da imprevidencia. E no restabelecimento da verdade, na reintegração dos seres na natureza e no conceito dos homens, conta que a cigarra nos dias de verão, se aproxima de um ramo fresco e tenro, faz-lhe uma pequena cizura e põe-se a sugar, tranquilla e honesta a seiva deliciosa da planta Acoçadas pela canicula, sem uma gotta de orvalho no calix das flores ou na taça verde das folhas, as formigas, correm, de longe, ao aviso da bohemia. E assiste-se, então, a esta scena surpreendente: emquanto a cigarra canta, bebendo, saciando-se á custa da propria te-

nacidade, as formigas dessedentam-se no liquido que ella derrama, e, na disputa, mordem-n'a, procurando afugental-a, para se apossarem do mel que lhe sobra!

Emilio foi no seu tempo sob esse aspecto a cigarra deste formigueiro Malsinado pelas formigas, que viveram da seiva que elle arrancava, cantando, ainda encontrou, na morte, como a sua irmã de Verão, a injustiça de Lafontaine!

Pondo Emilio de Menezes os cães acima dos homens, o seu espirito se revoltaria, talvez, no mundo em que repousa, se eu evocasse, a proposito da sua memoria, as outras figuras da especie. Parece-me preferivel, pois, nesta despedida, recordar, em uma imagem final, uma sabida anecdotica do seu agrado.

No cerco de Paris, em 1870, a fome atormentava a população. Os cavallos foram comidos, um a um.. Os gatos desapareceram dos telhados, os cães desertaram as ruas, e os ratos, mesmo, foram caçados nos esgotos. Por esse tempo, Charles Monselet, que então escrevia no "Figaro", correu ás trincheiras, incorporando-se, com o seu "loulou", o "Azor", em um batalhão de voluntarios. Durante vinte dias supportou Monselet heroicamente o regimen do batalhão, comendo ratos e gatos, cujos ossos o cão, depois, triturava nos dentes.

Um dia faltaram os felinos e os roedores, e o jornalista resolveu um sacrificio perfido: comer o cachorro. A' noite, em uma casa vizinha ás trincheiras, foi o cão abatido, esfolado, posto a terver com especiarias estimulantes e transformado, por um milagre de caçarola, no mais saboroso dos guizados militares. Terminado o jantar, Monselet reuniu em um prato os ossos da victima e gemeu, enxugando os olhos:

— Pobre "Azor"! Que jantar perdeste hoje!...

E' esta, mais ou menos, agora, a exclamação que me cabe:

—Ah! Emilio! Que pilherias nos darias tu, neste momento, se estivesses presente a esta solemnidade!

(Humberto de Campos, discurso na Academia de Letras).



A PYRAMIDE DO PIQUES.

Si a cidade de S. Paulo conservasse o aspecto colonial — como as velhas cidades mineiras — apresentaria como distinctivo, notavel pobreza de obras d'arte. O tecto da Igreja de S. Francisco, onde um pinta-monos parece ter passado horas divertidas, é dos unicos exemplares da pintura religiosa. Na architectura o estylo barroco apresentava a sua expressão mais primitiva. Núas de ornamentos, de grandes curvas pesadas, privadas quasi sempre até da nota risonha dos azulejos, nem uma só das Igrejas escapou ao insonso typo appellidado jesuítico.

Tudo isso desapareceu. A leal e heroica cidade procedeu como sujeito enriquecido em relação aos parentes pobres, embóra lhes deva o que é: trata de escondel-os. S. Paulo (*Paulicéa* lembra uma casa de doces) quiz esquecer o seu passado materialmente modesto, mas honradamente honesto. Um rincão parecia esquecido, furtando-se ás vistas dos reformadores. Seguramente — a segurança em Historia, como em todos os conhecimentos humanos, encerra noventa probabilidades de erro — ha mais de 50 annos os poderes publicos respeitavam religiosamente a pyramide do Piques e respectivo jardim. Sacer est locus: é sagrado o lugar. "O largo da Memoria esse então, é, com imperceptiveis alterações o mesmo que eu conheci quando estudante de preparatorios em 1870; o mesmo paredão desenxabido os mesmos pés de cicutá enrolados sem poder trepar, a pyramide desconsola-la, e até alguns moradores que eu cumprimentava quando menino." Escreve Martim Francisco, Com certeza — aquella certeza ali de cima — isso contribuiu para que as imaginações ociosas creassem as mais absurdas lendas a respeito do monumento. Commemora a fundação dos Cursos Juridicos, dizia um bacharel, sem attentar para a antecedencia de 14 annos; outros desfám a complicada historia dumas joias enterradas; depois que ali foram encontrados pedaços de cano de papelão betumado, entendeu-se que fixava a data do primeiro serviço de aguas. De pouco valeu que o venerando sodalicio pela voz competentissima de seu secretario, Dr. Afonso de Freitas, esgotasse o assumpto. Tornemos a elle, com a licença de Ho-

racio, repetindo o que já foi dito, olhos fitos em seu parecer de que as repetições agradam. O que é mister, pois a pyramide tem historia desenxabida como uma menina de saia cumprida e salto baixo.

*
* *

A Consolação, hoje caminho obrigado aos que fazem a grande viagem, já o foi para os viajantes que demandavam Ytú, Camp'nas, etc. Aos viajantes e aos cargueiros portadores de assucar e outros generos, commercio de importancia quasi rival ao da marmelada no seculo 17. Pela estrada do Pe. José seguiam os cargueiros para Santos, e de lá nosso assucar ia adoçar a bocca dos visinhos do Pacifico, e engrossar a fortuna do velho Figueiredo e outros portuguezes espertos. Cada camarada tinha a seu cargo um lote de bestas, e a tropa compunha-se de varios lotes. Que typo curioso o tropeiro! Bohemio infatigavel andarilho, venc'a diariamente tres a quatro leguas, distancia entre dois poisos. Dotado de espantosa sobriedade, da cosinha cuidava um menino, denominado *Juiz*; seus petrechos um caldeirão para o feijão. O *Juiz*, como tantos outros de verdade, não tinha espada nem balança para manipular o toicinho, condimento unico da iguaria. Tres paus fincados em terra e cruzados em cima resum'iam o fogão improvisado. A' roda do lar ambulante passava a noite (depois da formidavel jornada!) ponteando a viola, plangendo uma sanfona rouca, ou batucando *rasgado* cateretê. Ou surgia do bojo da patrona, da companhia do fumo palha e isqueiro, um baralho ensebado. Então o truque sobre um coiro prolongava-se pela noite velha. Calça e camisa de algodãozinho, chapéu de palha, na cinta a indefectivel faca, — eis o seu vestir. Corpo magro, nervoso, tendões á mostra, rosto afogueado, raros fios de barbas salpicados pelos queixos, eis o seu physico. Para caracterisar a physionomia moral, basta o traço uno e forte da mais absoluta probidade. Rixoso e brigão, esfaqueiará sem p'edade o desaffecto de um momento. Mas tendo diariamente á guarda valores e mercadorias, justamente, jamais o accusarão de roubo. Seu luxo e capricho residiam "na cabeçada da madrinha



que andava na frente do primeiro lote. Quando não era aparelhada de prata, era bordada com buzios, tendo sempre alamares pendentes da testeira, e um penacho que ficava no cimo da cabeça. Porém o que a cabeçada tinha de melhor era os tres sincerros de cada lado, que, com os movimentos da cabeça, estavam constantemente repicando para chamar e guiar os lotes que vinham atraz. A madrinha que era sempre um animal escolhido, parecia consciente de seu encargo, marchando sempre muito ancha na dianteira, sem consentir que qualquer outra lhe tomasse a frente". (F. A. Vieira Bueno).

Em 1814, com lentidão de mollusco e economia de avarento — eram tão magros os cofres publicos! — a Junta Governamental resolveu melhorar a estrada do Piques na entrada da cidade. Tratava-se: primeiro de conservar a rua da Palha, *sahida para a cidade nova*, que conduzia ao largo da Palha. — sem prejuizo da estrada do Piques. Isto hoje equivale a dizer: formar a bifurcação da rua da Consolação em Xavier de Toledo e ladeira do Piques; segundo: evitar o lamaçal que se formava na estação chuvosa na descida da estrada do Piques, onde o terreno é argiloso; terceiro: aproveitar uma nascente d'agua existente nas fraldas da elevação. Houve dois projectos: construir o paredão no direcção da ladeira do Piques, lado esquerdo de quem desce, onde tres casinhas trepadas no morro olhavam para a estrada,—formando assim um plano elevado ou praça que iria morrer na rua Xavier de Toledo; e o projecto que se realisou, da amurada seguir a direcção da r. Xavier de Toledo, collocando no triangulo o chafariz e a columna. Encarregou-se do estudo e construcção ao Marechal Daniel Pedro Muller, nascido de allemães, vindo de Lisboa ao tempo de D. João VI. Já publicado no vol. XX do Instituto de S. Paulo, reproduzimos o seu officio ao governo e damos igualmente a lume a planta inedita que o acompanhou. A intelligencia de um é impossivel sem a presença do outro.

"Exmo. e Illmos. Snrs. — Encarregado por V. Excía., e S. S. pela Portaria de 26 de Agosto do presente anno, da construcção da Estrada do Piques, desta Cidade, posso apresentar as seguintes reflexoens.

Na planta junta se vê a falta de parallelismo que há naquella Rua, e que o lado A. A. hé mais alto que o B. B; não ha pois outro meio de se não fazer duas ruas em differentes planos, sendo a mais baixa, como principal, a mais larga incumbindo-se aquelle defeito: isto pode ser de dois modos.

1.º Fazendo-se a muralha na direcção C, a, b, d, collocando o chafariz em o; mas desta maneira se vê que a rua alta fica com os seus lados em direcçoens que hão de fazer hum muito máo effeito, a praça do xafariz, e a rua maior, acanhadas até mesmo ha de parecer irrisorio o formar-se uma muralha que só tem por fim sustentar os tres rediculos edificios que mostra o mappa.

Edificando-se a parede na direcção e, f, g, h, com o xafariz em R, arrasando-se o terreno b, f, g, h, i, fica a obra a mais perfeita, que posso conceber neste caso, porque o defeito do parallelismo, que he mais preceptivel em lugares estreitos, que nos largos fica muito remediado; pois que na rua alta he perfeito, e na baixa disfarçado pela praça; resulta pois muito mais elegancia, e meno despesa: porque as paredes que se hão de construir são menores, e não ha necessidade de conduzir terras (que no 1.º caso ha de muitas) aproveitando-se as que se desmontão da parte elevada, particularidades estas, que certamente poupão, o que se ha de gastar na compra do terreno.

Mas para se conseguir este segundo projecto que, necessariamente se deve seguir, he necessario que V. Excía. e S. S. mandem proceder á avaliação do terreno b, f, g, h, i, pelo Senado desta Cidade, e que este se pague aos seus dónos pelo cofre que deve fazer a despesa: ora esta avaliação não pode montar a muito, as casas são de pouco valór, e os dónos podem aproveitar uma grande parte dos materiaes dellas; clausula que os avaliadores devem ter em vista.

Espero pois que V. Excía. e S. S. attendendo a esta minha representação, hajão de dar-me o mais breve possivel decisão a este respeito conforme o prudente e sabio juizo de V. Excía. e S. S. julgarem acertado; porque se deve aproveitar, para principio daquelle trabalho que se vae fazer em memoria do gov.º



de V. Excia. e S. S., o resto da estação secca deste anno. S. Plo. 17 de 8brº de 1814. — Sou com todo o resp.º — De V. Excia. e S. S. o mais reverente subd.º — Daniel Pedro Muller”.

A excellencia do Governo era o bispo D. Matheus de Abreu Pereira e as Senhorias o ouvidor D. Nuno Eugenio de Lossio e Seilbz e o chefe de esquadra Miguel José de Oliveira Pinto. Duas obras d'istinctas eram projectadas e foram levadas a termo: o chafariz, fonte publica que se vê distinctamente nas photographias de 1862; valerá a pena lamentar a perda da lapide e inscripção? E a columna erguida *em memoria do Governo*, lê-se no officio de Muller Dahi o d'zer-se frequentemente columna da Memoria, largo da Memoria etc. Em sua face principal está o distico: — *Aozelo do Bem Publico — 1814.* — Porém é mais provavel que a construcção terminasse em 1815. O pedreiro mestre das obras chamava-se Vicente Gomes Pereira, o mesmo que em 1826 iniciou no Ypiranga a construcção do primeiro monumento projectado á Independencia. Repousava a columna dentro duma bacia d'agua, em forma de semi-circulo (V. photographia de 1862). Seria curioso reconstituir o aspecto antigo, em lugar de, como no actual projecto, collocar um jogo d'aguas atraz da columna.

* *

Façamos pausa para uma digressão. Não pertenco á Maçonaria, noticia que pouco importa ao leitor. Sou inimigo das sociedades secretas, no que o leitor de muito juizo discorda de mim. A seu respeito occorre-me o raciocinio: Si nas instituições, corporações, congregações e outros *ões* de character publico, impéra e viça a prepotencia, a hypocrisia, — o que será nas sociedades e companhias em que os actos dos chefes ficam adstrictos ao mais absoluto segredo? A Maçonaria paulista é hoje alguma coisa mais do que *brinquedo de crianças inventado para velhos*; offerece louvavel exemplo de beneficio publico. Sob a alguns mil o numero de crianças que recebem instrucção primaria nas escolas que ella mantém. As sociedades secretas existem porque foram e são perseguidas. Desconheço-lhes outra funcções além de embasbacar ingenuos, e servir precipuamen-

te, com prejuizo de tudo mais, o interesse... dos chefes. Assemelham-se á medicina julgada pelo philosopho: quando acerta, a luz do sol, a publica opinião annunciam a victoria; quando mata pela cura, a terra sollicita e o coveiro á pressa escondem o erro. O que ellas fazem de nobre, de util, todo o mundo sabe; ficam sepultados na sombra, sem appello nem outro remedio que o silencio (tal qual o que morreu da cura) todos os procedimentos menos dignos.

Mas quanto a pedreiros livres, longe de mim a idéa de fazer sensacionaes revelações ou intrrometer-me em sua vida. Quero apenas externar uma observação que pode ocorrer a qualquer outro leigo. A columna é um dos symbolos da Maçonaria, ensinam os dictionarios. Proximo á columna da Memoria, existe o edificio duma loja maçonica. Muito bem. Ora, na parte fronteira do predio, aos do's lados do cimo fachada, o engenheiro collocou o inesperado ornamento de dois columnéllos, perfeitas miniaturas da columna da Memoria... Simples coincidência, filha de imaginação precaria? Não é só: em monumento funebre, por signal collocado em lugar extranho, de novo apparecem reeditadas as linhas da agulha de pedra de 1814. Deduzir d'ahi que a columna do Piques commemora a fundação da Maçonaria será incorrer em anachronismo ainda mais berrante do que apontal-a como commemorativa da creação dos Cursos Juridicos, pois a Maçonaria paulista foi fundada por um estudante em mil oitocentos e trinta e poucos.

*

* *

Eis a respeito da columna erguida *em Memoria* de um governo obscuro, e do desaparecido chafariz ao derredor do qual se passa a scena que será reproduzida em azulejos para o actual melhoramento, idéa e execução de Wash Rodrigues, nome que se vae ligando á historia do velho S. Paulo.

O constructor da columna, depois de participar do Governo em 1822, época em que tinha fama a belleza de suas filhas, nesta terra de meninas bonitas, — o Marechal Müller teve morte ingloria, afogou-se voluntariamente, atormentado por difficuldades financeiras. O

pae da Pompadour dava palmadinhas na barriga do rei perguntando: *Commet ça va?* Müller não quiz familiaridades dessa ordem. Preferiu conservar a honra impolluta e a pobreza causticante. Suas filhas não foram marquezas nem baronezas. Morrer miseravelmente e não chegar a visconde foi o preço de sua dignidade. — *Vicente de Paulo Vicente de Azevedo.*

FREIRE ALLEMÃO

Ha lugares santos em cada nacionalidade. Chamam-se assim os sitios nos quaes nasceram, viveram, pensaram ou morreram os homens egregios de cada povo.

Temos os nossos lugares santos. Ninguem ou quasi ninguem os visita. Quantos sabem do lugar santo onde existe Freire Allemão?

A 24 de Julho de 1797, na freguezia de Nossa Senhora do Desterro de Campo Grande, nascia Francisco Freire Allemão, de um casal de lavradores da fazenda do Mendanha

Cresce pobre. O seu futuro parece limitar-se ao cargo de sacristão da matriz. Nelle, porém, o Vigario, Revdo. Luiz Pereira Duarte, presente intelligencia cuja bruteza espera apenas lapidario para ser joia de um paiz.

Consegue matricular-o no Seminario de São José do Rio de Janeiro. Senta-o nos bancos escolares junto de Evaristo Ferreira da Veiga. Aprende, decora, adivinha.

Em certa altura de estudos, encaminham-no para o sacerdocio. A Igreja é incomparavel farejadora de capacidades.

Freire Allemão recusa o conselho. Não tinha vocação para o sacerdocio. O Padre que não a possui...

Cursa a Academia Medico-Cirurgica. José Bonifacio obtem-lhe uma pensão e, ao cabo dos annos da lei, o ex-sacristão de Campo Grande era o Dr. Freire Allemão.

Aperfeiçoou conhecimentos em Pariz. Organizada, em 1833, a Faculdade Medica do Rio de Janeiro, concorre á cadeira de botanica e zoologia, chama a si o lugar pelo esforço, senta-se na cathedra.

Clinica e herborisa, cura dos homens e trata das plantas. Em 1841 teve a

felicidade de restabelecer D. Pedro II. Medico da Imperial Camara, o Monarca escolhe-o para, como profissional, ir a bordo da divisão naval que, sob as ordens do General de Mar Theodoro de Beaurepaire, foi a Napoles buscar D. Thereza Christina.

Jubila-se em 1853. Na Faculdade de Medicina percorreu quasi vinte annos sobre a botanica, faltando das magnificencias de Deus na exaltação do espirito humano.

Ia emfim de todo para o seu natal, querido e inspirado Campo Grande...

Ainda não. Abre-se a Escola Central, metamorphose da Academia Militar.

E' preciso ensinar botanica. D. Pedro II insta para Freire Allemão tomar a si o encargo.

O sabio vestio farda, para dar aula. "Assentei praça de major", dizia rindo, aceitando a honra, pois os lentes da Escola eram considerados majores de engenheiros.

O doutor ria dizendo: "Assentei praça de major e hei de reformar-me em cadete. O homem mais pacato do Rio de Janeiro de espada á cinta depois dos sessenta annos. A não ser epigramma..."

Em 1858 leccionava o quarto anno e tinha por ouvintes os proprios collegas de congregação. O director quiz separal-os dos alumnos, recusaram-se á honraria e todos ficaram discipulos de um só grande mestre. E que mestre! Desenhava admiravelmente. Sob a palavra e sob os dedos o vegetal vivia, expandia-se aos olhos de todos, por um pouco não florescia.

Herborizava immenso. A matta conhecia-o como amigo, as arvores como pessoa de casa. Vinte mil amostras de plantas vieram nas suas bagagens depois de sua excursão pelas florestas cearenses.

De posse do sitio do Mendanha, sempre em Campo Grande, ahi fixou o lar, o coração; ahi casou, já idoso, com a joven sobrinha D. Maria Angelica Freire Allemão; dahi se dirigia a cavallo para Sapopemba e chegava á Côte pelo trem de ferro, dava a lição de botanica e regressava ao seu Mendanha.

Professou cinco annos na Escola Central, a cabo dos quaes pediu que se lh'os mandasse juntar aos vinte annos de ma-



gisterio na Faculdade de Medicina para encerramento do estipendio de sua jubilação. O Conselho de Estado pronunciou-se em favor da pretensão, mas prevaleceu o voto em separado do Visconde de Abaeté negando o direito ao supplicante. Era a ordem de continuar mais quinze annos no magisterio para obter melhor jubilação. O Ministro da Guerra escreveu na consulta — como parece á minoria — e estas quatro palavras de Angelo Moniz da Silva Ferraz assignaram a demissão de Francisco Freire Allemão.

Alquebrado, ferido pela injustiça, ia emfim de todo para o seu suspirado, querido e natal Campo Grande...

Ainda não. A magoa do sabio repercutira numa alma de Soberano. D. Pedro II acudio-lhe, com a nomeação de Director do Museu Nacional.

Ahi deu lustre ao formoso nome, novo lustre, e mostrou que o caracter nada tinha a invejar á intelligencia.

Quando Freire Allemão tomou conta do Museu Nacional, nelle residia a familia do antecessor, o Conselheiro Burlamarqui, numerosa e pauperrima.

Frei Allemão assegurou-lhe que ninguem a desalojaria dos commodos directorias por elle cedidos enquanto exercesse o cargo, preferindo ir e vir do Mendanha a difficultar a vida de gente digna e desvalida.

Assim, grande e bom, celebre e evangelico, patriotico e puro, se conservou até os setenta e sete annos, quando lhe sôou a hora derradeira, somno e allivio das almas de escol, dessas que passam pela vida como de simples emprestimo celeste.

Emfim ia ser todo do seu querido, natal e suspirado Campo Grande...

A 11 de Novembro de 1874, no sitio do Mendanha, freguezia de Campo Grande, exhalava o ultimo suspiro quasi octogenario, o antigo sacristão da matriz, Francisco Freire Allemão, doutor em medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, lente jubilado della e demissionario da Escola Central, chefe de secção e director do Museu Nacional, do Conselho de Sua Magestade o Imperador e medico de Sua Imperial Camara, official da Ordem da Rosa, Cavalleiro de Christo e de Fran-

cisco I de Napoles, o sabio, o desprendido, o Brasileiro.

Como deve ter sido eloquente e inescucível a sua primeira noite de cadaver, no sitio do Mendanha, entre as arvores que o botanico plantara e vira crescer

Alli estava inerte, na solidão nocturna da roça, alumiada por essas nossas incomparaveis estrellas que se não conhecem mais fulgidas em outros céos, o corpo de um homem cuja velhice minada pelas decepções, pelo trahir dos orgãos, pelos insultos apopleticos, desmorrônara lenta e contristadora.

Mas tudo isso era cinza, cinza da terra. A alma, que é fogo, brilhava e havia de brilhar para todo o sempre, no espirito dos discipulos, na lembrança dos contemporaneos, nas paginas dos livros, na immortalidade da sciencia.

Não morrerias, Frei Allemão. Havia de perecer contigo, simples despojo mortal, trabalhado de annos, carcomido de molestias, a tua parcella espiritual de divindade, a tua scentelha de Todo o Poderoso? Havia de sumir-se no sólo o teu merito, a tua canseira de engrandecer o nome brasileiro? As grandezas do mundo podiam ir contigo, tu é que não podias ir de vez. E não foste.

Emquanto houver um teu patricio digno de tal nome serás nosso, bem nosso, tu que exclamavas ao deparar com algum eriribá, raro e prestimoso, daquelles que o Padre Couto, senhor do Mendanha, mandava queimar como archotes para alumiar o engenho durante a noite: "archotes de eriribá! Escapaste do Padre Couto, pobre eriribá!" Não has de ser nosso, Frei Allemão, tu que observavas quando Martins te pedia plantas, de Munich, para classificar-as: "Nessa não caio eu; hei de remettel-as sómente depois de publicadas as descrições; a diagnose ha de ser minha, boa ou má. Não é pouco vel-os lá na Europa, desfazendo o que eu faço e corrigindo, mudando e dando a outrem o que a mim pertence".

Num destes dias de Maio ultimo desejei ir ao lugar santo de Frei Allemão. O tumulto dos homens como elle falla e aconselha, anima e resigna.

A sepultura de Frei Allemão jaz no cemiterio velho de Campo Grande, de

ha muito fechado, fronteiro á matriz, defendido por velho muro de taipa, característico, completando, ás maravilhas, a vetusta do cruzeiro erguido ante a igreja.

Das torres desta, entornam-se os sons dos sinos sobre a cova do glorioso antigo sacristão.

O cemiterio está condemnado a desaparecer totalmente. Segundo dizem, os mortos já receberam ordem de despejo. Consta se deseja estabelecer sobre o sólo mortuario uma agencia municipal.

Contudo, Campo Grande não pôde ser pequeno, ha tanto espaço.

Fui guiado na visita á necropole por pessoa distincta, excepcional, no caso, pela viuva de Freire Allemão, D. Maria Angelica, senhora, cuja robustez physica e espirital, cuja sanidade de virtudes, são populares em Campo Grande, senhora a recordar, adoravelmente, o typo da dona de casa brasileira. Oxalá jámais nolo arrebate a educação moderna, de portas e vergonha a fóra.

A viuva presta-se, numa doce ufanía de discreta saudade, a mandar abrir a porta do velho cemiterio, enferrujada, como que aborrecida de dar passagem a vivos. Os objectos, ás vezes, parecem ter máo humor.

Entra-se. A terra está revolvida de fresco ao pé das covas hiantes. A relva invade certos tumulos e deixa vêr apenas a ponta de uma cruz. O carrapicho adhere ás vestes ao menor toque. Que lugar de melancolia, que melancolia, para as meditações!

Eis o jazigo de Freire Allemão. Bem se adivinha, o claro em roda delle é o cuidado de viuvez fiel, de quarenta e cinco annos!

Ahi dorme o pensador sob as palavras deste marmore:

“Aqui Descanção os Restos Mortaes
Do Concelheiro

Dr. Francisco Freire Allemão
Nascido Na Freguezia De Campo Grande
Em 24 De Julho De 1797
E Fallecido Na Mesma Freguezia
Em 11 De Nevensbro De 1874
Tributo de Amor Conjugal.”

Não mente a declaração. Allí ha o verdadeiro tributo de amor conjugal. São

os élos de cadêa forjada no altar e não ficados na mão esguia, nos dedos sem carnes da morte esqueletica.

“A principio, diz a viuva, tomei conta do cemiterio, outros me ajudaram, contratei um homem para limpá-o. Depois vieram as difficuldades para todos e mal posso entreter a limpeza do tumulo de meu marido.”

Quando Freire Allemão trespassou não havia montepio. A viuva ia ficar sem recursos. Não ficou de todo. A Princeza Imperial Regente fóra discipula de Freire Allemão, assignou a pensão em favor da esposa sem arrimo.

Oitenta mil réis naquelle tempo era alguma cousa; hoje...

Ainda assim a viuva de Freire Allemão não perdeu a coragem, ao menos diante de estranhos. Divide magrissimos recursos entre a manutenção do tumulo do cemiterio velho de Campo Grande e a do sitio do Mendanha. Ha muito heroismo mudo na terra.

Nada sou, nada posso. Direi porém, que o Brasil não deve deixar de prestar a maxima attenção á sua historia e aos seus lugares santos. Direi tambem que não deve deixar de pagar tributo, bem visível, á memoria de Freire Allemão.

Se o cemiterio velho de Campo Grande ha de ser arrasado, ponha-se-lhe no lugar não uma Agencia Municipal, para a qual ha muito local algures, mas uma herma e um lindo jardineiro brasileiro. Tenha este busto de Freire Allemão debaixo dos quaes repousem os ossos do grande sabio, em redor do qual brinquem as crianças de Campo Grande, em cima do qual se derramem os sons dos sinos da matriz e as sombras das arvores solucosas.

Conforme o conselho pombalino no terremoto de Lisboa cumpre enterrar os mortos e cuidar dos vivos.

Cuidem as sociedades doutas, cuide o Congresso de augmentar com alguns ceitis bemditos a pensão dada pela Princeza Imperial Regente á viuva de Freire Allemão.

Contentar-se-ha com tão pouco... Será tão agradecida... Que pôde querer senão conservar o seu Mendanha? Por que não adquirir esta propriedade nacional, verdadeiramente nacional, de facto senão de



direito? Por que não fundar ahí um horto botânico, sob ás vistas de um Pacheco Leão, para perpetuar a memoria do sabio? No Mendanha estão as arvores que plantou; o Mendanha devia ser um sitio de peregrinação, a mostrar a notabilidades estrangeiras. Povo sem tradição, allumiado de venerações presentes, é povo inferior, indigno de sympathy quanto mais de consideração.

E por que não entregar a um fanatico pelo Brasil a tarefa, desinteressada e gratuita, de reconstruir a velha casa de Freire Allemão?

Emquanto espera, talvez para nunca obter, a viuva do sabio vencendo distancias a pé, ensina catecismo ás crianças, orna os altares da matriz, faz flôres para elles, modesta, ignorada, ignorando. Das mãos da viuva de Freire Allemão, o botânico, ainda sahem flores para o céo.

ESCRAGNOLE DORIA

(Do "Jornal do Commercio", Rio)

O CASAMENTO ENTRE OS CARAJAS

Do chefe Tehauluna Coodi, da aldeia do Braço-Forte, posteriormente visitada, ouviu o capitão Pedro Dantas que, segundo os velhos costumes da nação Carajá, o casamento obedecia ao seguinte ceremonial:

"No dia aprazado, depois dos preparativos de grandes festas, os rapazes iam incorporados buscar o noivo em casa de seus paes, e traziam-n'o com todos os objectos de que até então fazia uso e que tinham de ser substituidos por outros dados pelos parentes mais proximos. Aquelles objectos eram furtivamente distribuidos entre os companheiros do noivo que permaneciam solteiros.

Formado o par, seguiam-se os cantos, danças e banquetes, assistidos pelos noivos, que depois eram conduzidos por todos os recantos da aldeia até á entrada da cabana nupcial, inteiramente nova, de um só commodo, que se apresentava com o chão quasi todo forrado de uma bella esteira, de orla franjada.

Uma vez recolhidos á sua nova moradia, cada noivo deitava-se numa extremidade da esteira, longe um do outro, e assim repetiam pelas noites subseqüentes, até passarem-se mais do que vinte, o que o

indio exprimia "uaua debó ituera", isto é — "pés e mãos acabaram". Assim, o casamento carajá não se consumava antes de estar bem estabelecida uma forte intimidade entre os noivos".

Estes indios, obrigados a morarem nas praias do Araguaya, por medo dos canoeiros, que occupam as terras altas, isentas de inundações, vêm-se praticamente impossibilitados de fundarem a sua subsistencia sobre a lavoura, sempre ameaçada de destruição pelas grandes enchentes do rio. Certamente por isso, elles se tornaram, mais do que quaesquer outros, exímios pescadores, em cuja pratica realizam proezas verdadeiramente phantasticas. O capitão Pedro Dantas relata que, na exploração do rio das Mortes, fazia parte da tripulação da sua canôa um carajá, de nome Ubutetan, que, indo com os outros a manejar a vara, na faina de fazer a embarcação avançar contra a correnteza, repentinamente, quando menos se esperava, atirava-se á agua e nella desaparecia num audacioso mergulho. Ficava o official com os sentidos suspensos, ferido de surpresa; mas dahi a pouco via, maravilhado, surgir o indio trazendo sobre uma das mãos espalmadas uma tartaruga, sustida pelo dorso.

Certa vez, o mesmo Uberatan atirou uma flexa contra um camaleão, porém, não foi tão feliz que o attingisse em logar mortal.

O animal, ferido, cahiu no rio, e nelle desapareceu. Atraz delle atirou-se o indio. O mergulho prolongava-se; já todos desanimavam de rever o prodigioso nadador. No entanto, ainda desta vez elle voltou das profundezas do rio, e, o que é mais, trouxe na mão a desejada preza, que debalde se debatia em contorsões furiosas.

Emfim, não ha peixe, por mais arisco que seja, que escape á flexa carajá; com a mesma segurança ella fiska e trespassa o surubí, o barbado, o tucunará, ou qualquer outro.

Da capacidade creadora da mentalidade carajá darei um exemplo, narrando aqui a lenda de Tahina-Can, estrella Vésper, recolhida pelos capitão Pedro Dantas da bocca do chefe Capitichana.

"No tempo em que a nação carajá não sabia fazer roça, nem plantar o milho

cururuca, nem ananaz, nem mandioca, e só vivia de fructa do matto e do bicho que matava e do peixe; existia um casal que teve duas filhas: Imaherô, a mais velha, e Denakê, a mais nova.

Num anoitecer de ceu estrellado Imaherô viu Tahina-Can brilhar tão bello e suave, que se não conteve e disse: — “Pae, é tão bonito aquillo!... Eu queria possuil-o, para brincar com elle”.

O pae viu-se do desejo da moça e disse-lhe que Tahina-Can estava tão longe que ninguem o poderia alcançar. Comtudo, accrescentou: “Só si elle, ouvindo-te, filha, quizer vir”.

Ora, alta noite, quando todos dormiam, a moça sentiu que alguém viêra collocar-se ao seu lado. Sobresaltada, interrogou: “Quem és e o que queres de mim?”

“Sou eu, Tahina-Can; ouvi que me queres perto de ti, e vim. Casa commigo, sim?”

Imaherô accordou os paes e accendeu o fogo.

Ora, Tahina-Can era um velho, muito velhinho, de cabellos e barba brancos como algodão, e de pelle enrugada.

“Vendo-o, á luz da fogueira, Imaherô disse: “Não te quero para meu marido; és feio e velho, e eu quero um moço forte e bonito”.

Tahina-Can ficou muito triste e poz-se a chorar.

Então, Denakê, que tinha um coração meigo e bondoso, compadeceu-se do pobre velhinho e procurou consolal-o, dizendo: “Pae, eu me caso com elle; eu o quero para meu marido”. E o casamento realizou-se com grande alegria do tremulo velhinho.

Depois de casado, Tahina-Can disse: “Careço trabalhar para te sustentar, Denakê; vou fazer roçado para plantar cousas boas, que Carajá ainda não possui nem conhece.

E foi ao Berô-Can; dirigiu-lhe a palavra, e, entrando nelle, ficou com as pernas abertas de maneira que as aguas passavam entre ellas.

O velhinho, curvado para a torrente, de vez em quando mergulhava as mãos e apanhava as boas sementes que iam vogando, rio abaixo. Assim as aguas deram-lhe dois atilhos de espigas de milho cururuca, feixes de maniva de mandioca,

e tudo mais que os Carajás hoje conhecem e plantam.

Sahindo do Berô-Can, Tahina-Can disse a Denakê: “Vou derrubar matto para fazer roçado. Tu, porém, não me venhas vêr no trabalho; fica em casa, cuidando da comida, para quando eu voltar, cansado e com os braços doloridos, matares a minha fome e restaurares as minhas forças”.

Tahina-Can foi; mas demorou tanto que Denakê, de medo que o muito cansaço o tivesse feito cahir exausto e doente, resolveu desobedecer á recommendação e foi de mansinho espial-o.

Ah! que surpresa e que alegria! Quem estava ali, a trabalhar, era um moço bellissimo, de alta estatura, cheio de força e de vida, e tinha no corpo os enfeites e as pinturas que os rapazes Carajás ainda hoje usam.

Denakê não se conteve: louca de alegria, correu a abraçal-o, e depois levou-o commigo para casa, contente por mostrar aos paes o seu esposo, tal como elle era na verdade.

Foi então que a outra irmã, Imaherô, o desejou tambem e disse-lhe: “Tu és meu marido, pois vieste para mim e não para Denakê.

“Mas, respondeu Tahina-Can, só em Denakê encontrei bastante bondade para ter pena do pobre velhinho; ella o accetou, quando tu o desprezavas. Agora não te quero; só Denakê é minha”.

Imaherô, de despeito e inveja, soltou um grito, cahiu no chão e desapareceu; no logar della e em vez della, viu-se um *Urutau*, passaro que ainda hoje dá um grito triste e tão forte que parece ser de uma ave muito maior”.

Foi assim que a nação carajá aprendeu com Tahina-Can a plantar o milho, o ananaz, a mandioca e outras cousas boas que antes não conhecia”.

Ao terminar este bellissimo conto, o velho Capitichana, envolvendo o capitão Dantas num olhar profundo, disse com voz evocativa de passadas emoções: “Foi assim que minha mãe me ensinou”.

CORONEL RONDON.

(*Duma conferencia*).

A RECLAME

A revista alleman "Die Umschau" traz, sobre a psychologia experimental da "reclame", um artigo que vale a pena conhecer, mesmo em resumo. Assigna-o o prof. Hans Henning, que começa mostrando a importancia que representa hoje a publicidade, a qual constitue uma das maiores industrias, sem a qual não pôdem subsistir a nossa vida economica, a permuta ordinaria dos bens, a imprensa, as novas aspirações da politica, da sciencia e da arte. Em summa: sem a publicidade, a civilização tornaria ao seu estado primitivo.

O desastre occasionado pela guerra, motivou na Allemanha, certa prevenção contra o reclamo, de sorte que varias emprezas se voltam para o psychologo, afim de que este lhes dê conselhos sobre a melhor publicidade a adoptar-se. Este novo ramo da psychologia applicada foi ideado por Hugo Munsterberger, o fundador do exame das attitudes segundo as profissões.

O primeiro ponto da questão, consiste em vêr qual o valor mnemonico que tem um annuncio, o que se pôde resolver tanto por experiencias collectivias como com os apparatus mnemonicos normalmente usados em psychologia. Segundo as experiencias de Scott, é o tamanho dos annuncios que apresenta a maxima importancia: um annuncio de uma pagina inteira tem o valor mnemonico relativo de 6 e meio; um de meia pagina, o valor de 3; um de um quarto de pagina, o valor de 1; um de um oitavo, o de 0,3. Em outros termos: o effeito não é proporcional ao tamanho do annuncio. Assim, quem paga um quarto de pagina não obtem a quarta parte do effeito produzido por uma pagina inteira, mas muito menos. E quem occupa, com o seu annuncio, um oitavo de pagina, consegue, em vez de um oitavo, um vigesimo do effeito produzido pela pagina inteira. Nessas condições, fazendo o annuncio uma vez só, tudo depende do seu tamanho.

Mas nós devemos considerar, além do tamanho, a repetição do annuncio. Segundo Munsterberger, os valores mnemonicos são dados pelas cifras seguin-

tes: 0,33 para um só annuncio de pagina; 0,36 para dois annuncios de meia pagina; 0,30 para quatro de um quarto de pagina; 0,44 para oito de um oitavo; 0,47 para doze de um duodecimo de pagina. A repetição de um annuncio produz assim um effeito maior do que o produzido pelo seu tamanho: quem insere, no mesmo jornal ou na mesma revista, durante quatro vezes um annuncio de quarto de pagina, influe sobre a nossa memoria, mais do que fazendo um só annuncio de uma pagina.

Ha outro aspecto importante da questão: o logar que deve occupar o annuncio. Segundo as experiencias de Starch, a primeira e ultima pagina de um catalogo, de um periodico ou de um livro, tem o valor 34; a segunda e a penultima, o valor 26; e as outras o valor medio 17. D'ahi resulta que um annuncio na metade superior da pagina tem um effeito muito maior do que um annuncio na metade inferior. Ha ainda outra differença: em cima, á esquerda da pagina, tem-se um valor mnemonico 28; em cima, á direita, um valor mais alto, isto é, 33; em baixo, ao contrario, só se obtem, á esquerda 16; e á direita, 23.

Estas differenças não se explicam sómente com factos relativos aos movimentos dos olhos, mas por influencias puramente psychicas. Poder-se-ia demonstrar experimentalmente, por exemplo, que um annuncio feito no meio do texto, perde um terço do seu effeito, e, entretanto, na pratica, o consideram mais efficaç e por elle se paga muito mais. Todos os meios de publicidade devem ser apprehendidos rapidamente. Os annuncios, os cartazes, as tabo'etas devem produzir immediatamente o seu effeito, porque o transeunte não tem tempo de se deter muito. A psychologia dispõe de apparatus, chamados tachistoscopios, com os quaes se pôdem calcular, baseado no chronoscopio de Hipp, até o millesimo de segundo, o tempo necessario para apprehender uma visão qualquer.

Com esses apparatus se pôde verificar tambem o gráo de legibilidade. A rapidez da leitura diminue se as letras minusculas são inferiores a um millimetro e meio, mas tambem se ellas exce-



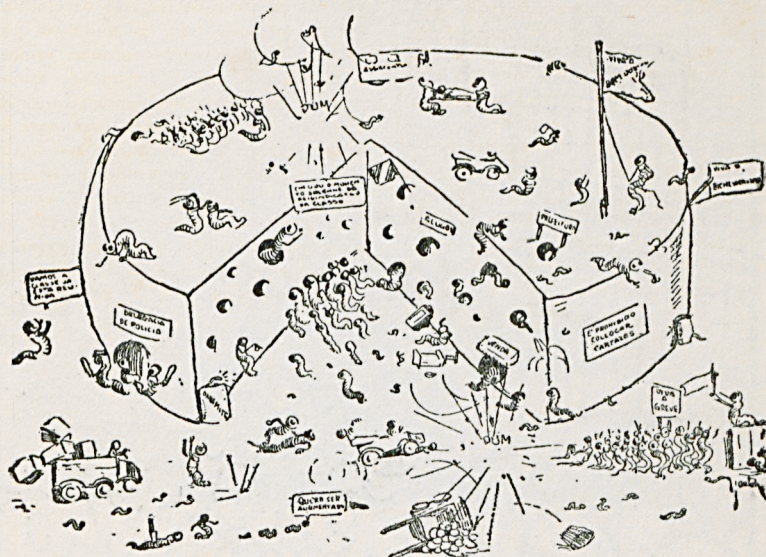
dem de dois millímetros. Tanto mais rápida é a leitura quanto mais certa é a linha, porque, com uma extensão de linha de 60 millímetros nós compreendemos, em cada movimento da vista, tres palavras e meia, ao passo que com uma extensão de 100 millímetros não apprehendemos mais de duas.

E' errada a opinião de que um cartaz tenha effeito tanto maior quanto mais possa satisfazer ás leis da esthetica. Quando o valor artistico de um cartaz é preponderante, a gente considera o quadro como quadro, de sorte que o nome da firma commercial passa para a segunda plana. Muito importante é tambem a

compilação do texto, sendo necessario estudar as opiniões, os sentimentos, os estados da alma, os motivos determinantes da vontade, que o annuncio pôde evocar. Munsterberger estudou tambem o effeito que certas expressões de annuncios produzem nos compradores. Assim, por exemplo, quando uma casa ordenou que fosse substituida nos annuncios a phrase: "Podemos mandal-o á sua casa?" por esta outra: "A senhora leva o pacote comsigo?"— poupou numerosos automoveis que antes eram necessarios para levar a domicilio os objectos adquiridos. — ("O Estado de S. Paulo").



CARICATURAS DO MEZ
GREVE GERAL NA QUEIJOLANDIA



— Foi proclamada a Republica Bichevicki e eleito presidente Kamembert.

Yantok (D. Quixote Rio)

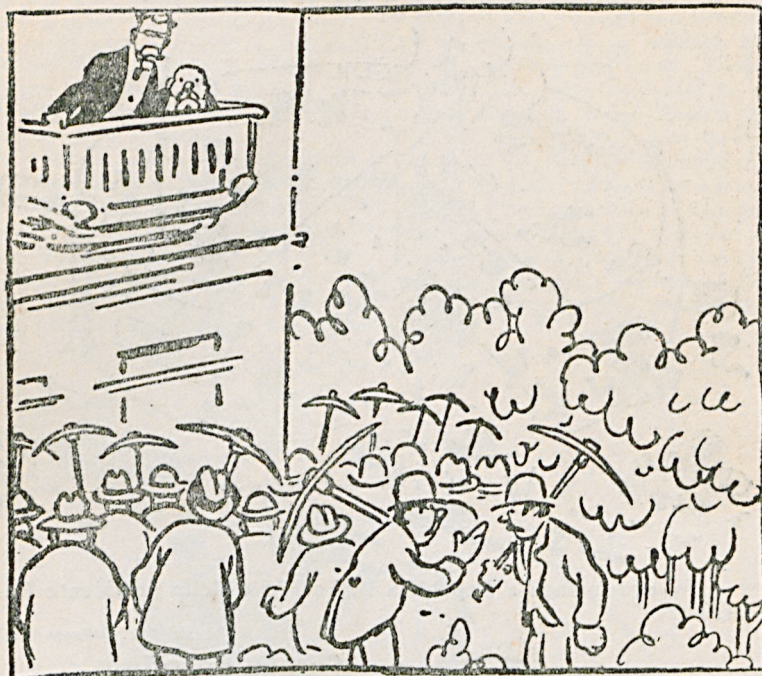
Carnes do officio



— Não me pôsso conformar com estas exposições de carne!
— Pois não sabes? o marido é açougueiro...

Castorino (D. Quixote, Rio)

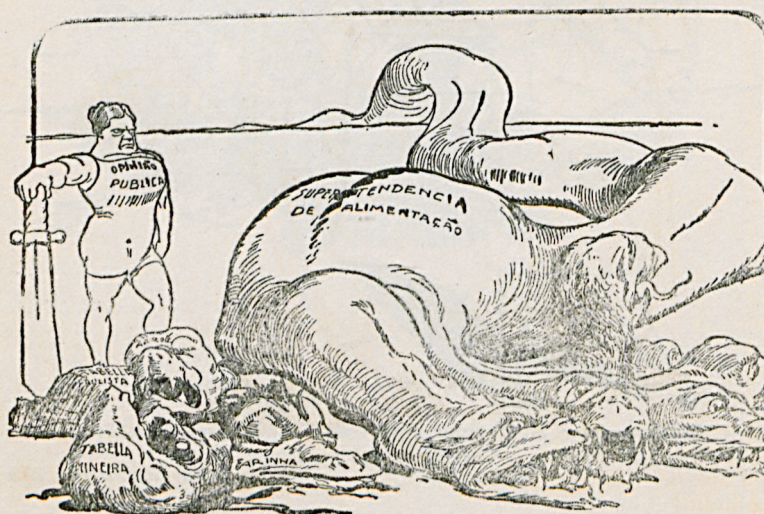
O NOVO GOVERNO: DEMONSTRAÇÃO DE JUBILO
POR PARTE DA IMPRENSA



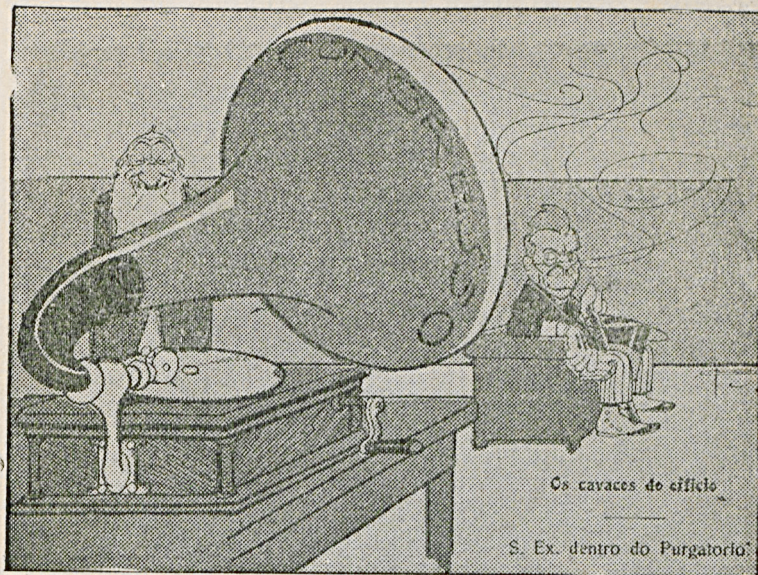
O Presidente — Não de dizer o contrario quando souberem que commigo não cavam nada.

Voltolino (Pasquino, S. Paulo)

DESBASTANDO...



Kalixto (D. Quixote, Rio)



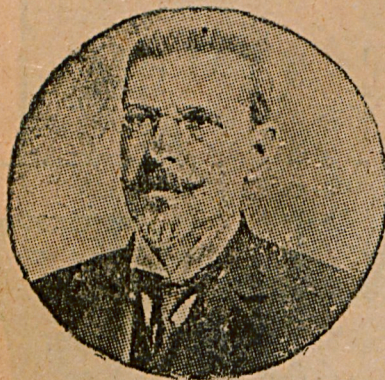
Senado — Recomeçemos a cavação...
Camara — E que D. Executivo não se esqueça de nós na hora da colheita!

J. Carlos (O Malho, Rio)

O Vinho Reconstituente

Recommendo e preferido por
eminentes clinicos brasileiros.

Silva Araujo



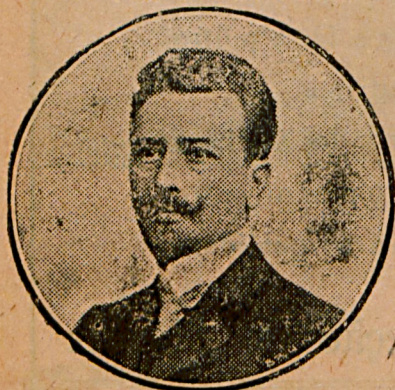
"de preparados analogos, nenhum a meu ver, lhe é superior e poucos o igualam, sejam nacionaes ou estrangeiros; a todos, porém o prefiro sem hesitação, pela efficacia e pelo meticoloso cuidado de seu preparo ao par do sabor agradável ao paladar de todos os doentes convalescentes".

Prof. ROCHA FARIA.



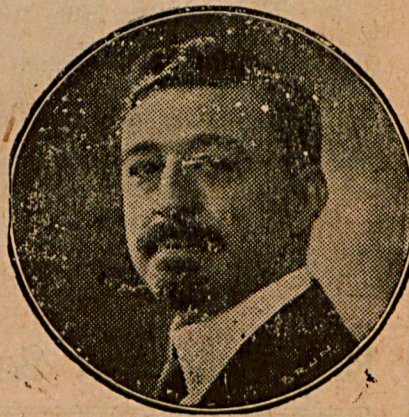
"excellent preparado que é empregado com a maxima confiança e sempre com efficacia nos casos adequados".

Prof MIGUEL COUTO.



"é um preparado que merece a minha inteira confiança".

Prof. MIGUEL PEREIRA.



"excellent tonico nervino e hematogéinico applicavel a todos os casos de debilidade geral e de qualquer molestia intellectuosa.

Prof. A. AUSTREGESILO.

TUBERCULOSE

ANEMIA

RACHITISMO

INAPPETENCIA

ESCROPHULOSE.

LOTERIA DE S. PAULO

Em 25 de Junho

200:000\$000

EM 3 GRANDES PREMIOS

Por 7\$000 — Decimos a 700 réis

OS BILHETES ESTÃO A' VENDA EM
TODA A PARTE

Combater o Bacillo
de Hansen por
meio das
ampoulas
de

JEANSELMIWA

DE
Silva Araujo

Formula
de Jeanselme

Unico trata-
mento admittido
pela sciencia
para a cura da

Oleo de
chaumoolgra di
luido, camphora
e gayacol
Em ampoulas de 2 e 5 grammas

LEPRA

Lampadas Electricas

DE FILAMENTO METALICO E MEIO WATT, PARA
TODAS AS VOLTAGENS.

Material para installação

Bombas com motores electricos

CASA DODSWORTH — COSTA CAMPOS & MALTA

RUA BOA VISTA, 44.

CAIXA, 962

SÃO PAULO.

JOÃO DIERBERGER

FLORICULTURA

SEMENTES, PLANTAS, BOUQUET,
DECORAÇÕES.

ESTABELECIMENTO DE PRIMEIRA ORDEM.

S. PAULO - Caixa Postal, 458. Telephones: Chacara,
Cidade 1006. Loja, Central 511.

LOJA: Rua 15 de Novembro, 59-A.

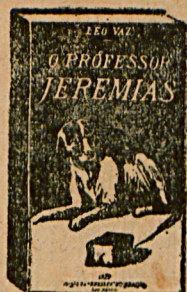
CHACARA: Alameda Casa Branca, (Avenida
Paulista).

FILIAL: Campinas. Guanabara.

PEÇAM CATALOGOS



■ ■ EDIÇÕES DA "REVISTA DO BRASIL" ■ ■



O Professor Jeremias

por LE'O VAZ

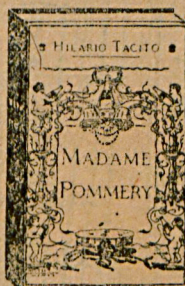
O AUTOR revela-se aqui um fino humorista da familia de Sterne, Anatole e Machado de Assis, vindo ocupar o logar deste, vago até agora.

PREÇO, 4\$000 - PELO CORREIO, 4\$500

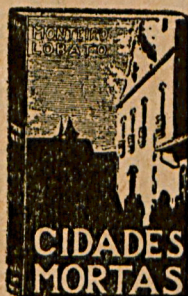
MADAME POMMERY

Romance satyrico de HILARIO TACITO, pseudonymo dum dos nossos mais finos humoristas. Neste livro, que lembra Rabelais, o autor estuda a vida e a acção d'uma corteza de alto bordo em S. Paulo, e mostra como tudo se rojou aos pés della, desde a alta governança até eminentes homens da sciencia.

Brochado, 4\$000 — Encadernado, 5\$000



CIDADES MORTAS



Contos e impressões por MONTEIRO LOBATO, contendo: *Cidades Mortas*, *Coisas de um diário*, *Cavallinhos*, *Noite de S. João*, *Grammatica viva*, *Pedro Pichorra*, *As seis decepções*, *Cabellos compridos*, *Um avó*, "O resto da Onça", *Porque Lopes se casou*, *O caso do Tombo*, *O figado indiscreto*, *O imposto unico*, *O Plagio*, *Duas dançarinas*, *Luzeiro agricola*, "Cruz de Ouro", *O espião allemão*, etc.

Brochado, 4\$000 — — — Encadernado, 5\$000

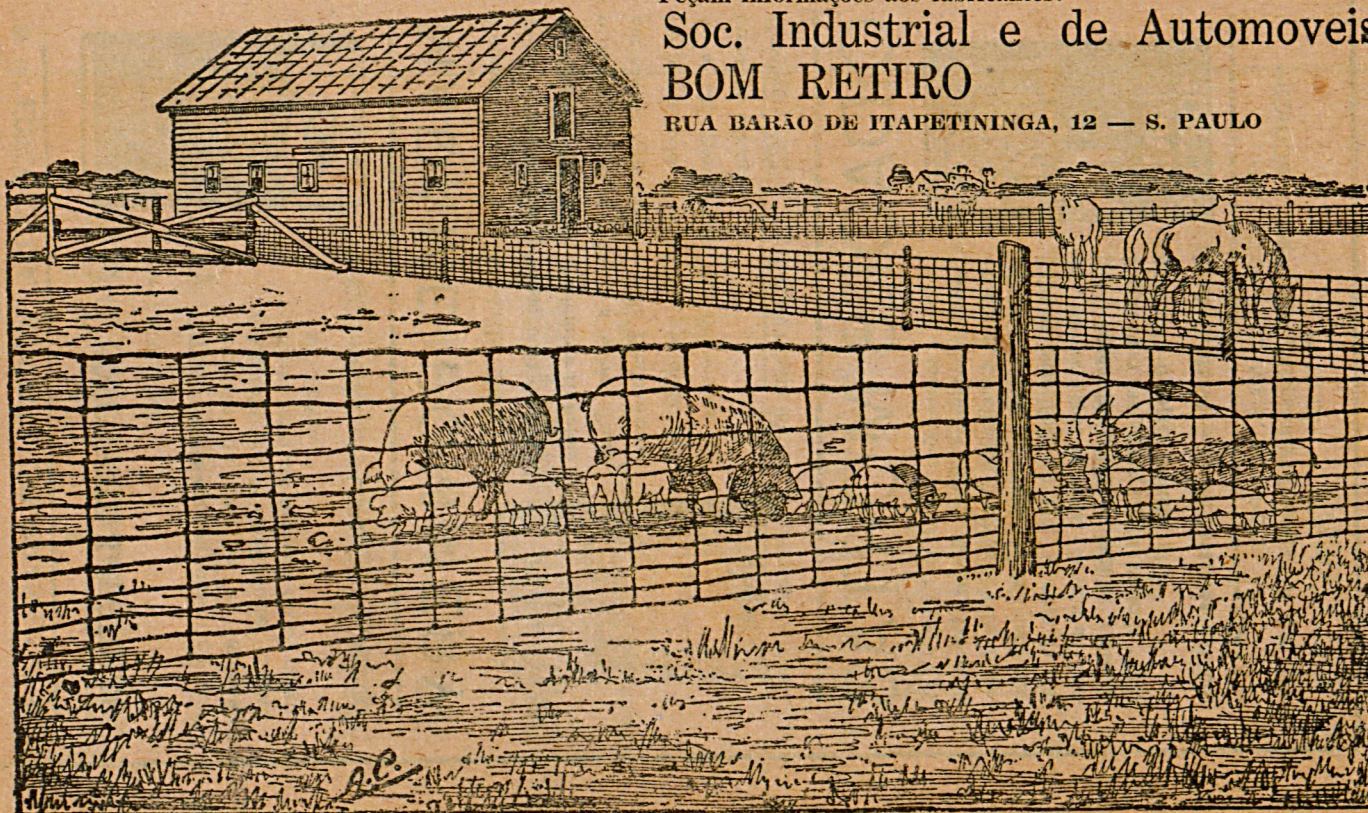
PELO CORREIO MAIS, 500 RÉIS
PEDIDOS Á "REVISTA DO BRASIL" — CAIXA 2-B
S. PAULO

Cerca de Tecido "PAGE"

Peçam informações aos fabricantes:

Soc. Industrial e de Automoveis
BOM RETIRO

RUA BARÃO DE ITAPETINGA, 12 — S. PAULO



unesp

cm 1 2 3 4 5 6 7 10 11 12 13 14 15 16

AGUA INGLEZA
 TONICA
 FEBRIFUGA E APPERITIVA
GRANADO
 INDICADA NA ANEMIA, DEBILIDADE,
 IMPALUDISMO E CONVALESCENCAS
 EXIJAM A
 NOSSA MARCA
 RECUSEM AS IMITACOES



QUINIM, CARNI,
 LACTO PHOSPHATO DE CAL
 PEPSINA E GLYCERINA
VINHO RECONSTITUINTE
GRANADO
 TONICO NUTRITIVO
 Na tuberculose
 anemia fraqueza
 neurasthenia, etc.



EXIJAM A NOSSA MARCA

HEMO - KOLA GRANADO

LIQUIDA E GRANULADA

Formula do Dr. Faria Lobato — Poços de Caldas

TONICO RECONSTITUINTE, VITALISANTE
 ENERGETICO, ANTINEURASTHENICO, ANTIANEMICO.

AS MACHINAS

LIDGERWOOD

para Café, Mandioca, Assucar,
Arroz, Milho, Fubá. -----

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil.

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua, Turbinas e accessorios para a lavoura.

Correias - Oleos - Telhas de zinco - Ferro em barra - Canos de ferro galvanizado e mais pertences.

CLING SURFACE massa sem rival para conservação de correias.

IMPORTAÇÃO DIRECTA de quaesquer machinas, canos de ferro batido galvanizado para encamentos de agua, etc.

PARA INFORMAÇÕES, PREÇOS, ORÇAMENTOS, ETC.
DIRIGIR-SE A

Rua São Bento, 29-c - S. PAULO

SECÇÃO DE EDIÇÃO D' "O ESTADO DE S. PAULO"

